



Amores Irresistíveis - Livro 1

Um Duque
Arranjado
Aline Rubert







Amores Irresistíveis - Livro 1

Um Duque
Arranjado

Aline Rubert



Copyright © Aline Rubert, 2018

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento, cópia e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra — física ou eletrônica — sem autorização prévia da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº.9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, nomes, lugares e acontecimentos aqui descritos são produtos da imaginação da autora, toda e qualquer semelhança com eventos reais são mera coincidência.

Revisão: Thiago J. Marques

Capa e Diagramação: Aline Rubert

2018

1ª Edição

UM DUQUE ARRANJADO

Série Amores Irresistíveis – Livro 1

© Todos os direitos reservados a Aline Rubert

Sumário

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

EPÍLOGO



Prólogo

Londres, 1800.

Ele sempre soube que iria se tornar o Duque. Mas nunca pôde imaginar que seria tão cedo. Agora, com apenas dez anos de idade, enquanto deixava o funeral dos pais, Rannolf ainda não conseguia acreditar em tudo o que havia acontecido. Seu nome agora era Hampton. Não Rannolf, ou Ranny como a mãe o chamava, mas Hampton. O título que sempre pertenceu ao pai, o título de Duque.

Há apenas dois dias atrás tudo estava como sempre foi, Ranny aprendendo o que podia com o pai e os tutores antes de ser mandado para Eton. Christine, com quatro anos, começando a aprender algumas coisas e correndo pela casa toda. A Duquesa esperando o terceiro filho, enquanto o Duque só lucrava mais com suas propriedades. E tudo teria continuado como sempre, não fosse a queda da Duquesa. Uma coisa pequena, tropeçou em um brinquedo que estava no chão. Era de se imaginar que não fosse acontecer nada, certo? Mas aconteceu.

A queda a levou a um parto prematuro, e um ar de pânico assolou a todos na residência, desde o criado do mais baixo até o Duque. Se existisse uma unanimidade naquela casa, era a de que todos amavam a Duquesa. E, enquanto ela gritava no quarto, o Duque andava em círculos pelo corredor, com Ranny sentado em um canto, calado. Isso prosseguiu pelo que pareceu uma eternidade até que a porta foi aberta, revelando um médico de cabeça baixa.

— Sinto muito, Vossa Graça, a criança não sobreviveu.

— E minha esposa? — Essa era a maior preocupação do Duque, e ele não tentou disfarçar nem por um segundo. Nenhuma perda seria tão grande quanto se perdesse a esposa.

— Temo que a Duquesa esteja enfraquecida demais. Não deve passar desta noite. Eu sinto muito. — Mal ele terminou de falar e precisou lidar com uma enxurrada de gritos e ofensas da parte do Duque. Maxwell Rasbury, Duque de Hampton, amava a esposa acima de tudo o que tinha na vida, e não aceitaria ninguém lhe dizendo que ela iria morrer. E enquanto gritava, nenhum dos homens viu Ranny se esgueirando para o quarto da mãe.

Ela estava pálida como nunca esteve antes, e o quarto cheirava a sangue. Se olhasse bem, seria fácil ver as manchas por baixo da manta que a cobria agora. Mas ao ver o filho, por mais fraca que estivesse, Ellen ainda se obrigou a sorrir.

— Ranny, meu menino. Não deveria estar aqui. — Ela estendeu uma mão, e ele correu para segurá-la. — Uma sala de parto não é local para crianças,

principalmente para um menino.

— Mas eu queria ver como a senhora estava, mamãe. — Ranny apertou a mão dela, os olhinhos castanhos reluzindo com as lágrimas. — A senhora vai ficar bem, não vai?

— Ranny... temo que isso não seja escolha minha. E você precisa me prometer que vai ser forte caso eu me for, meu menino. Seu pai vai precisar da sua ajuda.

— Eu não sou forte. Só tenho dez anos, nem para o colégio fui ainda. Por favor mamãe, não vá agora. — Ranny apertou a mão dela com mais força, sem perceber que começava a esfriar ou notar as lágrimas em seus olhos. Nesse momento, o Duque entrou no quarto, depois de ter esgotado toda sua raiva no médico. Naquele momento, Ranny podia jurar que qualquer um em Londres havia sido capaz de ouvir o coração do Duque se partir ao ver a esposa naquele estado.

— Ellen... minha Duquesa, minha vida. — Ele se inclinou sobre ela, lhe beijando a testa e caindo de joelhos ao lado da cama. — Não faça isso comigo, Ellen. Não faça isso conosco. Agente firme, grite, me enlouqueça, mas não me deixe num abismo onde não poderei encontrá-la. Como vou viver sem você, minha alma?

Rannolf se afastou um pouco, dando espaço para o pai se despedir, mas não conseguiu sair do quarto. Queria aproveitar cada instante que ainda poderia ter com a mãe, cada palavra que ela ainda iria dizer. Por mais que não quisesse acreditar, sabia que ela estava partindo.

— Meu amor, você terá que ser forte. Não pode se deixar prender por isto, precisará ser forte se não por si mesmo, por nossos filhos. Ranny e Christie vão precisar de apoio para crescer sem uma mãe. E você, meu amor, se apoie no carinho deles para continuar sem mim. Eu sei que você consegue. — Ela, mesmo fraca sorriu, enquanto olhava para o homem que amou desde os dezessete anos.

— Ellen... — O Duque podia ver a força dela se esvaindo. A fala ficando mais fraca, o aperto dela em sua mão diminuindo. Ele sabia que ela estava partindo, e havia apenas uma coisa que poderia dizer. — Eu te amo. — Os lábios dela se abriram, como que para dizer algo, mas ela se foi antes que pudesse falar.

Horas depois, naquela noite, Rannolf estava caminhando pela casa. Não conseguia dormir. Como poderia, depois de ter visto a mãe morrer em frente a seus olhos? Não, dormir estava fora de cogitação. E a julgar pela luz que vinha através da fresta na porta da biblioteca, não era o único sem dormir.

— Pai? — Rannolf empurrou um pouco a porta, colocando a cabeça para

dentro. O pai estava sentado em uma poltrona, com uma garrafa de scotch pela metade em uma das mãos, enquanto a outra estava fechada ao redor de algo que Ranny não conseguiu ver.

— Entre meu filho, entre. — Ele tomou mais um gole, enquanto o menino entrava e andava até a poltrona em frente a ele. — Não já deveria estar dormindo?

— Não consigo. Não paro de pensar na mamãe... — Ranny abaixou a cabeça, sentindo as lágrimas nos olhos.

— Também não paro de pensar nela. — A voz do Duque soava distante, quase como se não fosse realmente ele ali. — Você sabe que tudo vai mudar agora, não sabe?

— Eu vou ficar triste pra sempre? Sinto falta dela.

— Não, Ranny. Claro que não. A tristeza vai passar, já a saudade... — O Duque balançou a cabeça, olhando para o menino sentado à sua frente. Seu filho, seu herdeiro. E tinha os seus olhos. — Você é um menino forte, Ranny. Sua mãe sempre soube disso. E vai se tornar um Duque, o próximo na linhagem dos Hampton. Rannolf Rasbury, quinto Duque de Hampton. — Ele deu um sorriso que por trás, não demonstrava uma gota de ânimo, e estendeu a mão que não segurava a garrafa, revelando um colar com um pingente de coração prateado. — Era da sua mãe. Dei este colar a ela no dia em que a pedi em noivado. Um dia, entregue-o à sua futura esposa. — Ranny pegou o colar com todo o cuidado que pôde, olhando para o coração. Havia algo escrito na parte detrás.

— Pai, o que isso aqui quer dizer? — Ele passou os dedos pela gravação.

— Ich Liebe Dich. É “eu te amo” em alemão. Uma antiga governanta que tínhamos quando eu era jovem me ensinou algumas frases de seu idioma. Sua mãe amava o modo que as palavras soavam. Ich liebe dich. — Ele sorriu para o vazio, com lembranças de Ellen aos dezessete anos voltando à sua mente. — Agora vá dormir, Ranny. Vai ficar tudo bem, eu prometo. — Ele deu um sorriso quase caloroso ao filho, levantando da poltrona e o acompanhando até a porta. Rannolf naquele momento acreditou mesmo que tudo ainda pudesse ficar bem e foi dormir. Três horas depois, a residência Hampton foi acordada com o barulho de um tiro na biblioteca.

Agora, vendo a casa se aproximar pela janela da carruagem, Rannolf secou uma lágrima que caiu ao lembrar de tudo isso. Por toda sua vida, ele perguntaria a si mesmo se seria capaz de ter impedido o suicídio do pai, se tinha deixado passar alguma coisa... Tirou o coração de prata do bolso e o ficou girando nos dedos, enquanto em sua mente giravam as palavras de seu pai. “O amor que ele

sentia o destruiu”. Rannolf não conseguia tirar estas palavras da mente, e foi nesse momento em que ele jurou nunca deixar que se apaixonasse e fosse destruído como o pai.



Capítulo 1

Londres, 1826.

Não é que Melissa não gostasse de bailes. Ela costumava amar eles em sua primeira temporada, mas isso já foi há quase dez anos, quando ela era a bela do baile, recebendo pedidos de casamento de quase todo nobre solteiro em Londres. Porém, naquela época, ela ainda era muito jovem, sonhava em ter um casamento por amor, um romance digno de Jane Austen, mas não podia realmente ser julgada pelos pedidos de casamento que rejeitou. Sim, um deles era de um Duque e outros dois eram de marqueses, mas estavam apenas interessados em seu dote ou eram velhos o suficiente para serem seu avô. Teve um garoto, um barão, dois anos mais novo por quem ela pensou se apaixonar e até considerou o casamento, mas a mãe cortou qualquer interação entre os dois ao descobrir que a família dele estava falida. Pelo motivo que fosse, Melissa ainda não estava casada. E detestava isso.

Era a primeira temporada da irmã mais nova e Corine já havia recebido dois pedidos. Estava noiva. Sim, um deles foi de um caçador de dotes, mas o outro...até um cego poderia reconhecer que ela e Langford estavam apaixonados. E por mais que estivesse feliz pela irmã, Melissa não podia evitar sentir-se com um pouquinho de inveja. Aquela era a vida que ela queria ter tido aos dezoito anos de idade. Se neste momento ela recebesse um pedido de casamento, provavelmente aceitaria sem pensar. Talvez fosse se arrepender depois? Talvez, mas qualquer coisa seria melhor do que os olhares de pena que as senhoras lançavam para ela, sentada junto às outras solteironas.

Sem aguentar mais ser motivo de pena, Melissa levantou-se e aproveitou a distração de uma nova valsa para escapar aos jardins. A residência do Conde de Valbury abrigava um dos maiores jardins no interior de Londres, conhecido por seus vários escândalos. Casais que escapavam para um momento de paixão numa noite e acabavam no altar no dia seguinte por terem sido pegos, juras de amor trocadas entre mulheres casadas e seus amantes sem que seus maridos ausentes jamais desconfiassem. Aquele jardim era, sem dúvida, fonte de vários causos, e graças ao tempo que passava na cozinha ouvindo as criadas, Melissa conhecia a maioria deles. E sabia que agora, com a noite apenas começando, a chance de esbarrar com alguém nos jardins era mínima, pensou que de fato estaria sozinha ali fora. Esse foi seu primeiro erro da noite.

Ainda não havia se distanciado muito da casa principal quando ouviu passos por perto. Parou onde estava, tentando ouvir com mais atenção. A última coisa que gostaria seria atrapalhar o momento de alguém, ou pior, cruzar com

algum bêbado sem limite de decoro. Se distanciou para as árvores e estava prestes a voltar para o baile quando a voz dele a manteve onde estava.

— Não precisa se esconder, Senhorita. Eu não mordo.



Ele havia acabado de retornar a Londres, após sete meses viajando. Não havia planejado voltar em menos de um ano e meio, talvez dois, mas um Duque nunca pode ficar muito tempo longe sem que suas obrigações o venham chamar de volta. Rannolf nunca foi grande fã da sociedade londrina, sempre que podia passava seu tempo em uma das propriedades do campo. Não que não gostasse da cidade, mas não gostava de ir a bailes lidar com moças desesperadas e mães casamenteiras o perseguindo. Quando podia evitar um baile, ele o fazia, ao menos anteriormente. Essa temporada infelizmente teria que ser diferente.

Já havia se cansado do administrador de suas propriedades o irritando com perguntas sobre quando teria um herdeiro, da governanta perguntando quando iria dar continuidade ao bom nome dos Rasbury, e ainda haviam as ameaças do primo de que fosse tomar posse do ducado caso Rannolf morresse sem deixar um herdeiro. E ele definitivamente não iria deixar o ducado de Hampton passar para os Kinross. Ele havia se atrasado um pouco para o baile, e estava agora prestes a entrar, quando esbarrou com a garota nos jardins. Ainda era cedo na noite para que ela estivesse esperando um amante, e estava muito bem vestida para ser uma criada. Rannolf não costumava se envolver com damas de posição na sociedade, mas se a partir desta noite condenaria o seu futuro procurando uma esposa, poderia muito bem aproveitar um pouco antes.

— Não estava me escondendo. — Ela automaticamente ficou na defensiva, mesmo que não quisesse aparentar. — Estava apenas passeando pelo jardim.

— É mesmo? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Uma dama passeando sozinha pelo jardim? Não estava esperando alguém? Quem sabe um amante? — Não faria mal perguntar, quem sabe até irritá-la um pouco.

— Um amante?! — A ideia pareceu a revoltar. — Quem pensa que eu sou?

— Sinceramente? Não faço ideia. Mas sei que é bonita e está sozinha nos jardins de um baile. Se não está esperando um amante, poderia estar em busca de um.

A boca dele se curvou num meio sorriso. Era claro como o sol que ela não tinha nenhum amante à sua espera, mas ele estava se divertindo em provoca-la. A garota era uma boa quantia mais baixa que ele, com um vestido em um tom de creme, o cabelo em um tom claro difícil de distinguir na pouca luz dos lampiões. Mas os olhos eram extremamente nítidos, num tom claro de verde azulado que

ele havia visto pouquíssimas vezes na vida. O queixo era um pouco quadrado, e tinha lábios em forma de coração. E ele pensou em testar aqueles lábios nos dele.

— Pois saiba que não, eu não estou em busca de amante nenhum. Muito pelo contrário, estou em busca de um marido. — Ela ergueu o queixo, de forma orgulhosa, e ele riu, dando um passo a frente.

— Em busca de um marido aqui fora, nos jardins? Posso ter passado algum tempo fora de Londres, mas suponho que candidatos ao casamento ainda sejam encontrados no salão de baile, não?

— Sim, é claro, eu apenas...

— Então não era um marido que estava procurando aqui fora. — O meio sorriso dele aumentou diante da expressão que ela fez. Essa garota, quem quer que seja, era divertida de se irritar, ainda mais levando em conta o quão facilmente parecia ficar irritada.

— Não, não estava procurando um marido aqui fora. Estava caminhando, tomando um pouco de ar fresco.

— Não havia ar fresco na varanda? — Ele ergueu uma sobrancelha, vendo ela franzir o cenho para ele.

— O senhor sempre irrita damas indefesas em bailes? — Ela rebateu, demonstrando um pouco de atitude.

— Só as que caminham desacompanhadas pelo jardim. — Ele riu, dando um passo a frente, encurtando o espaço entre os dois.

— Aprendi minha lição. Me mantereí bem longe dos jardins de agora em diante, obrigada. — Ela deu um passo para trás, pisando na grama.

— Ora, não se prive dos jardins por minha causa. Dez minutos em um jardim podem ser muito mais interessantes que quatro horas em um salão de baile. Talvez mais interessantes até que dez bailes.

— Curiosamente estou aqui há quinze minutos, e tudo que encontrei foi um desconhecido irritante.

— E posso apostar que nosso breve encontro está sendo mais interessante que qualquer conversa que teve lá dentro esta noite.

— O senhor não estava lá dentro para poder saber disso. — Ela o encarou, erguendo o queixo.

— Ah, então concorda que estava entediada?

— Não estou concordando com você...

— Mas também não está discordando. — Ele deu um meio sorriso, dando outro passo na direção dela.

— Não, não estou. — Ela suspirou, desviando o olhar primeiro para as árvores na escuridão, depois para os lampiões no caminho de volta até o baile. — Bem, acho que talvez eu deva voltar para o baile.

— Deve voltar, ou *quer* voltar?

— Creio que isso não faça diferença.

— Como poderia não fazer? Quando se deve fazer algo, apenas se faz. Mas quando realmente quer algo... é totalmente diferente. — Ele a observou, principalmente aqueles olhos brilhando na escuridão. — Nunca fez algo por desejo, Senhorita?

— Sinto lhe dizer, mas desejo não é algo relevante nas escolhas de uma dama da sociedade.

— Pois deveria ser. A meu ver, deveríamos todos seguir as regras de nossos desejos. Principalmente os mais imprudentes, não acha? Afinal, esses são os que trazem as melhores lembranças. — O olhar dele se fixou nela, como se estivesse sendo puxado. Rannolf não se sentia assim há muito tempo. Se bem se lembrava, nunca havia se sentido tão atraído por uma mulher.

— São também os mais perigosos, principalmente para uma dama. — Ela temia por sua reputação, isso era notável.

— Nunca fez nada arriscado, Senhorita? Nunca sentiu vontade de quebrar alguma regra, experimentar algo proibido?

— Estar aqui já não é quebrar uma regra? — Foi a vez de ela erguer uma sobrancelha, o que o fez sorrir.

— Uma pequena regra. E ainda não me respondeu, senhorita. Deseja voltar ao baile?

— Eu deveria voltar ao baile.

— Mas não deseja isso. — Não foi uma pergunta, mas ela respondeu mesmo assim.

— Não, não desejo.

— E o que deseja, então? — Ele deu um passo na direção dela, fazendo com que as costas dela fossem de encontro à árvore que estava atrás. Estavam tão próximos que ela precisava olhar para cima para não tirar a atenção dos olhos dele. — Se renda ao seu desejo, Senhorita. A escolha é sua. Desejo ou decoro? — Ele não precisava de palavras, apenas de uma confirmação de que ela queria o mesmo. Um movimento com a cabeça foi o suficiente.

E ele a beijou.



Aquele foi o segundo erro da noite. Ela sabia que ele ia fazer isso, é claro que sabia. Melissa não era mais uma adolescente de dezessete anos, sabia o que era um beijo. Mas nunca esperou que fosse ser assim. Ele não era delicado, não era um beijo recatado como os outros que ela havia experimentado antes. Esse

era um beijo de verdade, que ela pode sentir do dedo do pé até o último fio de cabelo. Aquele desconhecido não estava apenas tocando os lábios dela, estava a segurando contra a árvore, sua boca pressionando a dela por passagem. E quando ela cedeu, a onda que a tomou foi ainda mais forte.

A língua dele brincou com a dela por um tempo, a explorando, até que ela retomou a si e começou a espelhar os movimentos que ele fazia. Suas mãos foram de forma instintiva ao cabelo dele, um pouco maior que o adequado para a época, o puxando para perto. Ela teve a impressão que morreria se ele parasse, mas ele não parou. A boca se afastou da dela apenas para descer por seu maxilar e pescoço, causando arrepios em lugares que ela nunca imaginou ser capaz de sentir algo. Quando os lábios dele voltaram aos seus, ela estava mais preparada. Ela o beijou de volta por completo, qualquer medo ou receio de que fossem descobertos desaparecendo de sua mente. Aquele era um beijo pelo qual valia a pena se arruinar, um desejo que valia a pena obedecer.

Sabia que não poderiam ficar ali para sempre, mas ainda assim sentiu um choque de frio quando ele se afastou. Parecia cedo demais para dar fim àquela aventura, para voltar a ser apenas Lady Melissa, a filha solteirona e bem-comportada do Duque de Briston. Ela queria continuar sendo a “Senhorita” que é beijada por um desconhecido em uma árvore sem se importar, há apenas alguns metros do salão onde toda a sociedade londrina se encontra. Que Deus a perdoasse, mas naquele momento ela quis muito mais que ser apenas beijada por ele.

— Creio que agora a senhorita esteja pronta para retornar ao baile. — O desconhecido lhe deu um meio sorriso. Ela ainda estava ofegante, suas mãos no peito dele, e mesmo através do tecido que os separava, ela poderia jurar que o coração dele estava acelerado. Ele tinha olhos castanhos que a fascinaram desde o primeiro instante, além da barba inapropriada que cobria o maxilar quadrado, difícil de se observar no escuro, porém fácil de ser sentida quando os lábios dele estavam em seu pescoço. Nunca havia visto um homem como ele, tão diferente dos que ela conhecia e ainda assim com algo que lhe parecia familiar. Certo.

— Posso concordar com isso. — Não queria ir, mas era melhor se afastar dele antes que cometesse algum erro irreparável. Ela o observou por alguns instantes, enquanto ele a soltava e dava um passo para trás. O meio sorriso dele era ainda mais tentador agora que ela conhecia aqueles lábios.

— Foi um prazer conhecê-la. Quem sabe não nos encontramos em um outro jardim por aí, não é?

— Não vai me dizer seu nome? — Ela queria saber quem ele era. Precisava saber.

— E nem você me dirá o seu, Senhorita. — Ele ergueu uma mão, tocando

um cacho do cabelo dela que estava solto do penteado. — Nosso pequeno momento fica mais divertido assim, não acha?

E com isso ele a soltou, andando em direção ao baile como se nada tivesse acontecido. Melissa ainda ficou alguns instantes parada ali, recostada contra aquela árvore, o coração aos poucos recuperando o ritmo. Então era isso que ela havia perdido durante todos esses anos, sendo uma boa moça, esperando por um bom marido apaixonado. Depois dessa noite, ela poderia vir a nunca se casar, mas agora tinha uma vaga noção do que estava do outro lado. E se arrependeu amargamente de nunca ter caminhado pelos jardins antes.



Capítulo 2

Rannolf acabou não se demorando muito naquele baile. Havia perdido drasticamente a hora, graças ao atraso e ao encontro com a garota do jardim. Os lábios dele se curvaram ao lembrar dela. Se tivessem mais tempo, e quem sabe uma moderada privacidade a mais, ele não tinha dúvidas de que a levaria muito além de beijos. Se a encontrasse novamente, ele de certo não perderia a oportunidade. Mas agora tinha coisas mais importantes em mente, o que para sua infelicidade incluía a busca por uma esposa.

Estava agora aguardando a visita de quem seria seu maior aliado nessa busca. Parecia irônico que o Conde de Sandsore, o mais renomado libertino de Londres, fosse ajudar Rannolf na busca de uma noiva. Mas Sandsore entendia a necessidade do amigo de manter o legado da família. Ele mesmo não precisaria se preocupar, considerando que tinha dois irmãos mais do que aptos a manter a linhagem, mas no caso de Hampton, ninguém gostaria de ver o título passar para os Kinross.

Sandsore esteve em Londres durante todo o tempo que ele passou viajando, sabia quem era quem, os dotes, as relevâncias na sociedade...tudo que seria necessário para conseguir uma esposa que faria a Duquesa perfeita, honrando o nome dos Rasbury e o futuro do ducado de Hampton. O mordomo estava instruído a deixar Sandsore entrar assim que chegasse, e por volta do meio da tarde ele entrou na biblioteca.

— Sabe que com essa barba vai acabar espantando todas as garotas, não sabe? — Sandsore riu, estendendo a mão para o amigo.

— Também senti sua falta, Simon. Despenteado como sempre. — Rannolf balançou a cabeça com uma risada, apertando a mão dele. Sandsore revirou os olhos.

— Sabe, já faz algum tempo que não me chamam por esse nome. Quase esqueço que tenho algum título além de Sandsore. — Ele deu de ombros, enquanto se sentava em uma das poltronas. Sim, Nicole e os irmãos o chamavam de Simon, mas era diferente. Hampton se sentou na outra. — Então você está tão desesperado por uma esposa que precisou pedir logo a minha ajuda?

— Era você ou a governanta. — Hampton riu. — E digamos que a Sra. Graves não é uma fonte confiável, considerando que passa os dias na cozinha e só conhece a sociedade através de fofocas. — E se dependesse dela, Rannolf já estaria casado há anos.

— Então preferiu pedir ajuda ao “libertino de pior reputação em Londres”? — Sandsore ergueu uma sobrancelha, segurando o riso. — Devia ter visto

quando o primeiro jornal de fofocas me deu esse título. Damas ficaram com medo de ter a reputação arruinada por dançar comigo, algumas senhoras loucas quiseram me regenerar para casar com suas filhas... um completo caos, se quiser minha opinião. Posso jurar que ouvi um bando de garotas me chamando de “O demônio de olhos azuis”. — Ele riu, revirando os olhos. — Posso até entender de mulher, Hampton, mas entendo muito pouco de esposas.

— E acha que eu tenho alguma dúvida quanto a isso? — Hampton riu, balançando a cabeça. — Só preciso de alguém que saiba me dizer quem é quem atualmente na sociedade. Mais especificamente as solteironas que tenham um dote razoável.

— As solteironas? — Sandsore ergueu uma sobrancelha para o amigo.

— Sim. Quanto mais tempo de solteira, melhor. Uma garota que já tenha perdido as esperanças de um casamento. Assim não vou precisar cortejá-la por muito tempo, ou fingir estar apaixonado. Ela vai ficar grata por ganhar um marido, acima de tudo um Duque, e eu vou ter menos problemas nas mãos.

Sandsore encarou o amigo por alguns instantes. Hampton aparentemente tinha tudo planejado para resolver o problema do casamento e herdeiro o mais rápido que pudesse. De fato, Simon se sentiu grato nesse momento por não precisar se casar, não teria a paciência necessária para isso tudo.

— Muito bem, uma lista das solteironas então. Você foi no baile de Valbury, certo? Algumas delas estavam lá. Lady Theresa é filha mais velha do Marquês de Callendale, tem cerca de vinte e dois anos, eu acho. Não é uma solteirona completa, mas não recebeu nenhum pedido até agora. Lady Nicole é a filha do Conde de Valbury, cresci com ela no interior. Só tem vinte e um anos, cedo demais para ser uma solteirona, mas posso falar com ela se quiser. — Sandsore segurou um sorriso. Mal conseguia imaginar o caos que seria Nicole como Duquesa. Pior ainda, Nicole casada com Hampton.

— Só essas duas? — Hampton ergueu uma sobrancelha. — Costumavam ter mais solteironas sobrando. Pelo visto não sou o único desesperado para casar.

— Bem, também tem Lady Melissa, filha do Duque de Briston. Vinte e cinco ou seis anos, acho que já é a oitava ou nona temporada dela. Um dote enorme, mas rejeitou os primeiros pretendentes que teve e os outros desistiram.

— Quantos foram? — Hampton se interessou nessa. Oito ou nove anos eram mais que suficiente para uma garota perder as esperanças, certo?

— Três ou quatro, se não me engano. Velhos e caçadores de fortunas. Nicole me disse que haviam boatos sobre ela e um barão, mas ninguém sabe ao certo porque não se casaram. Inferior demais para a filha de um Duque, talvez. — Sandsore deu de ombros. — Seja o que for, a garota não está casada. E para piorar a irmã mais nova debutou esse ano e já está noiva, enquanto a irmã um

ano mais velha é casada e já tem dois filhos.

— Me parece o tipo de garota que aceitaria qualquer casamento a esse ponto, não acha? Principalmente sendo de um Duque apenas dez anos mais velho que ela.

— Sim, parece. — Sandsore riu. — Vai falar com a garota antes, ou vai direto ao pai dela com a proposta?

— Se ela estiver no baile de Callendale eu a convido para uma dança. Uma dança e uma conversa na varanda devem ser suficientes para uma solteirona aceitar um pedido. — Hampton deu de ombros, se levantando e pegando uma garrafa de Scotch e dois copos em um dos armários, servindo um deles e entregando ao amigo.

— Um brinde, ao meu futuro casamento! — Ele riu, erguendo o copo de encontro ao do amigo. Isso estava sendo mais fácil do que ele imaginou.



Doas noites depois.

Melissa não parava de olhar em volta. Não sabia ao certo o que estava procurando, mas não parava de olhar para as duas entradas do baile. No fundo, ela queria ver se o desconhecido do jardim de Valbury estaria ali, mas se recusava a admitir isso até para si mesma. Sabia que as chances de que ele falasse com ela ali na luz, sabendo quem ela era, eram mínimas, mas ainda assim queria ver ele. Saber quem era, por que não o havia visto antes. Estava quase perdendo as esperanças, começando a acreditar que foi tudo sua imaginação, quando o viu.

Lá estava ele, o seu desconhecido, conversando com o Conde de Sandsore. Ele era real, então. E ainda mais belo agora que o podia ver claramente. Os cabelos eram de um tom entre o claro e o escuro de castanho, definitivamente maiores que o adequado atualmente na sociedade. A barba realmente quebrava o padrão, dando a ele um destaque entre os outros. Verdade seja dita, ele teria destaque para ela mesmo que fosse o mais comum dos homens.

— Nicole? — Ela se virou para a amiga que havia acabado de voltar com um copo de limonada. — Sabe quem é aquele que entrou agora com Sandsore?

— Quem? — Nicole se virou na direção que a amiga olhava. — Ah, é o Duque de Hampton. Retornou à Londres há alguns dias, Simon, quer dizer, Sandsore, me disse que ele veio em busca de uma esposa. — Eram frequentes estas correções de Nicole ao chamar Sandsore pelo nome de batismo. Algo totalmente inapropriado, é claro, mas era uma consequência de ter crescido na propriedade vizinha a dele no interior.

— Ah, por isso não o reconheci. Ele esteve fora por muito tempo? — Melissa tentou manter o tom o mais casual possível. Se Nicole descobrisse sobre o beijo no jardim, nunca mais iria parar de falar nisso. Ou pior, tentaria empurrar ela para o Duque.

— Mais ou menos um ano, eu acho. Sinceramente eu só sei quem ele é porque Sandsore me falou. Não deve ser do tipo que frequentava muitos bailes antes. Ao menos neste ele chegou num horário apropriado, no baile de papai semana passada ele chegou quase no final, tomou uma ou duas bebidas, cumprimentou minha mãe e foi embora. — Nicole deixou o copo de limonada vazio em uma mesa ao lado.

— Tem certeza que sua mãe não o matou? — Melissa riu, balançando a cabeça. — Pensei que Lady Valbury odiasse atrasos.

— E odeia. — Nicole riu. — Mas ela estava de bom humor. E talvez ache que ele possa ser uma opção de marido para mim, Deus sabe que ela está louca para me ver casada, mas ainda é minha terceira temporada. Não há motivo para pânico. — Nicole se calou, percebendo a besteira que falou. — Mel, não foi o que eu quis dizer e... olhe, eles estão vindo para cá. — A aproximação de Sandsore e Hampton caiu como uma luva. Ao menos para Nicole.

— Lady Nicole. — Sandsore beijou a mão da amiga, com um brilho divertido no olhar. — Lady Melissa. Permitam que eu lhes apresente meu amigo, o Duque de Hampton. Ele pode parecer um selvagem com esta barba, mas garanto que não é tão ruim. — Ele riu.

Nicole fez uma pequena mesura para ele, enquanto Melissa apenas o encarou.

— Hampton, estas são Lady Nicole, filha do Conde de Valbury e Lady Melissa, filha do Duque de Briston. — Sandsore continuou mantendo uma formalidade tão grande que fez Nicole rir. Hampton também estava encarando Melissa, claramente pensando em algo.

— Prazer em conhecê-las, senhoritas. — Ele fez um movimento com a cabeça, os olhos indo de uma para a outra. O som de uma dança acabando o fez perceber que esta era sua deixa, e ele estendeu a mão para ela. — Lady Melissa, me daria a honra de dançar a próxima valsa comigo?



Entre todas as chances no mundo, qual era a probabilidade de ser ela? A garota dos olhos verdes no jardim era também a solteirona que ele havia decidido como alvo. Rannolf não costumava acreditar em coincidências, mas estava quase mudando de ideia. Na luz ele conseguia ver melhor os traços dela, e

agora a cor do cabelo estava visível. Um tom de castanho que lembrava o dourado de um caramelo. E os olhos verdes, tão brilhantes na luz quanto no escuro, o encaravam com surpresa.

— Uma valsa... claro, Vossa Graça. — Ela estendeu a mão para ele, permitindo que a guiasse para o centro do salão, onde outros casais começavam a valsar. Se passaram alguns momentos da dança até que ele falasse novamente.

— Então nos encontramos novamente, desta vez longe de um jardim.

— Sim, Vossa Graça. Mas me parece que mesmo em um ambiente cheio de gente, o senhor encontra uma maneira de pôr suas mãos em mim. — Ela o encarou, o que o fez deixar escapar um riso. Aquela garota não tinha medo de falar, isso era um fato.

— Lhe garanto que não foi proposital. Sandsore havia dito que me apresentaria à Lady Melissa, mas não imaginei em momento algum que a garota dos jardins e Lady Melissa fossem a mesma pessoa. — Ele a segurou em uma volta da valsa, vendo ela franzir o cenho.

— Esperava que eu fosse uma solteirona acima do peso e com cara de buldogue? — Ela o observou atentamente, e ele não pôde evitar uma risada dessa pergunta.

— Na verdade não imaginei como Lady Melissa seria. Mas imaginei que a garota dos jardins fosse nova na sociedade e cercada de pretendentes. — Ele aproveitou de um passo da dança para se aproximar do ouvido dela. — Com certeza beijava como uma jovem aventureira descobrindo o mundo.

O rosto dela adquiriu um tom rosado com as palavras dele, que sorria com o canto da boca. Então ela ficava envergonhada? Ele definitivamente usaria mais disso.

— Vossa Graça, creio que não seja apropriado falarmos destes assuntos no meio de um baile. Se alguém nos escuta...

— Teríamos de nos casar? — Ele ergueu uma sobrancelha, vendo a surpresa no olhar dela ao ouvir a pergunta. — Sei disso, Milady. Sinceramente falando, era isso que eu tinha em mente quando entrei por aquelas portas esta noite.

— Não pode estar falando sério. — Ela piscou algumas vezes, quase tropeçando em meio a dança. Graças a Deus a valsa acabou neste momento.

— Mas estou. — Ele fez uma mesura para ela, encerrando a dança e estendendo o braço, num convite silencioso para que ela o acompanhasse. Sem nem saber o porquê, ela aceitou, o seguindo para uma varanda. Havia outras pessoas ali, impedindo que o momento fosse totalmente impróprio, mas ainda sem ser totalmente apropriado.

— Vossa Graça, poderia me explicar do que estava falando?

— Não é óbvio? Eu preciso de um herdeiro, como deve saber, e consequentemente de uma esposa. A senhorita é uma solteirona, não está em posição de rejeitar um marido. Ao meu ver, formamos um par perfeito. A química nós temos. — Ele deu um meio sorriso, ciente de que estava jogando em território perigoso. Ela tanto poderia dizer sim quanto lhe rejeitar, até mesmo lhe dar um tapa no rosto. Rannolf já havia percebido o quão imprevisível ela era, e isso o divertia.

— Se essa é sua ideia de um pedido de casamento, sinto lhe dizer que é péssimo. — Melissa apenas o encarou, dando um passo para trás. Estava se esforçando ao máximo para esconder o quanto a ofendia ser vista como uma solteirona desesperada por um marido. Odiava ser tratada assim.

— E se a senhorita esperava alguém que se ajoelhasse e fizesse juras de amor, sinto lhe dizer que seu tempo para isso passou. Ficou há sete ou oito temporadas atrás, quando ainda recebia propostas frequentes. Sou sua melhor e provavelmente última opção. — Quando disse isso ele pôde ver um brilho diferente cruzar os olhos dela. Ou mágoa, talvez.

— Bem, pois está muito enganado se acha que vou aceitar essa... nem posso chamar isto de proposta, se quer saber! — Sim, definitivamente era mágoa nos olhos dela. Ele poderia sentir culpa, mas não. Ao menos estava sendo honesto, seria pior se enganasse a garota.

— Prefere continuar solteira, observando sua irmã mais nova se casar na primeira temporada e atestar ainda mais a sua solidão? Ver suas irmãs terem filhos e mais filhos enquanto você envelhece sem um marido ou filhos, apenas observando todas as outras terem a vida que poderia ter tido? — Ele sabia que estava cutucando uma fera com essas palavras, e não se surpreenderia se levasse um tapa neste momento. Mas não foi isso que ela fez dessa vez.

— Prefiro até um convento, contanto que não precise me casar com um homem interesseiro que me vê apenas como um meio para um fim. Um homem que não verá a mínima diferença entre mim e qualquer outra garota. — Ela ergueu o queixo, o encarando. Os olhos brilhando como chamas. — Sinto muito, Vossa Graça, mas nunca me casarei com o senhor. Passar bem.

E se virou, andando o mais rápido que podia sem chamar atenção e desaparecendo na multidão. E Rannolf teve certeza: era com ela que iria se casar, custe o que custar.



Capítulo 3

Quem ele pensava que era para falar com ela daquele jeito? “Sua última chance”, ora, ela preferia muito bem estar solteira do que se casar com ele. Melissa agora estava em seu quarto, enquanto sua criada soltava os muitos grampos em seu cabelo.

— Acredita que ele realmente disse isso? Como se eu fosse uma, uma... — A raiva dela havia chegado a um ponto que não podia ser expressada em palavras.

— Uma desesperada qualquer? — Charlotte sugeriu. Trabalhava como criada de Melissa há tempo suficiente para conhecer um pouco a patroa.

— Exatamente! Consegue imaginar isso? Eu, Melissa Josephine Bourne, filha do Duque de Briston, recebendo uma oferta de casamento ridícula como esta! Ele não teve nem a decência de fingir se interessar de verdade em mim antes de fazer o pedido. — Ela fechou a cara, cruzando os braços e encarando seu reflexo no espelho.

— Mas não seria pior se a senhorita descobrisse depois de casados que tudo não passava de uma farsa? Não teria mais como voltar atrás. — A criada começou a pentear os cabelos dela, os cachos cor de caramelo se espalhando por suas costas.

— Sim, talvez tenha sido melhor desse jeito. Me livrei de um problema maior. — Então por que ainda se sentia mal pelo ocorrido? — Pode ir, Lottie. Obrigada.

A criada fez uma medida e saiu, deixando Melissa sozinha no quarto. Ela pegou a escova e começou a passar distraidamente pelos fios, com a mente se distanciando do reflexo no espelho. Não conseguia tirar da cabeça duas imagens distintas: o desconhecido que a beijou com tanta paixão naquele jardim, e o Duque arrogante que lhe fez a mais ridícula das propostas, apenas algumas horas atrás. Se não fosse a voz tão inconfundível e aqueles olhos castanhos, ela não acreditaria que realmente eram a mesma pessoa. Como poderia ser? Enquanto um lado dele a seduziu no escuro, sem nomes nem apresentações, o outro lado não se prestou nem a ser canalha e a seduzir na luz. Simplesmente jogou as cartas na mesa.

E aquela proposta rondava em sua mente. Não parou de pensar nela enquanto saía andando no baile, nem quando dançou com Sandsore, nem na carruagem para casa. Tampouco parou de pensar naquilo enquanto se banhava, ou agora, se preparando para dormir. A verdade é que no fundo Melissa sabia que ele não estava totalmente errado.

A irmã mais nova se casaria antes deste ano acabar, deixando ainda mais evidenciado o estado de solteirona que Melissa carregava. A irmã um ano mais velha, Emilly, já era casada e tinha uma porção de filhos. Só restavam Melissa e Oliver solteiros, mas, aparentemente para um homem, era mais do que aceitável não ter se casado aos trinta. Mas uma mulher solteira aos vinte e seis? Pior abominação de Londres.

Se casar era, realmente, uma opção a ser considerada. Poderia ter filhos, um futuro, sua própria casa e criados, um grau um pouco maior de independência. Sim, haviam lados positivos em aceitar a proposta de Hampton. Então por que não o fazia? Melissa não queria admitir nem para si mesma, mas sabia a resposta. Se ela aceitasse se casar com ele apenas por conveniência, estaria abrindo mão de sua chance de vir a se apaixonar, encontrar alguém que a amasse e que ela amasse também. Estaria abandonando o sonho que viveu por duas curtas semanas antes de seu pai enxotar o Barão de Baylard. Sim, ela futuramente teria a companhia e amor dos filhos, mas seria isso suficiente? E se no dia seguinte ao casamento ela conhecesse sua alma gêmea e fosse tarde demais?

Era essa pergunta que não a deixava em paz.



Na manhã seguinte ao baile, Rannolf estava cuidando de suas propriedades, deus sabe que eram muitas. Havia meses e meses de gastos e finanças para ele revisar, tudo o que aconteceu enquanto estava fora. Não que ele não confiasse no administrador que havia contratado, mas aprendeu com o pai a sempre checar duas vezes. Qualquer número, um pequeno zero no lugar errado já poderia ser uma catástrofe futuramente. E tudo o que Rannolf menos queria era mais uma catástrofe.

Ele tentou não parar muito para pensar no baile, mais especificamente na garota, mas a imagem de olhos verdes e indignados continuava voltando a sua mente. Ele largou o lápis e sorriu, balançando a cabeça. Aquela garota provavelmente não fazia ideia da fera que havia despertado nele. De fato, ele havia desistido de checar as outras candidatas à esposa, estava decidido em Lady Melissa. Na vida de Rannolf um desafio era sempre bem-vindo, e ela seria um desafio e tanto. E quando se decidia em algo, ele raramente desistia.

Acabou por deixar a contabilidade pela metade, continuaria na manhã seguinte. Aproveitaria a tarde para provocar mais sua futura noiva, a questão era como. Não precisou pensar muito para encontrar a solução óbvia.

— Sra. Graves? — Chamou, e em poucos instantes a governanta estava a

sua frente. Gladys Graves havia sido governanta da casa desde antes dos pais morrerem, praticamente o criou.

— Vossa Graça, do que precisa? — Ele ainda balançava a cabeça diante às formalidades. A mulher o chamava de “moleque malcriado” quando era mais novo, não tinha necessidade de ser formal hoje em dia.

— A senhora sabe de muitas fofocas da sociedade, certo? Seja sincera comigo.

— Bem... sim, senhor. Algumas. — Ela estava claramente tentando entender o que o patrão tinha em mente. Ele sorriu.

— Bem, preciso saber onde posso me encontrar “acidentalmente” com a senhorita Melissa Bourne. E antes que me pergunte o motivo, tenho planos de que ela seja a próxima Duquesa desta casa. — Os olhos da mulher se arregalaram tanto que ele não pode evitar uma risada. Ela levou alguns instantes pensando para responder.

— Bem, a governanta deles comentou uma vez que a Duquesa passeia pelo Hyde Park com as filhas durante as tardes, mas não sei lhe dizer os dias. Se me permite, por que não faz uma visita à garota?

— Digamos que eu não fiz a melhor das propostas de casamento e ela acabou por rejeitar. — Ele deu de ombros. Gladys balançou a cabeça.

— O que fez com a garota, Rannolf? — Lá estava, o tom um tanto quanto maternal de desaprovação.

— Quer a versão completa ou resumida dos fatos? — Ele riu, fazendo um gesto para que ela se sentasse na poltrona em frente a mesa dele no escritório. — Lembra a noite que eu voltei, aquele baile de Valbury? Eu a encontrei no jardim, sem saber quem era. Consegue imaginar o que aconteceu, não?

— Não só consigo, como sei que essa não foi a educação que sua mãe, que Deus a tenha, e eu lhe demos. — Ela balançou a cabeça em desaprovação e ele apenas deu de ombros. Não queria demonstrar, mas ainda lhe incomodava a menção da mãe. Sempre incomodaria.

— Não fiz nada que ela não quisesse também, Gladys. Prosseguindo, quando Sandsore esteve aqui, fizemos uma lista de solteironas com quem seria fácil me casar. Não pensei que Melissa Bourne e a garota do jardim fossem a mesma pessoa.

— Mas se aproveitou disso para ir direto ao ponto do casamento. — Não era uma pergunta, mas ele assentiu mesmo assim. Gladys o conhecia bem demais para que tentasse mentir.

— E ela não aceitou muito bem. Precisamente, disse que preferia um convento para não casar comigo. Então é claro que eu decidi fazer dela minha esposa. — Ele deu um meio sorriso, para o qual Gladys revirou os olhos.

— Claro, o que seria mais lógico que se casar com uma mulher que não o quer? — A irônica na voz dela só o fez rir mais.

— Aí está a questão, minha cara Gladys. Ela me quer, isso era claramente visível. A questão é que ela não quer um casamento sem “amor”. — A voz dele carregava um desprezo tão grande pela palavra que Gladys apenas o observou, calada. — Como se algo bom pudesse vir disso.

— Só porque o senhor acredita que amor seja ruim...

— “Não significa necessariamente que seja” — Ele revirou os olhos. Ela já havia dito isso tantas vezes que ele perdeu a conta. — Não adianta, Gladys. Não vou cometer o erro de me apaixonar por ela ou por ninguém. Não quero acabar morto ou em luto pelo resto da vida. E definitivamente não vou deixar que ela se apaixone por mim, a última coisa que preciso é destruir a vida da garota. Só preciso de um herdeiro e problema resolvido.

A amargura na voz dele era tão evidente que ela não reclamou dessa vez. Gladys sabia que ele ficou marcado pela morte dos pais, mas sempre se surpreendia ao ver o quanto isso ainda o assombrava. Ela apenas balançou a cabeça.

— Bem, se quer meu conselho, falando desse jeito nunca vai conseguir a garota. Tente ir com alguma calma, se não vai acabar sendo odiado pela esposa o resto da vida.

— Melhor do que ser amado, se quer saber. — Ele deu de ombros, se levantando. — Hyde Park, certo? Vou passar por lá hoje à tarde. Obrigado pela ajuda, Sra. Graves. — E saiu andando do escritório.

Ela balançou a cabeça, sem se impedir de imaginar se essa garota conseguiria mudar a cabeça dura dele. Gladys esperava que sim.



Melissa sabia que não devia ter ido ao parque hoje. Deveria ter fingido uma dor de cabeça, de barriga, do que fosse. Após a noite anterior, não estava com o mínimo de ânimo para ver a irmã flertando com o noivo, o Marquês de Langford, ou Harry, como Corine o chamava. Por mais que se sentisse feliz em ver a irmã apaixonada, não era nada agradável assistir isso no dia seguinte após ter sido pedida em casamento do jeito mais ridículo possível.

E como se o seu dia já não estivesse ruim o bastante, ela o viu caminhando no outro lado do parque. Não é possível que ela fosse tão azarada assim. Ela aproveitou que a mãe estava distraída com uma amiga, e Corine com o noivo e se distanciou um pouco das duas. Quem sabe se caminhasse para mais perto do Serpentine ele não a visse, afinal, o local era cercado por árvores e a mãe e a

irmã saberiam que a encontrariam ali. Não era a primeira vez que saía andando sozinha quando elas se distraíam, mas a sorte hoje definitivamente não estava ao seu lado, não havia dado mais que dez passos quando viu ele em sua direção. Sua dignidade não a permitira fugir, então apenas fingiu que não havia notado e ficou olhando para os patos no lago, torcendo para que ele passasse direto.

— Boa tarde, Lady Melissa. — É claro que ele não iria passar direto. Ela suspirou, se virando para ele com um sorriso forçado.

— Boa tarde, Vossa Graça.

— Quanta frieza. É assim que recebe seu futuro noivo? — Ele deu um meio sorriso de satisfação ao ver a irritação dela.

— Pelo visto não fui clara ontem à noite, mas saiba que não pretendo me casar com o senhor, Vossa Graça. Mereço algo melhor do que um Duque arrogante. — Ela sabia que não deveria falar assim com um Duque, ainda mais em público, mas aquele homem a irritava num nível que ela nunca havia experimentado antes.

— Acima de um Duque só estão príncipes, senhorita. É isso que quer, se tornar uma princesa? — Ele ergueu uma sobrancelha, olhando-a dos pés da cabeça. Ela odiava o quanto ele era mais alto. — Ou melhor, uma *Princesinha*. — Naquele momento ela só queria arrancar aquele sorrisinho do rosto dele. — Deixe-me lhe contar um segredo, Princesinha. — Ele deu um passo a frente, quase acabando com o espaço apropriado que deveria estar entre eles. — Eu posso facilmente me tornar o rei de sua cama, se quiser. — E ela odiou o arrepio que sentiu com aquelas palavras. E o fato de que ele conseguia fazer insinuações assim sem nem piscar.

— Como... — Ela precisou respirar fundo para ordenar os pensamentos. — Como se atreve a falar assim com uma dama? Eu poderia reclamar para meu pai de seu comportamento inapropriado.

— Poderia, mas não vai. Sabe que se o fizer eu revelo a ele sobre o jardim no baile de Valbury. — Ele estava blefando, certo? Não poderia estar falando sério.

— Seria sua palavra contra a minha. — Ela se manteve firme. Jurou a si mesma que iria morrer antes de mostrar fraqueza na frente dele.

— E após tantas temporadas, a senhorita já deve saber que uma palavra basta para arruinar a reputação de uma dama. — A voz dele assumiu um tom mais baixo, quase um sussurro. — Jardim. Árvore. Escuro. Beijo. Sua língua tocando a minha, seus seios pressionados contra meu peito... são tantas palavras que poderiam lhe arruinar, Princesinha.

Ela não saberia dizer de qual parte no fundo de sua alma saiu aquela reação, mas no momento seguinte a palma de sua mão encontrou o rosto dele,

num tapa que chegou a estalar. Ele a encarou, piscando algumas vezes, antes de explodir uma curta risada, cobrindo o local do tapa com uma mão.

— Então está mostrando suas garras? Este definitivamente não é comportamento de uma princesa. — Ele não se deixaria abalar tão fácil. Ou não deixaria mostrar, pois ela havia acabado de ver um brilho cruzar os olhos dele.

— Vai continuar com essa provocação, Vossa Graça? Não tenho medo de lhe dar outro tapa. — Ela ergueu o queixo, o encarando. Odiava precisar olhar para cima, a sensação de que ele era mais poderoso. Estava odiando muitas coisas nele hoje. Sinceramente, poderia jurar que o odiava naquele momento e não estaria mentindo.

— Eu não tentaria se fosse você, Senhorita. — Ele a encarou, dando um passo a frente. Provocando, irritando. Por puro desaforo ela ergueu a mão de novo, mas ele a segurou pelo pulso antes que o atingisse. — Eu avisei. — Ele a puxou para perto, ficando com o rosto a poucos centímetros dela. — Não faça essa cara, Princesinha. Estamos cercados por árvores, ninguém irá nos ver aqui. Mas vou lhe deixar com a escolha, dessa vez. Pode se afastar se quiser... — Ele se calou por um instante, a encarando. Os olhos dela pareciam mais verdes a cada vez que ele a via, e ela podia sentir os batimentos acelerados dele contra seu peito. Quem sabe estivesse nervoso também? Ela com certeza estava.

Não se afastou. Não queria se afastar, queria descobrir até onde ele iria, até onde ela mesma teria coragem de ir... a adrenalina falava mais alto que o medo de serem vistos. Sim, ela havia chegado na conclusão de que o odiava mesmo. Mas o desejava na mesma medida que estava curiosa a seu respeito. Ele sorriu. Não precisava de palavras para entender a resposta dela.

— Era tudo que eu precisava saber. — Ele se inclinou para perto, quase a tocando com os lábios, e então se afastou, a soltando e deixando novamente um espaço respeitável entre os dois. Ela abriu a boca para... reclamar? Provocar? Não sabia o que iria dizer, mas ele fez um movimento com o queixo em direção ao parque. — Sua mãe está vindo, Princesa. Não quer que ela nos veja, quer?

— O que? — Ela arregalou os olhos, controlando o impulso de olhar para trás. Se a mãe descobrisse, ela não teria mais escolha. — Não, claro que não. Mas me surpreende que não faça algo de propósito, considerando o quanto está *desesperado* para se casar comigo. — Ela não pôde evitar a provocação.

— Acho que confundi desespero com determinação, senhorita. E já que perguntou, não quero que seja forçada. Vai se casar comigo por escolha própria, para que eu a lembre disso pelo resto de nossas vidas. Quando nos casarmos, vai estar ciente sobre em que se meteu, e vai ser exatamente o que quer. — Lá estava novamente aquele meio sorriso que tanto a irritava. Ela começou a responder, mas ele a interrompeu. — Espero lhe ver novamente em breve, Lady Melissa. —

Ele fez uma mesura, com um olhar longo na direção dela, e então, saiu andando, passando pela Duquesa com um movimento de cabeça.

E Melissa ficou ali, aguardando os comentários da mãe, mas sem conseguir tirar da mente a sensação dele tão próximo dela. Se ele pretendia começar uma guerra, ela precisaria melhorar suas defesas, ou acabaria realmente casada. E o pior de tudo é que ela estava começando a gostar da ideia.



Capítulo 4

Tudo o que Anthony, Duque de Briston, queria fazer nesta noite era tomar uma boa dose de conhaque e dormir, mas já estava claro que a Duquesa não o deixaria em paz. Desde o passeio com as filhas na tarde anterior, tudo o que ela conseguia falar era sobre ter visto a filha conversando com o Hampton e que poderiam juntar os dois.

— Estou lhe dizendo Anthony, essa é nossa grande chance de ver Melissa casada e com um homem de posição! Deus sabe que se depender dela, acabará morrendo solteirona como a tia, e nenhum de nós gostaria que ela acabasse como Tia Mary, certo?

— Sim, querida, sim... — Era a milésima vez que ele dizia isso. Claro que não queria ver a filha solteira e abandonada, mas o que poderia fazer? Forçar ela a se casar? Arranjar um marido?

— Então tome uma atitude! Converse com ela, Deus sabe que ela nunca me escutou, mas tudo que você diz é lei. Se você disser duas palavras ela vai aceitar se casar com Hampton.

— Mas querida, quem disse que Hampton gostaria de se casar com ela? Já parou para pensar que talvez esteja se preocupando tanto à toa?

— Ela é bonita, ainda jovem e pode dar vários herdeiros para ele. E tem um dote considerável, incluindo até aquela casa de campo em estilo francês. Ele seria tolo de rejeitar uma oferta dessas de bandeja. — A duquesa frequentemente falava sobre as filhas como mercadorias a serem vendidas. Sim, ela tinha o melhor delas em mente, mas quem sabe este não fosse o modo correto de demonstrar.

— E é isso que quer fazer? Colocar nossa filha numa bandeja em frente a ele? Quem sabe devesse amarrar um laço na cabeça dela como um pacote. — Anthony revirou os olhos. Amava a esposa, perdoava *tudo* o que ela fazia, mas às vezes, Clarissa passava dos limites. Principalmente quando se tratava de Melissa, como se ele não soubesse o motivo.

— Não é para tanto. Mas não seria má ideia encontrarmos um modo de apresentar para ele as qualidades dela. Estavam conversando e dançaram juntos no baile de Callendale, então é óbvio que ele tem ao menos uma curiosidade por ela. E ouvi as criadas comentando que ele está em busca de uma esposa.

— E desde quando criadas sabem de alguma coisa? — Ele suspirou, tomando um gole do conhaque.

— São quem mais sabe de qualquer coisa aqui. Uma criada encontra a outra na feira ou costureira e pronto, informações correm Londres inteira. E se

essa for verdadeira, só precisaremos dar um empurrãozinho e Mel estará casada.

— E o que quer que eu faça, querida? Só diga e eu faço, se isso significar que vai sossegar um pouco.

— Um jantar. Convide-o para um jantar, com qualquer desculpa que puder pensar, e eu falo com Melissa. Se eles não acabarem o jantar ao menos visivelmente interessados, eu me calo completamente e encerramos o assunto.

— Ótimo. Se ele aceitar um convite para jantar, eu lhe aviso. — Ele balançou a cabeça, mas não pode evitar sorrir ao ver o pulinho de alegria que Clarissa deu. As vezes ela ainda parecia ser a garota com quem ele se casou tantos anos antes, antes de acontecer tudo.



Na manhã seguinte Melissa estava deitada na cama da irmã, observando Emilly escovar os cabelos de Corine. A mais velha havia vindo passar o dia com elas já que estava na cidade, e Corine não parava de falar sobre como seria o casamento, o vestido que pretendia usar, as flores, que valsas gostaria de dançar com Langford no baile do casamento...

— Como você sabia que queria casar com ele, Cori? — Melissa interrompeu os devaneios da irmã. — Como sabia que seria uma boa ideia?

— Eu apenas soube. Nós nos apaixonamos, Mel. Ele literalmente caiu de joelhos e disse que me amava e não seria feliz se não fosse casado comigo. — As duas se viraram para ela, Corine franzindo o cenho. — Por que?

— Mas e se não fosse assim? Se ele não a amasse, se apenas precisasse de uma esposa para continuar a linhagem da família e te escolhesse por ser uma boa opção. O que você diria? — Ignorou a pergunta da irmã, fazendo as que queria, que não saíam de sua cabeça.

— Mel, onde você está querendo chegar? — Emilly perguntou, encarando a irmã.

— Eu só... — Ela suspirou, olhando para o teto. — Conseguem guardar um segredo? E isso quer dizer não contar à mamãe de jeito nenhum.

— Prometemos não contar, certo? — Emilly olhou para Corine e ela assentiu, as duas se virando completamente para Melissa.

— Sabem o Duque de Hampton? Que dançou comigo no baile de Callendale, e que mamãe não para de falar que viu conversando comigo?

— Sim... — As duas estavam quase sem respirar de curiosidade, e se em fosse outro momento, Melissa teria rido.

— Ele meio que me pediu em casamento.

— O quê?! — Os olhos de Corine se arregalaram tanto que parecia que

iam pular fora das órbitas. Emilly ainda estava mais séria, com uma sobrancelha erguida. — Como ele meio pediu?

— No dia que dançamos, ele disse que precisava de uma esposa e de herdeiros e que eu seria uma boa opção. E aquele dia no Serpentine...

— Ele simplesmente chegou e disse isso, sem mais nada? Mel... — Emilly conhecia a irmã bem o suficiente para saber que ela estava omitindo algo, e Melissa suspirou.

— Certo, essa não foi a primeira vez que eu o vi. No baile dos Valbury, aquele momento em que eu desapareci, bem, eu estava nos jardins. E ele me encontrou, ou melhor, esbarrou comigo. — Como nenhuma das irmãs falou nada, ela continuou. — Eu não sabia quem ele era, e nem ele quem eu sou. E nós... bem, ele flertou comigo.

— Não parou no flerte, não foi? — Emilly se sentou na lateral da cama, encarando a irmã. Apenas um ano mais velha, e muito mais sábia. — Até onde vocês foram?

— Um beijo. Só isso. — Ela não iria admitir que gostaria que fosse mais, de jeito nenhum. Corine soltou um gritinho agudo quando Melissa disse isso, fazendo as duas irmãs mais velhas revirarem os olhos.

— Só isso?! Mel, um beijo é muito sério, eu só beijei Harry depois que estávamos noivos! — A surpresa de Corine fez as outras rirem, Emilly principalmente.

— Você ainda tem tanto para descobrir sobre a vida, irmãzinha. Essa é a desvantagem de se casar na primeira temporada. Não teve tempo de aproveitar um pouco.

— Emilly, você não pode estar dizendo que...

— Hayston não foi meu primeiro beijo? — Emilly nunca chamava o marido pelo primeiro nome em frente às irmãs. Sempre o título, Visconde de Hayston. — Pois bem, não foi. E já que é para lhe chocar, nós não esperamos até a noite de núpcias para termos elas. — Emilly piscou um olho, enquanto Melissa tinha uma crise de riso ao ver o espanto de Corine.

— E você nunca pensou em nos contar isso?!

— Mel sabia. E você ainda era uma criança na época, eu não teria porque falar disso com uma menina de dez anos. — Emilly deu de ombros.

— Mas agora eu tenho dezoito! E estou prestes a me casar... — Corine começou a piscar os olhos, do mesmo jeito que fazia quando era criança e queria algo. — Poderia muito bem me contar direito o que se passa entre um homem e uma mulher, certo?

— Nem pensar mocinha. Não contei nem à Mel dos detalhes, contei?

— Infelizmente não. — Melissa fingiu uma expressão de raiva e a irmã riu.

— Viu só? Sem detalhes. Na véspera de seu casamento nós conversamos, mas os detalhes você terá que descobrir sozinha. Ou melhor, com a ajuda de Langford. — Emilly deu um sorrisinho, e as irmãs riram.

— Eu te odeio, sabia? — Corine fez um bico.

— Não odeia não. — Emilly riu, balançando a cabeça. — E voltando ao que começou tudo isso, Mel, pode continuar contando sobre seu beijo nos jardins. — As duas voltaram a olhar para Melissa, que suspirou.

— Foi só isso, um beijo. Um beijo incrível e forte, sim, mas só um beijo. E então no baile de Callendale, quando ele veio falar comigo, ele não tinha ideia de que eu era a garota do jardim. Ele mesmo admitiu que foi atrás de “Lady Melissa” porque era uma boa opção de esposa por ser uma solteirona sem mais opções. — Ela revirou os olhos, fazendo uma imitação forçada da voz dele. — E que era conveniente que eu fosse a desconhecida que ele beijou no jardim.

— O quê?! Eu não acredito nisso. Que homem horrível, ridículo e...

— E honesto. — Emilly cortou o chilique da irmã mais nova. — Pense bem, Cori. Ele não a enganou se fingindo de apaixonado apenas para deixar ela de lado após se casarem. Ele deixou claro o que quer, para ela aceitar sabendo no que está entrando. — Ela se virou novamente para Melissa. — E aquele dia no Hyde Park que vocês conversaram perto do Serpentine? O que aconteceu?

— Ele veio de novo com essa história de ser meu futuro noivo. E ele ficou me provocando, vocês não fazem ideia do quanto ele me irrita! — Melissa bufou, batendo a cabeça contra o travesseiro enquanto ouvia Emilly rir.

— Hayston também me irritava, esqueceu? Aquela mania dele de ficar me chamando de “garotinha” como se eu fosse uma criança, quer dizer, ele é só doze anos mais velho! — Emilly balançou a cabeça, mas acabou rindo. — Hoje até que eu não me incomodo. Se tornou uma espécie de apelido carinhoso e... o que foi? — Ela se interrompeu ao ver a careta da irmã.

— Hampton me chamou de “princesinha”. Eu disse que merecia mais do que um Duque arrogante, e ele veio com uma história de só príncipes estarem acima de Duques e que eu queria ser uma princesinha. “Inha” este adicionado graças ao fato de que eu sou mais de uma cabeça menor que ele. — Melissa suspirou, revirando os olhos para a risada das irmãs. Ambas eram mais altas que ela.

— Sabe o que eu acho? — Emilly sorriu. — Eu acho que você gostou dele. E não gosta de estar sentindo isso, acertei?

— Não! Sim... eu não sei, Emilly. Ele é fascinante e forte, e tem aquela maldita barba inapropriada que o deixa tão diferente... — Ela suspirou, fazendo a irmã rir. — Eu dei um tapa nele, sabia? No Serpentine.

— Não! — Corine praticamente pulou no banquinho da penteadeira,

arregalando os olhos. — Detalhes, agora!

— Ele me provocou demais e eu perdi o controle. Só isso.

— Mel, a história completa. — Emilly encarou a irmã, que revirou os olhos.

— Ele ameaçou destruir minha reputação para que tivéssemos que nos casar e começou a citar palavras que me arruinariam. Jardim, noite, árvore, beijo... não creio que estivesse falando sério sobre me arruinar, mas minha irritação foi demais no momento.

— Que horror! Depois disso você certamente não está considerando casar com ele, certo? — Como Melissa ficou em silêncio, Corine perguntou novamente. — Mel?

— Eu não sei. Uma parte do que ele falou era verdade, eu não estou ficando mais nova e o tempo voa. Desse jeito, em breve, eu vou perder toda chance de um casamento e filhos e vou acabar como tia Mary. — No mesmo momento as duas irmãs fizeram uma cara de espanto e ela riu. — Viram só?

— Eu te entendo Mel, mas você sempre sonhou com um casamento por amor. Nossos pais tiveram isso, nós duas temos. Tem certeza que vai suportar ser a única a se casar por um arranjo?

— Oliver ainda não está casado, quem sabe ele arrume um casamento só para manter o nome da família. — Melissa deu de ombros. — Eu só não quero me arrepender depois por ter feito a escolha errada. Mas não sei qual delas é a errada, me casar sem amor ou esperar e arriscar ficar sozinha no futuro.

— Sabe o que eu acho? Que você precisa pensar. E acima de tudo você precisa ser a sua prioridade nessa decisão. — Emilly sorriu. — Não tem nenhuma pressa em decidir, você pode muito bem esperar e ver o que acontece.

— Quem sabe vocês não acabam se apaixonando? — Corine parecia mais esperançosa que a própria Melissa, que apenas sorriu e balançou a cabeça.

— Vamos ver, Cori. Vamos ver. — Melissa realmente queria ver o que aconteceria. E, quem sabe, uma luz caísse sobre ela e lhe mostrasse a solução.



Existia um motivo para Rannolf odiar abrir correspondências: as cartas da irmã. Não importa o quanto ele a ignorasse, Christine continuava o mandando cartas de tempos em tempos. Dizia que se importava com ele, que não queria ter perdido o irmão. Bem, deveria ter pensado nisso antes de fugir com Montrell. Já haviam se passado no mínimo seis meses desde a última carta, tempo suficiente para ele achar que ela havia desistido, mas aqui estava em suas mãos mais um envelope. Suspirou e decidiu abrir e acabar logo com aquilo.

Caro Ranny,

Sou eu, Chirstie. Me perdoe o tempo sem lhe enviar novas cartas ou bilhetes, estive bem ocupada nos últimos meses. Soube que esteve viajando e voltou recentemente, certo? Espero que tenha se divertido. Eu tenho uma notícia nova para lhe contar.

Você será tio! Estou grávida, atualmente com cerca de sete ou oito meses. De acordo com o médico e as parteiras, a data já está bem próxima. Sei que não quer manter contato comigo, mas quem sabe queira vir visitar seu sobrinho ou sobrinha quando nascer. Estarei, como sempre, aguardando uma resposta sua.

Com amor,

Christine Rasbury Montrell.

Rannolf amassou a folha e a jogou em um canto da biblioteca. Maldita fosse Christine, grávida! Era como se ela quisesse desafiar o destino de todas as formas que podia. Se casou por amor, mesmo sabendo o que isso fez com os pais, e agora uma gravidez, mesmo sabendo que foi isso que matou a mãe. Se Rannolf já pretendia manter distância dela, isso só aumentaria agora. Não queria estar perto para ver a irmã morrer.

Rannolf pegou um copo de Scotch e voltou aos envelopes, tentando tirar a irmã da cabeça. Já estava quase desistindo quando viu um envelope com o selo de Briston. Era um convite para jantar na residência Briston em duas noites. Um meio sorriso surgiu em seu rosto e ele momentaneamente esqueceu do problema com a irmã. Ao menos o plano dele parecia estar dando certo. E a *Princesinha* não perdia por esperar.



Capítulo 5

Melissa estava com os nervos à flor da pele. Ainda não podia acreditar que a mãe agiu por suas costas e convidou Hampton para um jantar! Certo, a Duquesa havia sido discreta e convidado outros também, incluindo Emilly e o marido, além do noivo de Corine e uns dois ou três outros nobres. Mas ainda assim, era golpe baixo ter convidado Hampton, ainda mais se levasse em conta a quantidade de comentários que vinha fazendo recentemente. “Conquiste ele, minha filha” ou “Ele é um bom partido, Melissa”.

Agora ela estava se arrumando com a ajuda da criada. O cabelo estava para cima, num intrincado de tranças e detalhes. Havia escolhido um vestido em tons de lilás com fitas roxas o amarrando. O decote não era muito baixo, mas também não era nada conservador demais. Na opinião de Melissa, se adaptava perfeitamente ao seu corpo. Combinado com as luvas e uma pulseira de brilhantes, ela se achou deslumbrante. E convenceu a si mesma de que não estava esperando que Hampton pensasse o mesmo, queria acreditar que não se importava com o que ele pensava ou deixava de pensar sobre ela.

Foi com isto em mente que ela saiu de seu quarto, apenas para dar de cara com a mãe logo na porta.

— Ah, Melissa. — A Duquesa observou a filha dos pés à cabeça, avaliando-a. — Muito bem, não a vejo tão arrumada desde sua segunda temporada. Isso significa que esteve pensando no que eu disse?

— Mamãe, não há nada no que pensar. — Melissa desviou o olhar. Se a mãe descobrisse que ela estava considerando dar uma chance à Hampton, estava perdida.

— Não diga bobagens Melissa, claro que há. No homem rico, bonito, jovem e solteiro que estará chegando para jantar em poucos minutos. Apenas tente imaginar como seria bom se tornar uma Duquesa assim como eu, e não qualquer Duquesa. Lady Hampton. Percebe como esse título soa? Poderoso. De respeito. — Ela sorriu, encarando a filha que considerava um desastre. — Não quero que acabe sozinha. Muito menos que cometa algum erro e arruíne nossa família toda. Você precisa se casar, Melissa.

— Mãe, eu não vou cometer nenhum erro. Talvez eu apenas queira ficar sozinha, já pensou nisso?

— Se quisesse estar sozinha não continuaria indo a bailes e chorando à noite quando ninguém a tira para dançar. — As palavras da mãe poderiam muito bem ter sido uma facada no estômago que Melissa não sentiria diferença. Quem sabe a facada doesse menos. — Você vai se casar Melissa, eu vou me garantir

disso. Agora tire essa expressão de dor do rosto e desça, em breve ele irá chegar.

A Duquesa saiu andando, deixando Melissa parada ali, com as mãos tremendo. A mãe sempre foi mais dura com ela, e ela nunca conseguiu entender o motivo. Por mais que fosse dura com as irmãs e com Oliver, ela ainda demonstrava algum carinho por eles. Mas com Melissa ela sempre foi mais fria, distante. Quase como se Melissa fosse um peso que ela carregava sem querer.

Melissa só se deu conta de que estava parada ali há alguns minutos quando o irmão apareceu no corredor, erguendo uma sobancelha.

— Mel? O que foi?

— Nada Oliver, nada.

— Me deixe adivinhar, nossa mãe de novo? — Ele revirou os olhos. — Ignore ela, Mel. Se ela quer reclamar de alguém por estar solteiro, que reclame de mim. Sou quatro anos mais velho que você, e o responsável por herdeiros. Se tem alguém aqui que merecia pressão sou eu. “Oliver Bourne, Marquês de Greystone, futuro Duque de Briston...e solteiro, vejam só!” — Ele citou o próprio título, fazendo piada.

— Sabe, se quiser eu posso começar a te empurrar para toda mulher solteira que existir em Londres. — Melissa riu, sem conseguir evitar. Oliver sempre a distraía quando estava triste.

— Elas já se atiram em mim, irmãzinha. Não vai fazer diferença. — Ele riu, enquanto ela revirava os olhos. — Vamos. Meu futuro genro já deve estar chegando, e não queremos deixar ele esperando, não é?

— Para o seu próprio bem espero que esteja falando de Langford.

— Langford? Pensei que fosse Corine que se casaria com ele. O seu é Hampton, não é? — Ele provocou, recebendo uma cotovelada em troca. Que, é claro, não doeu.

— Eu te odeio, sabia?

— Odeia nada.

Os dois riram enquanto desciam as escadas para a sala de jantar. Realmente já estavam quase todos lá, faltavam apenas Emilly com Hayston e Hampton chegarem. E como se seu pensamento o invocasse, o diabo entrou na sala, mais bonito que nunca.



Rannolf não negaria para si mesmo que estava ansioso para ver ela novamente. Só na carruagem de sua residência até a dela já pensou em inúmeras formas de provocá-la durante o jantar, queria testar se ela perderia o controle em frente a família. Esperava que sim, isso com certeza facilitaria o arranjo do

casamento. Mas ele havia dito que a faria aceitar por vontade própria, então nada de algo muito escandaloso, infelizmente. Adoraria começar um escândalo com ela.

Desceu da carruagem em frente ao portão da residência Briston, sendo levado por um criado até a sala de jantar. O Duque estava em um canto com a esposa, a mais nova começava alegremente com o noivo, e... lá estava ela. Acompanhada do irmão, usando um vestido que ele não pode evitar imaginar-se tirando dela. Com os dentes, de preferência. Ele deu um meio sorriso, fazendo uma mesura com a cabeça para ela e andando em direção a Duquesa.

— Lady Briston, permita-me que lhe agradeça pelo convite. — Beijou a mão dela, que sorriu, e se virou para o Duque. — Briston.

— Hampton. — O outro o cumprimentou com um movimento de cabeça.

Melissa e Greystone se aproximaram, ela fazendo uma leve mesura para ele.

— Lady Melissa, é um prazer revê-la. — Rannolf se inclinou, beijando levemente a mão dela sobre a luva. Suspeitava que a formalidade exagerada fosse irritá-la, e o olhar indicava que estava certo. Se virou para o irmão dela. — Greystone.

— Hampton. Soube que andou viajando, certo? — Estava tão óbvio que ele apenas puxou assunto por educação que Rannolf precisou segurar uma risada.

— Passei os últimos seis meses percorrendo a Europa. Paris é bem interessante, se quiser minha opinião. Lady Melissa, — Ele se virou para ela, com um sorriso no rosto. — Eu soube que tem interesse em árvores, ficaria fascinada com algumas que vi pelo interior.

— Árvores? — Greystone se virou para a irmã, uma sobranceira erguida. — Desde quando gosta de árvores? — O rosto de Melissa adotou diferenciados tons de rosa, o divertimento da noite de Rannolf.

— Eu as acho fascinantes. Devo ter mencionado algo durante nossa dança e ele se lembrou, certo Lorde Hampton? — Os olhos dela eram uma ameaça silenciosa para que ele concordasse.

— Sim, provavelmente foi o caso. De qualquer forma, vi alguns palácios germânicos que também creio que seriam de seu interesse. Dignos de uma *Princesa*, eu diria. — Dessa vez ela foi salva de responder, graças a entrada da irmã. Lady Hayston e o marido sorriram para os que estavam presentes ali.

— Peço que nos perdoem o atraso, tivemos alguns...imprevistos. — A julgar pelo olhar que ela trocou com o marido, não foi difícil entender qual foi o imprevisto.

— Sem problemas, minha filha. Chegou bem na hora de começarmos o

jantar. — A Duquesa sorriu para a filha, se virando em seguida para uma criada e mandando que comesçassem a servir o jantar. Em poucos instantes estavam todos em seus respectivos lugares nas mesas, o Duque em uma ponta e a Duquesa na outra. Rannolf estava de frente para Melissa.

Os pratos começaram a ser servidos. Era um jantar casual, então o menu parecia simplificado. Rannolf, que ultimamente comia sozinho em sua residência, não prestou muita atenção nisso. Estava mais interessado em observar Melissa. Ela parecia nervosa.

— Lady Melissa, tivemos tão pouco tempo para conversar no baile, me conte um pouco sobre você. — Ele dirigiu um meio sorriso a ela. Sabia que ela detestaria as perguntas.

— Ela tem grande talento para bordado e até pintura. Conte a ele, filha. — A Duquesa se intrometeu. Rannolf percebeu naquele momento que não era o único interessado em sua união com Melissa.

— Bem, é verdade. — Ela abaixou a cabeça, se distraíndo com o prato. — Eu adoro pintar, é algo que faço há dez anos, desde os dezesseis. — Melissa deu um sorrisinho, sabendo que a menção da idade irritaria a mãe. — Mas e você, Vossa Graça? O que faz quando não está viajando? — Ela o olhou apenas com o canto dos olhos, voltando sua atenção novamente para a comida.

— Atualmente estou em busca de uma esposa, creio que finalmente chegou a hora de me estabilizar. A senhorita já pensou em se casar, Lady Melissa? De certo faria uma ótima Duquesa. — A alfinetada foi certa, fazendo a mãe dela se virar automaticamente para ele e deixando Melissa muda. Foram alguns minutos de silêncio até que o Duque mudou o assunto.

— Então, Hampton, soube que passou por terras germânicas. — Rannolf assentiu. — É tão frio nas montanhas quanto dizem?

— Ah sim. Mas não tanto quanto Londres no inverno.

— Creio que nem o mundo inteiro congelado seria mais frio que um inverno Londrino. — O Duque riu.

— Pai, não comece novamente com seu discurso sobre o frio de Londres ser o pior existente. — Greystone balançou a cabeça, vendo o pai rir. — Ele com certeza acredita que até o norte da Escócia não é frio como Londres, não importa o quanto eu diga que é.

— Você não passava de um bebê no último inverno realmente rigoroso que tivemos, claro que não se lembra do frio de verdade. — O Duque insistiu, e Rannolf viu a mesa toda suspirar. Pelo visto era uma discussão frequente.

— Um conselho, — Hayston se virou para Rannolf. — Se tiver alguma intenção de entrar para esta família, concorde com ele sobre os invernos. — E riu, se voltando novamente para a esposa. Hayston e Hampton haviam se

conhecido em Eton quando eram jovens, tendo só dois anos de diferença, mas a proximidade foi se perdendo com o tempo. De fato, o único amigo que Rannolf mantinha era Sandsore.

— E sobre a Espanha. Que Deus nos ajude se ele começar novamente a falar sobre a Espanha ser a decadência da Europa. — Langford riu, ganhando um olhar de desagrado da noiva. Aqueles dois eram algo que Rannolf não conseguia entender, a garota com dezoito anos, Langford com vinte e poucos, por que diabos alguém escolheria se casar tão cedo? Rannolf tinha pena daqueles que acreditavam que o amor era uma boa escolha.

— Ah, Lorde Hampton, eu soube recentemente que sua irmã está esperando um filho. Imagino que esteja animado com a chegada de seu sobrinho. — Lady Corine se virou para ele, com o sorriso mais simpático no rosto. A pobre garota não fazia ideia do quanto ele desprezava a irmã.

— Não tenho proximidade com ela, então realmente não me faz diferença o filho que espera. — A resposta dele foi seca, num tom ríspido que Melissa não havia visto ainda. Ela ergueu uma sobrancelha.

— E por que não? Eu não poderia imaginar minha vida sem minhas irmãs e irmão. O que ela fez de tão mal?

— Nada que venha ao caso agora. — Rannolf conseguiu segurar o tom ríspido, ciente de que isso dificultaria sua situação com ela.

O segundo prato foi servido, tirando o foco da conversa. Rannolf percebeu que Melissa às vezes o olhava e deu um meio sorriso.

— Lorde Hampton, se me permite a pergunta, o que o senhor procura em sua futura esposa? — Lady Hayston tinha o tom de voz de uma mãe casamenteira vetando possíveis maridos para a filha. Se fosse cego e apenas a conhecesse pela voz, teria certeza de que era mãe e não irmã de Melissa. — Tenho várias colegas solteiras e jovens que adorariam saber o que é necessário para ganhar o coração de um Duque.

— O coração? Creio que estariam mais interessadas em meu título. — Ele ergueu uma sobrancelha, mas ela não se abalou. Lady Hayston era mais difícil de provocar que a irmã. — Mas não me incomode em lhe responder. Preciso de uma esposa que será capaz de arcar com as funções de uma Duquesa, e com idade para ter filhos. Não sou um homem exigente, Lady Hayston. Mas não vou negar, — Ele se virou para Melissa com o canto dos olhos. — Não me incomodaria se encontrasse uma esposa com um interesse especial em jardins. Conhece alguém assim, Lady Melissa?



Ela quase se engasgou com o vinho naquele momento. Ele era tão sem vergonha! E o pior é que as irmãs conseguiriam entender a insinuação. Ela respirou fundo e olhou para ele com a expressão mais desinteressada que conseguiu fazer.

— Creio que não. Eu mesma não tenho interesse algum em jardins.

— Que estranho, pois eu tinha uma impressão de que a senhorita adorava jardins. De árvores eu me lembro que comentou algo. — Ele deu aquele sorrisinho de canto que tanto a irritava. Melissa não admitiria nem para si mesma, mas o que mais a irritava, era a vontade que sentia de cobrir aquele sorrisinho com os próprios lábios.

— Novamente falando sobre árvores? É essa falta de assuntos que normalmente me mantém longe de eventos de temporada. — Oliver riu e Melissa agradeceu aos céus que o irmão às vezes fosse tão desatento às coisas. Se ele percebesse a tensão entre ela e Hampton, estaria perdida.

— Sim, de fato. Mas eu me cansei de jardins, já me deram tudo o que tinham para dar. Não são tão interessantes assim. — Ela queria provocar de volta. De fato, estava tentando, porém, era mais difícil do que parecia. Não conseguia manter a calma com ele tão perto, os olhos castanhos queimando os seus.

— Creio que teremos que discordar nisso. Jardins são extremamente interessantes, principalmente durante à noite. — Quando ele disse isso ela pôde sentir o próprio rosto enrubescendo e o olhar das irmãs sobre os dois. A mãe graças a Deus estava distraída ao dar ordens para um criado que trouxesse mais vinho.

— Sim, teremos que discordar. — Melissa desviou o olhar, tomando um longo gole de sua taça. Não podia acreditar que estava se deixando abalar!

Os dois pratos seguintes se seguiram sem mais grandes tensões na mesa, apenas olhares furtivos na direção dele. Duas vezes ele também a estava olhando, e respondeu com um meio sorriso. Quando as criadas trouxeram a primeira sobremesa Melissa quase gritou de alívio. Estava chegando ao fim, então.

— Lady Melissa. — Pelo visto ela comemorou cedo demais. — Parece animada com a sobremesa. Gosta tanto assim de doces, ou apenas está contente por estar prestes a se livrar de mim? — Ele deu um sorrisinho, causando uma risada na mesa. Ao menos o pai a salvou de responder essa.

— Melissa sempre gostou de doces. As irmãs e o irmão são como eu, preferem qualquer prato salgado, mas Melissa saiu à mãe. — Seu pai deu uma olhada longa dela para a mãe e sorriu. Parecia haver algo por trás daquilo, mas ela não sabia identificar o quê. Sempre tinha algo por trás daqueles dois.

— Ela apenas é mais parecida comigo, só isso. — A Duquesa sorriu, se virando para Hampton. — E você, milorde, gosta de sobremesas?

— Não muito em geral, mas dificilmente resisto a uma torta de creme. — Ele sorriu, e nesse momento Melissa percebeu o que a irritava tanto nele. Ao mesmo tempo que era provocante e irritante, ele era humano e fazia coisas como passear no parque ou gostar de tortas. Ele era alguém de quem ela poderia vir a gostar, e é nisso que mora o perigo.

— O senhor é um homem sortudo, Lorde Hampton. Um dos pratos de hoje é torta de creme. — Corine sorriu. Claro que ela sabia o menu inteiro, ela quem havia ajudado a mãe a preparar a ordem dos pratos.

— Quem sabe isso me dê sorte em outros assuntos também, não? — Ele lançou um olhar rápido para Melissa.

— Eu não me animaria tão rápido, Lorde Hampton. Sorte é uma coisa passageira. — Ela deu um sorrisinho, numa tentativa de espelhar o dele.

Ele apenas riu e tirou o foco dela. A sobremesa passou rapidamente, e quando viram já era tarde da noite. Felizmente para ela, não haveria tempo de prolongar mais a noite com charutos e chás, já que aparentemente “a conversa do Duque de Hampton é tão envolvente que nem viram a noite passar”. A pior parte é que ela concordava com isso. Se levantaram da mesa, com os cumprimentos comuns de despedidas após um jantar. Melissa estava crente que a noite terminava ali, quando ouviu as palavras dele ao beijar sua mão.

— Irei sonhar com a senhorita em uma árvore esta noite, Princesinha. — Era um sussurro quase inaudível, se não estivesse tão focada nele com certeza não teria sido capaz de escutar. O sorriso de canto voltou aos lábios dele enquanto saía. Melissa esperou alguns instantes e se virou para a mãe.

— Ah, que coisa, esqueci de comentar uma coisa com Emilly! Vou ver se ela ainda não saiu, logo voltarei mamãe. — E se virou para a porta, correndo para o pátio de carruagens. É claro que não pretendia falar com a irmã, inclusive, se estivesse correta, a irmã e o marido já haveriam ido embora, sempre saíam com muita pressa. Esperava realmente encontrar com Hampton ainda ali. E ao chegar na porta, lá estava ele, conversando com um dos criados do estábulo.

— Estes daqui não são nada. — Ele deu uma batidinha no pescoço do cavalo, que nem se mexeu. — Deveria ver os percheron que tenho em minha propriedade no campo, aquilo sim são cavalos. — Ele riu, afagando o pescoço do cavalo, e então notou a presença dela. — Lady Melissa. Vai a algum lugar?

— Jerome, será que você e o cocheiro de Lorde Hampton poderiam nos dar licença por alguns instantes? Garanto que não irá demorar. — Ela ignorou Hampton momentaneamente, se dirigindo ao criado da família. — Tenho certeza que se forem à cozinha, Zilah terá o maior prazer em lhes dar o que sobrou do

jantar. Preciso tratar de algo com Hampton em particular, se não se importam.

— Sim, senhorita. Mas sua mãe...

— Ela não precisa saber, não é mesmo? — Melissa sorriu, usando todo o seu ar de “Senhora da Casa” que aprendeu quando era mais nova. Emilyly disse que isso sempre funcionou para quando queria alguns minutos a sós com Hayston, poderia muito bem funcionar para Melissa.

O criado assentiu e fez um sinal chamando o cocheiro, ambos desaparecendo pela porta dos fundos da cozinha. Melissa se voltou para Hampton.

— Queria tanto assim ficar sozinha comigo? — Ele ergueu uma sobrancelha, fazendo com que ela revirasse os olhos.

— Quero saber o que estava pensando, com aquelas insinuações todas durante o jantar. Queria o quê, que meus pais desconfiassem?

— Era exatamente o que eu queria, na verdade. — Ele deu um meio sorriso, dando um passo em direção a ela. Quanto mais próximos, mais ela precisava olhar para cima para encarar ele. — Não entendeu ainda, Princesinha? Pretendo me casar com a senhorita.

— E por que isso? Por que eu? — Ela ergueu o queixo, encarando-o. — Tenho certeza de que muitas outras solteironas ficariam felizes em se casar com o senhor, sem precisar desse joguinho todo.

— E qual seria a graça nisso? Gosto da provocação. E lhe devolvo a pergunta, por que não a senhorita? Não vejo motivos que a impeçam de se casar comigo, muito pelo contrário.

— Quer um motivo? Que tal o fato de que não estou apaixonada pelo senhor? — Ela o encarou, vendo ele erguer uma sobrancelha.

— Isso não é um motivo para evitar que nos casemos. Se quiser minha opinião, é até melhor que não se apaixone por mim. Eu certamente não me apaixonarei pela senhorita. — Ele deu mais um passo na direção dela, ficando próximo o bastante para tocá-la, mas sem fazê-lo.

— Ora, seu... espera mesmo que eu me case com o senhor enquanto diz essas coisas? Acha mesmo que eu seria capaz de viver com um homem que não amo e não me ama?

— Creio que seria, de fato, a melhor vida que poderia ter. O amor é um sentimento tolo, minha cara Princesinha. Já o companheirismo, a amizade e principalmente o desejo...esses sim são capazes de manter um casamento. — Ele levou uma mão a cintura dela, que usou todo o auto controle que ainda lhe restava para não demonstrar o arrepio que sentiu. — A senhorita se lembra de como o desejo pode ser bom, não lembra?

— Não significa... que seja suficiente. — A voz dela fraquejou quando ele

a puxou para perto, se inclinando para roçar os lábios na orelha dela.

— Se permitir que eu a mostre, verá que é mais do que suficiente... — Os lábios dele percorreram o lóbulo de sua orelha até descerem para a divisão onde o rosto encontrava o pescoço. — Está sentindo isso, não está? A forma como seu corpo se arrepiava com a minha proximidade, como seu coração se acelera...você me deseja. Sabe disso.

— Seu coração também está acelerado. — Foi a única coisa que ela conseguiu pensar em dizer, as mãos sobre o peito dele. Conseguia sentir o calor que ele emanava mesmo através de todas as camadas de tecido.

— Eu nunca neguei que a desejava, Princesinha. Mas a senhorita... vai ter que admitir. Ou melhor, — Ele se inclinou, roçando os lábios nos dela. — Se me quiser mesmo, vai ter que implorar. “Por favor, Hampton, me beije”. — Ele sussurrou, numa imitação fraca da voz dela. Quando ela tentou pressionar os lábios contra os dele ele se afastou, voltando a percorrer o caminho entre o pescoço e a orelha dela.

— Isso não é justo. — Ela sussurrou, as mãos subindo ao cabelo dele, se enroscando nos cachos castanho claros. — Quer me humilhar tanto assim?

— Não é humilhação nenhuma admitir o que quer, Princesinha. — Ele mordiscou a orelha dela, sentindo o corpo dela responder a isso. — Apenas diga. E é melhor ser rápida, a qualquer momento os criados podem voltar e você terá perdido a sua chance. — Ele sussurrou, se afastando um pouco para encarar os olhos dela. Melissa suspirou, se rendendo.

— Me beije, Hampton. Apenas me beije.



Ela não precisaria pedir duas vezes. Se demorasse um pouco mais não precisaria pedir nem uma. Rannolf avançou nos lábios dela, a beijando com ainda mais propriedade que na noite do jardim. Ele agora a conhecia, sabia quem era a garota por trás dos lábios. Podia sentir as mãos dela puxando seu cabelo, e a forma como sua língua agora acompanhava a dele com a mesma intensidade, um tomando o máximo que podia do outro. Ele a puxou mais para junto de si, a levantando um pouco e a deixando sobre seus pés. Ainda assim era mais baixa que ele, sua boca difícil de alcançar. Centenas de pensamentos cruzaram a mente dele, a maioria envolvendo colocar ela sobre uma mesa, ou ele ajoelhado diante a ela numa cama ou poltrona. Ah! Se não estivessem em um pátio de carruagens, apenas alguns metros de distância da família dela.

Ele pressionou o corpo contra o dela, mais sentindo que ouvindo quando ela suspirou. Não se importou com quanto tempo passaram explorando um ao

outro, mas precisou de todo o autocontrole que tinha para se afastar dela antes que os criados voltassem. Podia até querer um casamento e ameaçar ela a forçar o matrimônio, mas nunca a arruinaria de verdade. *Ao menos não de forma que os outros pudessem ver.*

— Acho melhor pararmos por aqui esta noite, Princesinha. — Ele sussurrou, deslizando os lábios pelo rosto dela.

— Sim... é melhor. — Ele podia ver que ela mal sabia o que estava dizendo e sorriu de lado, mordiscando a orelha dela uma última vez antes de se afastar a uma distância respeitável novamente. Foi no momento exato, pois segundos depois, o cocheiro e o criado surgiram novamente na porta da cozinha.

— Lhe vejo novamente em breve, Milady. — Ele se inclinou, beijando levemente a mão dela. — Sonhe comigo. Quem sabe eu não apareço realmente em sua cama?

Ele viu os olhos dela se arregalarem e sorriu, piscando um olho e entrando na carruagem. Não sabia quanto a ela, mas ele definitivamente sonharia.



Capítulo 6

As coisas estavam dando certo. Rannolf sabia que iria conseguir uma esposa, mas não pensava que seria um processo que gostaria de viver. Seus planos incluíam encontrar uma solteirona desesperada o bastante para se casar sem necessidade de ser cortejada ou de um falso amor, ter um ou dois herdeiros para o nome dos Rasbury e pronto, deixaria a esposa livre em uma de suas casas de campo e seguiria com sua vida, mas Melissa estava começando a mudar esses planos. Ele não era tolo de se apaixonar por ela, mas era o tipo de mulher com quem ele poderia ter uma amizade. E se entre quatro paredes ela fosse tão impulsiva quanto era em seus beijos, valeria a pena mantê-la por perto.

Ele estava pensando nisso quando a governanta abriu a porta, carregando uma bandeja com chá.

— Senhor, se me permite incomodá-lo um pouco. — Ela deixou a bandeja na mesinha em frente a ele, que ergueu uma sobrancelha.

— O que foi Gladys? — Ele já a conhecia bem o suficiente para saber que quando ela vinha assim tinha algum motivo. Era a única pessoa que ele permitia que fosse direta com ele.

— Bem, eu gostaria de saber como estão indo as coisas com Lady Melissa. Ouvi alguns boatos sobre o jantar, e gostaria muito que fossem verdadeiros. — Gladys era direta. Direta como uma mãe seria, Rannolf não pode evitar o pensamento.

— Estão indo melhor do que eu esperava. Acho que você em breve terá uma Duquesa a quem servir. — Ele não pode evitar uma risada ao ver ela arregalar os olhos.

— Ah, finalmente! Um pouco de luz nessa casa, e quem sabe em breve algumas crianças. — Ela o encarou, pensando por alguns instantes em como tocar no assunto. — Sua irmã está grávida, não está? Eu tive que descobrir por fofocas de alguns criados! Como não me contou, Rannolf?

— De que importa ela estar grávida, Gladys? Ela está brincando com a sorte. Casada por amor, engravidando aos trinta mesmo sabendo que foi isso que matou nossa mãe. Christine está querendo morrer, e eu não vou estar por perto para assistir.

— Rannolf, meu menino, você sabe que não funciona assim. Sua mãe, que Deus a tenha, foi uma casualidade. Não havia nada de errado com ela que a impedisse de ter aquele filho, não fosse aquela queda, ela ainda estaria conosco hoje. Sua irmã sabe se cuidar e vai ficar bem. Em poucos meses você terá um sobrinho, pretende mesmo ignorar esse fato? — Ela ignorou quando ele revirou

os olhos. Por mais que considerasse Gladys o mais próximo que tinha de uma família atualmente, Rannolf detestava quando ela dava esses sermões.

— Sim, Gladys, pretendo. Se quiser, você está livre para visitá-la sempre que quiser, mas não me inclua nisso. Não quero ter nada a ver com a morte de Christine. — Ele se levantou, pegando um biscoito da bandeja. — Agora, se me dá licença, tenho o que fazer. — E saiu andando, deixando ela parada ali.

— Um dia ele vai se arrepender disso tudo, e eu vou ser a primeira a dizer que eu avisei. — Ela bateu as mãos nas saias, balançando a cabeça. Nunca pensou que teria tanta dificuldade com ele, mas ela havia prometido a Lady Ellen naquela sala de parto que cuidaria dos filhos dela, e não é agora que iria parar.



Melissa havia vindo passar o dia com a irmã e os sobrinhos. Corine estava com a mãe nas provas de vestidos para o enxoval, e por mais que Melissa estivesse feliz pela irmã, não aguentaria ficar cercada de conversa sobre casamentos agora, ou acabaria aceitando a proposta de Hampton sem nem pensar direito. E ela ainda estava pensando muito nisso. Iria aproveitar a tarde com Emily para tirar algumas dúvidas com a irmã.

Agora estavam na ala infantil, vendo Edward e Emma brincarem. Os dois tinham apenas um ano de diferença, assim como elas duas.

— Será que quando crescerem vão continuar amigos assim? — Emily sorriu, olhando para os filhos.

— Espero que sim. Nós continuamos. — Melissa sorriu, pegando uma das bonecas de Emma do chão e entregando para a sobrinha.

— Então, vai me perguntar logo o que quer saber ou vai continuar enrolando? — Emily se virou para a irmã, rindo. — Não adianta tentar me esconder as coisas, Mel. Eu sei quando tem alguma coisa te atormentando, e dessa vez acho que essa coisa se chama Hampton. Acertei?

— Bem...sim, é.

— Eu vi como vocês dois estavam no jantar. O flerte, a forma como você olhava para ele... e não pense que não vi pela janela da carruagem você indo até o pátio falar com ele. — Ela sorriu. — Você realmente gosta dele, não gosta?

— Eu... acho que gosto. Ele me irrita até demais, mas ao mesmo tempo os joguinhos dele me divertem. E quando ele me beija... eu nunca pensei que um beijo pudesse ser tão bom. Definitivamente não era assim com Bayard. — Ela ouviu a irmã rir e ergueu uma sobrancelha. — O que foi?

— Nenhum beijo que eu dei antes de Hayston é igual aos dele, e tem um

motivo para isso. Por ele eu sou realmente apaixonada. — Emilly sorriu, vendo Melissa arregalar os olhos. — É isso mesmo, irmãzinha, você está se apaixonando por Hampton.

— Emilly, é cedo demais para estar apaixonada por ele. Só nos conhecemos há o quê? Duas semanas ou menos.

— Romeu e Julieta se apaixonaram em uma noite e morreram um pelo outro em seis dias. Cada amor é diferente por si só. — Emilly sorriu. — Eu percebi que estava apaixonada por Hayston em um mês. Ele disse que me amava em uma semana.

— Aí é que está, ele te amava e te ama até hoje. — Melissa fugiu do assunto sobre estar apaixonada por ele. — Hampton não me ama. Ele, na verdade, deixa bem claro que não vai se apaixonar por mim e que seria melhor que eu não me apaixonasse por ele. Ele só quer alguém com quem ter um herdeiro, qualquer uma serviria. — Melissa desviou o olhar de volta aos sobrinhos, que agora estavam discutindo porque Edward queria cortar o cabelo de uma das bonecas da irmã.

— Se qualquer uma servisse, ele teria ido para a próxima no momento em que você disse não pela primeira vez, mas ele continua insistindo. Ao menos interesse em você ele tem Mel, só precisamos pensar numa forma de transformar esse interesse em amor.

— E você acha que consegue fazer isso?

— Mas é claro que sim! Mel, você já se olhou no espelho? Você é de longe a mais linda da família, a mais amorosa e talentosa, porque vamos ser sinceras, pintar é bem melhor que bordado. — Emilly riu, abraçando os ombros da irmã. — Deixe comigo e ele vai ficar caidinho aos seus pés. Ele foi convidado para o baile de mamãe no sábado, certo?

— Creio que sim, do jeito que ela está desesperada para que eu me case com ele.

— Perfeito! — Emilly sorriu. — Você vai estar tão estonteante que ele não vai saber o que o atingiu, eu garanto. E vou lhe ensinar uma coisinha ou duas sobre como provocar um homem da forma correta. — Ela sorriu e Melissa até começou a se animar.

Sim, a temporada ainda estava longe de acabar, ela tinha tempo de sobra para que ele se apaixonasse. E só aceitaria o pedido quando ele dissesse que a amava.



Sábado à noite.

Rannolf entrou no salão de baile da casa Briston ao mesmo tempo que duas outras carruagens iam chegando. De acordo com o que ouviu algumas damas comentando, este era um dos bailes mais aguardados da temporada. Ele foi anunciado pelo mordomo que estava na porta e entrou, dando uma olhada em volta. Lady Melissa ainda não estava à vista, então ele optou por se aproximar da mãe dela.

— Lady Briston. — Ele cumprimentou a Duquesa, beijando levemente a mão dela. — É um belo baile que tem aqui.

— Isso não é nada, Vossa Graça deveria ver um de meus eventos no campo fora de temporada. — Ela sorriu.

— Quem sabe se eu estiver na Inglaterra este ano eu passe por lá. — Ele sorriu, e antes que alguém falasse algo mais um burburinho começou pelo salão. Quando ele se virou para ver o que havia acontecido, lá estava ela.

Descendo as escadas do salão, Melissa parecia ter saído das páginas de um catálogo francês. O vestido era num tom de rosa avermelhado, com uma fita vermelha formando um laço na frente além de duas pequenas fitas nas mangas. O decote não era baixo nem escandaloso, mas era o suficiente para deixar a imaginação dele trabalhar. Havia pequenas flores bordadas na saia e o cabelo dela estava repleto de contas vermelhas num penteado alto complexo demais para os olhos masculinos. Ela estava estonteante.

Rannolf sorriu ao ver ela se aproximando para falar com os pais, dando um passo à frente.

— Lady Melissa, devo dizer que estou encantado. — Ele se inclinou, beijando a mão dela por alguns instantes acima do apropriado, os olhos a encarando. — Está especialmente bela esta noite.

— O senhor também não está mal, Vossa Graça. — Ela sorriu, os olhos verdes se fixando nos dele. Ela estava diferente esta noite, ele pôde perceber isso.

— Espero que a senhorita me dê a honra da próxima valsa. — Os olhos dele indicavam que ele desejava muito mais que uma valsa com ela.

— Mas é claro. — Ela sorriu, estendendo uma mão para ele, que a guiou para o centro do salão. Não deixou de ouvir a Duquesa cochichar algo com o marido enquanto se afastavam.

— Seria muito egocêntrico de minha parte imaginar que a senhorita se vestiu assim para mim, Princesinha? — Ele sussurrou assim que a valsa permitiu que alcançasse o ouvido dela, que sorriu.

— Não estaria completamente errado. — Ela sorriu, e ele notou a mudança na voz dela. Havia sido seduzida na última vez em que se encontraram, e agora parecia querer retribuir na mesma moeda. — Gostou do que vê?

— Ah sim, gostei..., porém gostaria mais de vê-la sem nada, de preferência coberta por mim em uma cama. — A voz dele foi um sussurro tão baixo que ela quase não o escuta. Não fosse o tom avermelhado que seu rosto tomou, ele diria que não havia escutado mesmo.

— Não deveria falar isso em meio a um salão de baile, alguém pode nos ouvir. — Ela balançou a cabeça, ouvindo a risada dele contra sua orelha.

— Ninguém está prestando atenção em nós, Princesinha. Já disse que não tenho intenção de arruiná-la. — Ele a girou, se aproveitando da valsa para segurá-la com mais firmeza.

— Então nesse caso, deveria ser mais discreto. — O rosto dela ainda estava rosado, o que o fez rir novamente, girando-a mais uma vez.

— E qual seria a graça em ser discreto?

— Evitaria a chance de receber outro tapa, Vossa Graça. — Ela deu o sorriso mais educado que pôde, fazendo-o erguer uma sobrancelha.

— Creio que já lhe avisei para não me ameaçar, Princesinha. Pode acabar se arrependendo disso. — Ele sussurrou ao mesmo tempo que tocavam os últimos acordes da valsa.

— E como eu me arrependeria? — Ela não era acostumada a flertar assim tão descaradamente, mas estava seguindo os conselhos da irmã para aumentar o interesse dele. E parecia estar dando certo.

— Ameace novamente e verá. — Ele deu um meio sorriso, saindo com ela da pista de dança.

— Adoraria, mas se me der licença, preciso me refrescar um pouco. — Ela sorriu e se virou em direção ao corredor que levava ao salão das mulheres. Se passaram poucos segundos até que Sandsore o abordou.

— Então já conseguiu a garota? — Ele ergueu uma sobrancelha para o amigo, rindo.

— Se você não recebeu um convite de casamento ainda, é porque a resposta é não. — Rannolf riu, balançando a cabeça.

— É tão difícil assim você fazer uma mulher dizer que sim? As minhas nunca demoram tanto.

— As suas são só por uma noite. Tente convencer uma solteirona que acredita em amor a se casar com você e depois venha me dizer quanto a dificuldade. — Rannolf pegou uma taça de champanhe, tomando um gole.

— Hampton, é mais fácil porcos voarem que eu me casar. — Sandsore riu, dando de ombros. — Tenho dois irmãos para garantir a linhagem da família, e nunca me prenderia a uma mulher só. Como sempre digo, prefiro ser de todas. Inclusive, estou vendo uma viúva ali que parece precisar de um pouco de atenção. — O sorriso dele aumentou, pegando uma taça para ele e outra para a

mulher enquanto andava até lá.

Rannolf riu, mas no fundo invejava a liberdade que o amigo tinha.



Ela demorou para sair do salão das mulheres, mas precisava de tempo para se recompor. Talvez tenha sido apenas sua imaginação, mas o modo como ele a olhou na hora que entrou no baile, e aqueles sorrisos durante a dança... ele parecia ter mudado mesmo que minimamente sua atitude com ela. Quem sabe se estivesse certa, isso indicasse algo bom.

Melissa agora estava voltando para o baile quando esbarrou com ele no corredor.

— Lorde Hampton. Nos encontramos novamente. — Ela sorriu, sentindo seu coração acelerar novamente.

— Pensei que havia fugido. — O meio sorriso dele que tanto a irritava estava lá novamente. — Estava pensando em lhe procurar no pátio das carruagens, quem sabe continuar aquele beijo de onde paramos...

— Creio que não seria uma boa ideia, com todos os cocheiros e criados passando por lá agora. Foi o senhor quem disse que não pretendia me arruinar, não é mesmo?

— Sim, nisso a senhorita tem razão. — Ele deu um passo à frente e ela sentiu como se o ar diminuísse. Não, diminuir não era a palavra certa. Parecia mais que todo o ar daquele corredor agora os cercava, puxando seus corpos para mais perto. — Talvez seja melhor encontrarmos um local escondido então, pois após vê-la esta noite, tive a certeza de que gostaria de outro beijo. Estou enganado? — Ele ergueu uma mão, tocando o rosto dela, que suspirou. Ele podia ser tão odiável quanto fosse, mas era um sedutor na mesma proporção, e ela não podia evitar cair em sua armadilha.

Ela não queria ceder, não com palavras, então apenas fez um movimento com a cabeça. Se sentia tão vulnerável com ele assim tão perto. Quando estava com ele, deixava de ser a educada e respeitosa filha de um Duque e voltava a ser a garota corajosa daquele jardim. Apenas Melissa, sem reputações ou riscos. O sorrisinho dele cresceu enquanto a puxava mais para uma alcova no corredor. Os lábios dele foram até o ouvido dela, mordiscando a pele sensível.

— Vou deixar que tome a iniciativa dessa vez, Princesinha. Se quiser um beijo, vai ter que tomá-lo. — E foi o que ela fez. Enrolou os dedos de uma mão nos cabelos dele, o puxando para perto e pressionando seus lábios contra os dele. Com calma a princípio e então aumentando o ritmo, explorando-o da mesma forma que ele fazia com ela. A mão que estava sobre o peito dele conseguia

sentir o coração tão acelerado quanto o seu, o único som que ouvia era o de suas respirações. Até que o grito da mãe quebrou o encanto.

— Melissa Josephine Bourne, eu não acredito nisso!



Capítulo 7

Melissa se afastou de Hampton num pulo, os olhos arregalados. Lá estavam a mãe dela e duas amigas, incluindo a mãe de Nicole, assistindo em primeira mão a ruína de sua reputação. Ela congelou onde estava, sem saber como reagir, não conseguia encontrar palavras que seriam capazes de controlar o estrago. Ao seu lado, Hampton olhava dela para as senhoras, mas não parecia tão abalado quanto ela. Lady Callendale foi a primeira a falar.

— Ela está arruinada! Ah, pobre garota. — Ela balançou a cabeça, enquanto a Duquesa de Briston encarava a filha.

— Em nossa própria casa, Melissa. Como pôde? — A mãe apenas a encarava. Melissa esperou um escândalo da mãe, mas recebeu apenas um olhar de desapontamento.

— Lady Briston, — Hampton tomou a frente da conversa, encarando a Duquesa. — A culpa não foi dela.

— Com todo o respeito, não perguntei ao senhor, Vossa Graça. — Ela se voltou novamente para a filha, balançando a cabeça. — Todos estes anos solteira, esperando... tudo para acabar sendo vista aos beijos numa alcova?

— Eles terão que se casar. É o único jeito. — Lady Valbury se pronunciou, fazendo com que Melissa arregalasse os olhos.

— Casar? Mas... — Melissa tentou protestar, mas foi interrompida.

— É claro! Clarissa, essa será a única forma de evitar um escândalo. — Lady Callendale não parava de olhar do casal para a amiga. — Se isso se espalhar... não que eu vá dizer algo, é claro, mas você sabe como são os criados, e Deus sabe se não passou alguém aqui antes de nós e os viu...

— Minha filha tendo a reputação comprometida em meu próprio baile, debaixo do meu nariz! Isso irá arruinar nossa família por uma eternidade, se Corine já não estivesse noiva até ela seria prejudicada!

— Mãe, não é para tanto...

— Nem mais uma palavra, Melissa. — Lady Briston lançou um olhar gelado para a filha e se virou para a amiga. — Annie, poderia me fazer um enorme favor e chamar Briston? Diga a ele para nos encontrar na sala de visitas. — A voz dela estava gelada enquanto fazia um gesto em direção à porta. Ao entrar lá, ela fez um sinal para que ambos se sentassem. Não era adequado para um cavalheiro se sentar enquanto uma dama estivesse em pé, mas Hampton julgou que este talvez não fosse o momento para seguir estritamente as normas.

A Duquesa estava andando de um lado para o outro, lançando alguns olhares cortantes para a filha. Melissa não se atrevia a tentar falar. Pareciam ter

se passado horas até que o pai entrou na sala, olhando diretamente para Hampton.

— Então, pelo que eu entendi, você comprometeu minha filha.



Rannolf não havia planejado isso. De todas as formas que havia pensado para convencer ela a se casar, arruiná-la na casa dos pais de forma a serem forçados a casar não estava em seus planos. Havia sido sincero quando disse que não pretendia forçá-la a nada, já bastava o fato que teria de aceitar uma esposa, não precisava de uma que o desprezasse. Bem, tarde demais para isso.

— Briston, tenho certeza de que podemos esclarecer isto.

— Três senhoras, incluindo minha esposa, viram vocês dois. Deus sabe se mais alguém. Creio que não há muito o que esclarecer aqui, não acha? — Briston ergueu uma sobrancelha. Estava agindo de forma mais calma em comparação com a esposa, mas Rannolf sabia que até alguém calmo como Briston teria um limite. E não pretendia cruzá-lo. — Sinto em dizer, mas a única opção é um casamento. — Ele se virou para Rannolf. — A menos que pretenda deixar minha filha arruinada?

— Papai!

— Nunca quis prejudicar a reputação de Lady Melissa. Se ela me aceitar, terá um casamento. — Rannolf não precisou olhar para o lado para sentir o olhar de ódio que ela lhe lançou.

— Ela não tem escolha, vocês irão se casar. — A Duquesa lançou um olhar cortante para a filha.

— Mamãe! Eu não quero me casar com ele! — Em seus vinte e seis anos, Melissa havia respondido a mãe pouquíssimas vezes, mas este momento pareceu mais do que necessário.

— Deveria ter pensado nisso *antes* de ficar aos beijos com ele em nosso corredor! De todas as três, você é de quem eu menos esperava algo assim. — Ela balançou a cabeça para a filha. — De qualquer forma, eu e seu pai estávamos planejando oferecer sua mão para Hampton após o jantar na semana passada. Seu pequeno... *encontro* apenas encurtou nosso trabalho.

— Você estava planejando, querida. Eu estava *considerando* esta opção. — O Duque corrigiu a esposa, e pelo tom de voz, Rannolf supôs que talvez já tivessem tido aquela discussão algumas vezes.

— Seja como for, agora não há mais o que considerar. Gostaria que se casassem logo, mas não posso arriscar sua reputação ainda mais com um casamento as pressas. — Ela balançou a cabeça para a filha novamente. —

Lorde Hampton, um mês e meio é tempo suficiente de noivado, não?

— Nunca estive noivo antes, então creio que a escolha esteja em suas mãos Milady. — Ele tentou fazer uma piada, mas ela não riu. Ele achou ter visto um sorriso rápido no rosto de Briston, mas não tinha certeza. — Um mês e meio está ótimo. — Era estranho lidar com os pais dela. Fazia tanto tempo que não tinha pais por perto que mal se lembrava a forma de agir com eles.

— Bem, então está decidido, marcaremos a data para duas semanas após o casamento de Corine. Amanhã Vossa Graça pode se encontrar com meu marido para negociarem o dote dela. Por hora, voltemos logo ao baile antes que nossa ausência seja notada, a última coisa de que precisamos é que esse escândalo se espalhe. — A Duquesa encarou a filha mais uma vez e Rannolf teve certeza de que Melissa continuaria ouvindo sobre isso após o baile.

— Se me permitirem, eu gostaria de conversar a sós com minha noiva.

— Acha mesmo que os deixaremos sozinhos depois disso tudo?! — A Duquesa parecia achar que ele era louco, mas por sorte o Duque a interrompeu.

— Clarissa, deixe os dois. Tem que concordar comigo que depois de tudo isso, alguns minutos a mais não farão diferença. — Ele se virou para os dois. — Se em dez minutos os dois não estiverem no baile novamente, terá que se ver comigo. E deixem a porta aberta. — Com isso ele se virou, praticamente arrastando a esposa consigo.

Ao se ver sozinha com ele, Melissa, que estava muito quieta até agora, explodiu.

— Toda aquela conversa de “eu não pretendo lhe arruinar” e “quando se casar comigo vai ser por escolha sua”. Não creio que fui tola o bastante para acreditar. — Ela o fuzilou com o olhar. Rannolf não se abalou.

— Eu estava falando sério, Princesinha, quer acredite ou não.

— Não me chame assim! — A raiva era visível na voz dela.

— Certo, o mais apropriado agora seria *noivinha*. — Ele deu um sorriso de canto, tentando quebrar a irritação dela. Não pareceu funcionar.

— Estou farta disso! Dos seus joguinhos, da sua insistência... se tivesse aceitado meu não desde o começo, nada disso estaria acontecendo!

— Se em alguma das vezes que me disse não a senhorita estivesse falando sério, eu teria me afastado no mesmo momento. Mas todas as vezes, por mais que insistisse que não iria se casar comigo, foi a senhorita quem se aproximou. Não a toquei uma vez que fosse sem que me desse a sua permissão, então não tente me atribuir uma culpa que pertence a ambos. — Rannolf a encarou, vendo o rosto dela passar por vários tons de rosa, desde vergonha até raiva.

— Pois bem, eu tive culpa. Mas ao menos o senhor conseguiu o que queria. Iremos nos casar, terá sua esposa e herdeiros como queria desde o começo, e eu

serei “poupada de uma vida infeliz como solteirona”. — O tom irônico nas palavras dela era algo que ele não havia visto nela ainda. Melissa estava se mostrando mais complexa do que pareceu à primeira vista. — Mas é só isso que seremos, um casamento por sua conveniência e para proteger minha reputação. O senhor já havia deixado claro que não haveria amor entre nós, e agora eu digo que não espere nem amizade de minha parte. Eu o desprezo. — E com isso se levantou da poltrona, Rannolf se levantando em seguida.

— Creio que seu desprezo irá passar com o tempo, Princesinha. — Ele viu a expressão dela tremer com o apelido e sorriu. — Mas até lá terá todo o espaço que desejar. — Ele seguiu em direção à porta, olhando para trás antes de sair. — Lhe mandarei uma carta com a data de nosso noivado. Tenha uma boa noite, *noivinha*.

Rannolf riu ao ouvir ela reclamar enquanto saía andando. Até onde ela podia ver, ele não estava nem um pouco incomodado com os termos do casamento. Não pretendia deixar transparecer que, na verdade, havia percebido que gostaria de manter a amizade dela quando casados. E daria um jeito de recuperá-la.



Capítulo 8

Uma semana depois.

Rannolf nunca havia organizado um jantar. Essa era a função de uma mulher, e desde que a mãe morreu, vinte e seis anos atrás, a Casa Hampton não havia sido palco de mais nenhum jantar, baile, ou qualquer tipo de evento. Mas agora, a casa em breve teria uma nova Duquesa, e esta noite seria o jantar de noivado deles. Enquanto seu criado dava o nó em sua gravata, Rannolf não pôde se impedir de pensar em como tudo iria mudar naquela casa em pouco mais de um mês. A porta para o quarto adjacente ao seu seria destrancada, e o quarto reformado para a nova Duquesa. Desde a morte da mãe, aquele quarto não era tocado.

Ele afastou esse pensamento, direcionando a mente para as outras mudanças. Jantares e bailes começariam a ser organizados ali, os cômodos há muito abandonados voltariam a ser usados. Uma boa quantidade de criadas novas seriam contratadas para atender às necessidades e aos caprichos da Duquesa. Duquesa de Hampton. Ele com o tempo havia se acostumado a ter o título que pertenceu ao pai, mas ainda era novidade uma Lady Hampton que não fosse sua mãe. Era como precisar admitir novamente que ela não estava mais lá.

O criado terminou sua gravata e ele o agradeceu, se virando para o espelho. Estava usando um paletó em tons escuros de vinho, a gravata num nó intrincado e bem feito. A barba que ele tanto gostava infelizmente havia sido feita para a ocasião, porém se recusou a cortar muito os cabelos. Ao menos um pouco de sua identidade Rannolf manteria. Ele balançou a cabeça para seu reflexo, saindo de seu quarto de vestir e seguindo para a carruagem que o esperava. Como os costumes mandavam, o jantar de noivado seria na residência Briston, com os convidados principais sendo a família dos noivos e amigos mais próximos. Considerando sua falta de familiares, o único convidado de Rannolf era Sandsore. Se fosse realmente analisar o assunto, o amigo era o mais perto de um irmão mais novo que tinha, ainda mais após a partida de Christine.

Ele entrou na carruagem, sabendo que era melhor não se atrasar a menos que pretendesse ser morto pela futura sogra, e seguiu para a residência Briston. Em questão de minutos estava lá e controlou o impulso de revirar os olhos ao ver as carruagens que já haviam chegado. Seria uma longa noite ao que tudo indicava. Suspirou e desceu da carruagem, seguindo para o interior da residência. O mordomo apenas o cumprimentou, dizendo a ele que sabia onde era a sala de jantar. Rannolf sabia que esse jantar seria muito diferente do último em que esteve ali. Duvidava que sua noiva fosse responder bem às insinuações e

flertes após a última vez em que se viram.

Quando entrou na sala de jantar alguns rostos conhecidos se viraram para ele. Sandsore e Nicole, que conversavam em um canto. Lady Corine parecia novamente ser a mais animada no ambiente, um total oposto ao irmão. Greystone encarava Rannolf com quase tanta raiva quanto a própria Melissa. Lady Briston agora parecia radiante com o noivado dos dois. Rannolf por pouco não revirou os olhos, enquanto andava até Melissa. Ela hoje estava usando um vestido em tons de laranja avermelhado, e mal se moveu quando ele se aproximou.

— Milady, é bom revê-la. — Ele se curvou numa medida curta, beijando a mão dela, que sorriu por educação.

— Igualmente.

— Ainda com o tratamento frio? Não é assim que se deve tratar um noivo, Princesinha. Se quiser uma sugestão, sugiro observar como sua irmã age perto de Langford.

— Minha irmã está apaixonada por ele, o que não é nosso caso. — Ela ergueu uma sobrancelha, e os lábios dele se curvaram em um meio sorriso.

— Graças a Deus. Você pode não ver agora, mas com o tempo entenderá que se apaixonar é o maior erro que poderia cometer. É muito melhor que me odeie e com o tempo passe a me aturar. Quem sabe possamos voltar a ter um relacionamento amigável, afinal, teremos que nos suportar pelo resto de nossas vidas. Não creio que vá aguentar me odiar por tanto tempo. — Ele observou ela revirar os olhos antes de responder.

— Creio que ficará surpreso com minhas habilidades de ódio. — Ela o encarou por alguns instantes, com um sorrisinho irônico que aos poucos foi se dissolvendo. — Mas creio que esteja certo quanto a termos de nos suportar. Porém, no que depender de mim, não passaremos mais tempo que o absolutamente necessário juntos.

— Temo que nossos conceitos de “necessário” acabem por se revelar diferentes, Princesinha. — Dessa vez, o meio sorriso foi apenas por já ter notado que isso a irritava. Mas o flerte foi real.

— Nesse caso é bom que se prepare para aceitar meu conceito, Vossa Graça. Afinal, foi o senhor quem disse que “não me forçaria a nada”, não foi? — Ela ergueu uma sobrancelha, e ele se perguntou onde ela havia escondido esse lado ferino antes.

— Creio que sim, mas também me lembro de ter dito que a senhorita iria escolher manter a minha companhia. — Ele a observou, se inclinando um pouco e baixando o tom de voz. — Já escolheu algumas vezes, não foi? Naquele jardim, no pátio, no baile que nos trouxe a este momento... — O rosto dela

adotou novamente aquele tom de vermelho que ele havia começado a achar divertido.

— Depois de tudo o que houve, como ousa ainda mencionar isto...

— Não é como se ainda tivéssemos algo a perder, Princesinha. E não estou mentindo, apenas comentando o ocorrido. — Ele deu um curto sorriso de canto, antes de se afastar um pouco ao ver o irmão dela se aproximar. — Greystone. Estava apenas dizendo o quanto sua irmã está bela esta noite.

— Após o que fez, elogiá-la é o mínimo que pode fazer, Hampton. — Greystone o encarou de cara fechada. O que o pai tinha de calma ao lidar com o assunto, o irmão tinha de rancor. — Devo dizer que esperava atitudes assim de alguém como Sandsore ou Langford, — Ele olhou para os dois, que pareciam não estar ouvindo a conversa. — Mas não de você. Considerando o que aconteceu com a reputação de sua irmã, era de se esperar que não fosse comprometer nenhuma garota.

— Oliver! — Melissa se virou para o irmão, e Rannolf ergueu uma sobrancelha. — Não se esqueça que agora a *sua* irmã também foi arruinada. Não tem o direito de falar assim. — Ela o estava defendendo? Isso sim era uma surpresa.

— Não precisa me lembrar disso, Mel. Estou bem ciente do que ele fez. — Greystone revirou os olhos. Parecia que ia dizer algo mais, mas foi interrompido pela Duquesa anunciando que o jantar começaria a ser servido.

Todos seguiram para o salão com a mesa, e dessa vez Melissa ficou sentada ao lado de Rannolf. À sua frente estavam Sandsore e Lady Nicole, Lorde e Lady Hayston ao lado deles. A irmã mais nova e o noivo estavam ao lado de Melissa. Lorde e Lady Valbury também estavam presentes. Enquanto os pratos começavam a ser servidos, Rannolf se virou para ela:

— Para alguém que me odeia a senhorita foi bem rápida ao defender minha irmã. — Ele ergueu uma sobrancelha, vendo ela dar de ombros levemente.

— Não gostaria que falassem de mim daquela maneira, então foi apenas justo. E já notei que lhe desagrade quando tocam no assunto de sua irmã. Afinal eu apenas quis evitar uma discussão desnecessária. — Ela olhou para ele rapidamente e desviou o olhar.

— Bem, eu agradeço de qualquer forma. Posso não ter proximidade com Christine, mas ainda não me agrada que falem da reputação dela. — Ele deu um quase sorriso, enquanto os criados os serviam. À sua frente, Sandsore levantou a taça de vinho que tinha em mãos, dando algumas batidas nela com a faca.

— Se puderem me ceder um pequeno momento de sua atenção. — Rannolf bufou quando ele fez isso. Quando Sandsore abria a boca, normalmente nada de bom saía, mas era impossível pará-lo após ter começado. — Gostaria de propor

um brinde ao mais novo casal de noivos. Pode não ser o noivado mais comum, mas certamente os dois estão muito contentes com isso. — Ele manteve o rosto sério, enquanto Nicole deixou escapar um riso ao ver as expressões de Rannolf e Melissa. — Hampton e futura Lady Hampton, que sua vida juntos seja sempre tão interessante quanto a forma pela qual foi iniciada! — E ergueu a taça, enquanto Nicole segurava o riso. Com o canto do olho, Rannolf viu que as futuras cunhadas também tentavam não rir e revirou os olhos, erguendo a própria taça.

“Que seja”, pensou, enquanto bebia o vinho. Numa coisa Sandsore estava certo: parecia impossível que a vida deles fosse entediante.



Quando o jantar começou, tudo o que Melissa queria era que acabasse logo, mas com o decorrer da noite, ela acabou se divertindo. Sim, ainda estava com raiva pelo rumo que as coisas tomaram, mas nunca foi do tipo que ficava com raiva por muito tempo. Desde que se lembrava, sempre que tinha uma briga com os pais ou com as irmãs, ela era a primeira a fazer as pazes. Pelo visto não seria diferente com o futuro marido.

Agora estavam sendo servidas as últimas sobremesas, e Melissa estava rindo de uma piada que Nicole contou, sobre um burro e uma colmeia. Não era o tipo de piada comum em meio a damas, e pela expressão que Sandsore fez quando Nicole falou, ela podia ter certeza que a piada havia sido autoria dele. Naquele momento ela ficou com um pouco de inveja da amiga, que tinha uma relação melhor com o amigo do que Melissa tinha com o noivo. Quem sabe com o tempo ela e Hampton chegassem naquele nível.

Ela arriscou um olhar na direção dele, que estava concentrado numa história que o pai estava contando. Ficava bem diferente sem a barba, e agora ela podia ver com mais clareza o rosto dele. A linha que definia seu maxilar, a forma como os seus lábios sempre se curvava em um meio sorriso, quase nunca um sorriso genuíno. Eram traços que ela adoraria pôr numa tela, quem sabe apenas um rabisco. Ela podia sentir a raiva que fosse, mas não havia como negar o quanto ele a atraía. Ficou furiosa mais cedo quando ele disse que ela escolheu se render a ele todas as vezes em que se beijaram, mas sabia que ele não estava errado. Seu único consolo era que estranhamente ele parecia considerá-la tão atraente quanto ela o considerava.

Ele a pegou olhando e seu meio sorriso se expandiu, a surpreendendo um pouco. Não havia percebido ainda que ele tinha uma covinha, em apenas um lado do rosto. Ele se inclinou na direção dela.

— Se continuar me encarando assim, vou começar a pensar que não me odeia tanto assim. — Ele piscou um olho e ela sentiu o rosto esquentar.

— Eu não estava encarando, estava apenas... observando sua gravata. É um belo nó. — Ela não conseguiu pensar numa desculpa melhor rápido o bastante, o que o fez rir.

— Não me incomode que fique me encarando, Princesinha. Muito em breve terá todo o tempo do mundo para me observar em todas as posições e roupas... até mesmo sem elas. — Ele piscou um olho novamente e pela risada que ele deu, Melissa teve certeza de que estava tão vermelha quanto o paletó dele. Ele voltou a se virar para o pai dela e ela não sabia mais para onde desviar o olhar. Por sorte, nesse momento, a mãe anunciou que estava na hora das damas se retirarem para tomar chá em uma sala, enquanto os cavalheiros iriam fumar charutos na biblioteca. Enquanto caminhava até a sala rosa, ela sentiu Nicole entrelaçar o braço no seu.

— Eu vi você e Hampton trocando olhares. — A amiga sorriu. — Admita, você está contente com o noivado.

— Um pouco, talvez. É difícil saber, tem momentos em que eu simplesmente o odeio, já em outros, ele é tão fascinante...

— Eu acho que ela está apaixonada. — Emilly entrou na conversa, segurando o outro braço de Melissa.

— É claro que não! — Melissa balançou a cabeça, enquanto entravam na sala e se sentou em um dos sofás com as duas, enquanto a mãe se sentava em um mais afastado com Lady Valbury. — Eu nem o conheço tão bem para me apaixonar, e estou começando a concordar quando ele diz que seria melhor se isso não acontecesse. — Ela olhou para as duas e para Corine, que se sentou na poltrona em frente a elas. — Já é ruim o bastante que eu vá me casar com um homem que não me ama, conseguem imaginar o quão pior seria se eu o amasse e não fosse recíproco?

— Mas Mel, às vezes o sentimento surge com o tempo. Quando mamãe e papai se casaram eles mal se conheciam, e acabaram se apaixonando e tendo quatro filhos. — Nicole sorriu. — Cada um tem seu próprio tempo de amar, o momento certo.

— Mas alguns nunca amam. — Todas se viraram para Emilly quando ela disse isso e ela apenas deu de ombros. — Só estou dizendo a verdade. Nossos pais e nós — Ela fez um gesto englobando ela e Corine. — Somos privilegiados por termos isso. A maioria dos casais na sociedade não são apaixonados, ou se são, não demonstram. Basta olharem para os Callendale ou os Montrell, com exceção do que fugiu com a irmã de Hampton. Nenhum deles dá o mínimo sinal de que tem algum sentimento por seus maridos e esposas, e parece até uma

tradição naquelas famílias.

— Isso é tão triste. — Os lábios de Corine se fecharam num bico e Emily balançou a cabeça.

— Nem sempre. Nicole disse que cada um tem seu próprio tempo de amar, bem, talvez alguns estejam melhores sem terem esse tempo. Eu concordo com o que Mel disse, é melhor nenhum dos dois se apaixonar do que apenas um e não ser recíproco. Não consigo imaginar a dor que seria amar Hayston se ele não me amasse de volta. Antes dois corações fechados que um partido.

Melissa às vezes se surpreendia com a irmã. Emily era apenas um ano mais velha, mas parecia ter vivido décadas a mais que até mesmo os pais. Ela sorriu, pegando o chá de cima da mesinha e tomando um gole. Para sua sorte, Nicole mudou o assunto depois disso, começando a falar sobre o enxoval e os vestidos que Melissa teria que providenciar. As três chegaram à conclusão de que o vestido de casamento teria que ser em tons de rosa, branco ou azul devido as superstições de que as cores definiriam o futuro do casamento. Bastava apenas decidir se queria que ele sempre pensasse nela, que fosse a escolha certa ou que o amor fosse verdadeiro, respectivamente. Escolha certa parecia o mais perto da situação deles.

Já era tarde da noite quando começaram a se despedir, voltando ao salão principal. Os cavalheiros já estavam lá, à espera delas. Emily e Hayston foram como sempre os primeiros a partir, seguidos por Langford e Sandsore. Hampton ainda estava conversando com seu pai, então Melissa acompanhou Nicole e os pais até o pátio.

— Me prometa que vai me mandar um bilhete quando for comprar o enxoval. Sabe que nunca irei lhe perdoar se não me deixar opinar, não sabe? — Nicole sorriu para a amiga, que revirou os olhos.

— Já disse que não vou esquecer, eu prometo. Afinal, o que seria de mim sem seus comentários irritantes em tudo? — Ela riu, abraçando a amiga e acenando quando a carruagem dela partiu. Estava indo em direção às escadas quando esbarrou com Hampton.

— Lady Melissa, a julgar pela hora, pensei que já tivesse se retirado. — Meio sorriso. Sempre meio, nunca inteiro.

— Estou a caminho de meu quarto neste exato momento, estava apenas me despedindo de Nicole. — Ela deu um sorriso educado, desviando o olhar. Não queria ser pega encarando ele novamente.

— Não pretendia se despedir de mim? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Assim você me magoa, *noivinha*. — Ela se virou para ele, com uma expressão zangada, e ele riu.

— Você realmente não vai parar com os diminutivos, vai?

— Mas é claro que não. — Ele riu. — Primeiro porque eles lhe irritam, e segundo, — Ele deu um passo a frente, se aproximando dela. — Porque são apropriados. Se quiser pode me chamar de “meu grande Duque”. Não me incomodaria nem um pouco.

— Está mais para Duque insuportável. — Ela resmungou, levantando a cabeça para olhar para ele. Ele era realmente grande, o suficiente para ter que se inclinar todas as vezes que se aproximava demais dela. E ela odiava admitir que gostava disso. Por mais que ele fosse intimidante, trazia consigo uma sensação de segurança.

— Olhe só, já está quase fazendo piadas. Isso só pode significar que não sou mais odiado. — Ele levou uma mão ao rosto dela, tocando-a de leve.

— Mas não significa que eu goste do senhor, Vossa Graça. Muito pelo contrário. — Ela não pretendia pôr as mãos no peito dele, mas foi instintivo. Sempre que ele estava tão perto ela sentia essa necessidade de tocá-lo.

— Por que essa formalidade toda? Estamos noivos agora, Princesinha. — Ele afastou alguns cachos do cabelo dela que haviam caído em seu rosto. — Pode me chamar de Rannolf.

Rannolf. Era a primeira vez que ouvia o nome de batismo dele, e essa liberdade de chamá-lo assim causou um arrepio no corpo dela. O coração dele estava acelerado sob seus dedos, e por um momento ela parou para pensar sobre o que aquilo significava. Toda vez que estavam juntos era assim.

— Se é assim, pode me chamar de Mel. — Ela sussurrou, os olhos vidrados nos dele.

— Mel... é um belo nome. — Ele se inclinou mais para perto, tocando a orelha dela com os lábios. — Mas ainda prefiro Princesinha. — Ela sentiu o sorriso dele contra sua pele e suspirou, apertando os dedos contra o paletó dele. — Inclusive, isso me lembra de que esqueci de lhe dar algo. — Ele se afastou um pouco, enfiando a mão em um de seus bolsos e pegando um anel. — Melhor oficializarmos o compromisso, não?

Ela pegou o anel das mãos dele, o observando. Era um anel de prata, com detalhes cravados em brilhantes na lateral, um diamante brilhante no topo. Simples, sem nenhuma extravagância. Perfeito para ela.

— É... lindo. — Ela ergueu o olhar para ele, cedendo um sorriso. — Obrigada.

— Aqui, deixe-me colocá-lo. — Ele segurou a mão direita dela, removendo sua luva e deslizando o anel por seu dedo. Agora era real, eles iriam se casar. Ela engoliu em seco, sabendo que não devia ficar tão emotiva. Era um anel, apenas isso, já deveria saber que iria ganhar um.

surpresa pelo fato de gostar do modo como o nome dele soava em seus lábios.

Como se pertencesse a ela. — Já está muito tarde para ainda estarmos aqui.

— Creio que esteja certa, Princesinha. — Ele se inclinou mais para perto, tocando os lábios dela com os seus num beijo leve, muito mais calmo e rápido do que ela desejaria que fosse. Ela ficou na ponta dos pés, o beijando também. Segundos depois ele a soltou, com um sorriso quase inteiro nos lábios e se afastou na direção da saída, se virando para ela após alguns passos. — Tenha uma boa noite... Mel. — E com um último meio sorriso, saiu.

Melissa ficou encarando o corredor por onde ele desapareceu, uma mão sobre os lábios que ainda estavam formigando, a aliança pesando em seu dedo. Foi naquele momento que ela percebeu que se não tomasse cuidado, acabaria se apaixonando mesmo por ele. E este era um erro que não podia se dar ao luxo de cometer.



Capítulo 9

Melissa aproveitou que a mãe não estaria em casa hoje. Lady Briston havia saído para visitar uma amiga e avisou que só retornaria tarde da noite, então Melissa teve a oportunidade perfeita para sair sorrateiramente de casa. Acabou demorando ao se vestir, mas a escolha da roupa era importante. Ela selecionou um de seus vestidos de inverno, por mais que a primavera estivesse em curso e já estivessem sendo usados vestidos mais soltos. Havia um motivo para isto, é claro. Havia chegado a conclusão de que se estivesse completamente coberta, seria mais fácil conversar com Hampton.

Toda as vezes em que tentou discutir com ele, Melissa se deixou levar pela sedução, pelos toques dele em seus braços ou o calor de suas mãos através da musselina do vestido. Agora, coberta em camadas e mais camadas de tecido branco e creme, ela acreditava ser capaz de discutir com ele os termos do casamento sem se deixar levar por um impulso. Precisava esclarecer algumas coisas, criar alguns limites, ou sabia que acabaria apaixonada por ele e de coração partido. Pretendia, na verdade, garantir que não ficaria muito tempo perto dele. Deus sabe que toda vez que se aproximam demais, ela perde o controle. Ela respirou fundo, pegando a folha na qual havia anotado o que pretendia dizer e saiu em direção à carruagem que lhe esperava. Surpreendeu-se ao sair e perceber que já era final da tarde, o céu começando a tomar tons de laranja sobre o azul.

O trajeto até a residência Hampton era curto, questão de alguns minutos, que pareceram eternidades. Melissa pensou em voltar atrás cinco vezes, pensou que iria passar mal duas, e estava quase desistindo quando a carruagem parou. “Tudo bem, sem voltar atrás agora”. Desceu da carruagem e seguiu em direção à entrada da casa, olhando em volta. Considerou-se muito sortuda pela rua estar deserta àquela hora do dia e ninguém a ver ali. Claro que não havia nada de errado na visita, e por estarem noivos, era permitido que ela não carregasse sempre uma acompanhante quando fosse vê-lo, mas ainda assim... não queria mais danos sendo infligidos à sua reputação.

Foi o mordomo quem a recebeu, com uma sobancelha erguida.

— Em que posso ajudá-la, senhorita...?

— Lady Melissa, noiva de Hampton. Gostaria de vê-lo. — Ela conseguiu ser firme em suas palavras, sem parecer uma garotinha assustada. Em breve aqueles seriam seus criados, era bom que já aprendessem a respeitá-la.

— Ah, claro. — O mordomo se afastou da porta, permitindo que ela entrasse. — Se aguardar aqui, irei chamar Lorde Hampton.

— Na verdade, se apenas puder me levar até ele...

— Peço que me perdoe, senhorita, mas não tenho permissão de levar ninguém ao interior da casa sem a autorização prévia de Lorde Hampton. — O mordomo estava se virando quando uma senhora com cerca de cinquenta anos surgiu em uma das portas, balançando a cabeça.

— Vincent, pare de agir como um cão de guarda e deixe a garota passar. Ela é a noiva de Hampton, em breve será a Duquesa desta casa, duvido que seria de algum problema permitir que ela entre. — A mulher revirou os olhos para o mordomo, vindo na direção de Melissa. — É um prazer conhecê-la, querida. Sou a Sra. Graves, ou Gladys, governanta da casa. Venha, Ranny está no escritório do terceiro andar.

— Ranny? — Melissa ergueu uma sobrancelha, enquanto a mulher lhe mostrava o caminho pelas escadas e corredores.

— Ah, me perdoe. Eu conheço Hampton desde que ele era um moleque e eu era criada da falecida Duquesa, constantemente me esqueço de que não posso mais tratar ele pelos nomes de infância. — A mulher lançou um sorriso amigável para Melissa. — Fico feliz que irão se casar. Deus sabe que essa casa precisa de uma energia feminina para trazer vida para o bom nome dos Rasbury novamente.

Melissa apenas sorriu, deixando que a mulher se perdesse em histórias da vida ali quando a Duquesa ainda era viva e de como seria bom ter uma nova patroa. O falatório da mulher a acalmou, fazendo com que se sentisse mais preparada para sua conversa com Rannolf.

— Terceira porta à direita, não há como errar. Agora, se me der licença, preciso voltar para a cozinha e garantir que haverá o que comer nessa casa. — A Sra. Graves sorriu, indicando a porta e saindo de volta para o corredor. Melissa respirou fundo, andando até lá e num impulso de coragem, abrindo a porta sem bater.

Lá estava ele, lareira acesa, sentado em uma poltrona com um copo de scotch na mão. O paletó deixado sobre o encosto de uma cadeira junto ao colete, a camisa solta da calça e com a parte de cima desamarrada, parte de seu peito à mostra. Foi naquele momento que Melissa percebeu que não adiantaria de muita coisa para sua concentração o fato de estar coberta dos pés a cabeça.



Por um breve momento, ao ver Melissa cruzar a porta de seu escritório, Rannolf imaginou que estivesse sonhando. Não seria a primeira vez que sonhava com ela, isso era certo. Mas percebeu ser realidade a partir do momento em que

ela não se aproximou, e não estava usando apenas uma chemise. Na verdade, estava vestida até demais.

— Princesinha? — Ele ergueu uma sobrancelha. — Posso saber o que está fazendo aqui? Ou melhor, como chegou até meu escritório sem que eu soubesse de sua presença em minha casa.

— Precisamos conversar. — Ela respirou fundo, e os lábios dele se curvaram num meio sorriso ao ver os olhos dela passearem por seu corpo. — A Sra. Graves me trouxe até aqui em cima, se dependesse de seu mordomo eu ainda estaria plantada ao lado da porta de entrada.

— Ah, claro. Eu deveria imaginar que Gladys faria algo assim se lhe visse. — Ele deu de ombros, fazendo um gesto em direção à outra poltrona. Rannolf sempre gostou mais deste escritório particular que o de negócios no andar de baixo. Neste aqui, a mesa era encostada contra a parede e haviam duas poltronas no centro, com algumas poucas estantes em volta. Era como uma pequena junção de seu quarto com a biblioteca.

— Prefiro ficar em pé, se não se importa. — Ela parecia nervosa. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Claro, como preferir. Mas peço que me perdoe por não me levantar também, afinal foi a senhorita que invadiu minha privacidade. De qualquer forma em breve seremos casados, podemos deixar algumas formalidades de lado. — Ele deu de ombros, observando-a. — Então? Sobre o que veio falar?

— Sobre nós, Vossa Graça. Creio que seria melhor estabelecermos alguns termos para nossa união. — Ela olhou em volta, constantemente tentando desviar o olhar dele, que sorriu.

— Termos? — Aquilo certamente seria divertido. Teria Rannolf escolhido uma louca para se casar?

— Sim, regras. — Ela desdobrou uma folha de papel que tinha em mãos e ele conteve uma risada. — Ficou claro que não irá funcionar se nos odiarmos, e ambos podemos concordar que nos apaixonarmos está fora de cogitação.

— Nisso podemos concordar. — Ele não queria falar muito, definitivamente não gostaria de atrapalhar o que parecia ser um discurso muito bem ensaiado.

— Pois bem, acho que com isto poderemos ter uma convivência em paz. — Ela o olhou por alguns instantes antes de descer os olhos para a folha. — Reconheço que teremos de consumir o casamento e irei lhe prover herdeiros, mas creio que seria melhor dormirmos em quartos separados, na forma tradicional de quartos adjacentes, cada um em sua própria cama. — Ele viu o rosto dela corar ao dizer isso e ergueu uma sobrancelha, em silêncio. — Além disso, após ter cumprido minhas obrigações como esposa, creio que seria melhor

se passássemos a maior parte do ano separados. Sei que o senhor tem várias propriedades no campo, eu ficaria mais que contente em qualquer uma delas. — Isso estava nos planos originais dele, mas ela o havia feito mudar de opinião. Rannolf julgava que seria muito mais interessante mantê-la por perto.

— Parece ter pensado bastante nisso, Princesinha.

— Sim, bem... — Ela respirou fundo, uma mão puxando levemente a gola do vestido, e ele pode notar a pele dela ficando num tom de vermelho mais pelo calor que pela vergonha. Finalmente ele viu uma vantagem em manter sua lareira sempre acesa e os cômodos quentes. — Também gostaria de ter liberdade para visitar minhas irmãs quando desejar. — Com isso ele poderia concordar. — E que parasse de me beijar em momentos inapropriados, tanto em nosso noivado quanto após nos casarmos.

Ele ergueu uma sobrancelha, tomando um gole do scotch e deixando o copo sobre a mesa, ficando de pé. Deu alguns passos lentos, se aproximando dela.

— Muito bem, *noivinha*. Vamos analisar seus “termos”. — Ele deu um sorrisinho irônico, vendo ela engolir em seco. — A menos que seja uma prostituta, eu tenho o costume de dormir na mesma cama que minha amante. A julgar pelo fato de que seremos casados, creio que seu primeiro termo esteja fora de cogitação. — Ele deu mais um passo, encurtando o espaço entre os dois. Podia ver que a respiração dela ficava mais pesada. — Seu segundo termo, pode escolher a propriedade que quiser para passar o tempo fora da Temporada, mas terá que lidar comigo também. Se pensa que irei deixar minha esposa largada no campo, está muito enganada. — Ele deu outro passo, parando em frente a ela. Os olhos verdes o encarando, reluzindo as chamas da lareira. — Quanto ao último... se não quiser ser beijada, não deveria me provocar.

— Eu não o provoco, Lorde Hampton. Muito pelo contrário. — Ela respirou fundo, dando um passo para trás. Ficando encurralada entre ele e a porta.

— Não? Então não estava me provocando naquele jardim, nem naquele pátio de carruagens... com certeza não pretendia que eu a beijasse quando nos despedimos em nosso jantar de noivado. — Ele deu um meio sorriso, observando-a. — E certamente acredita que não está me provocando agora, não é mesmo?

— Ora, mas é claro que não estou. Minhas únicas intenções nesta tarde eram esclarecer como será nossa vida após nos casarmos.

— Melissa... a senhorita não conhece muito sobre homens, não é? — Ele ergueu uma mão, traçando o maxilar dela com a ponta dos dedos. — Certamente imaginou que ao aparecer aqui com esta roupa toda, manteria meus pensamentos

libertinos longe de seu corpo. Em momento algum deve ter imaginado que se embrulhou como um presente, num convite silencioso para que eu a desembulhe. — Os dedos dele desceram pelo pescoço dela, parando em um dos botões mais altos da gola. — Provavelmente não faz ideia do quão tentador é observar estas gotas de suor se escondendo por trás de sua gola, explorando locais que eu desejaria ver.

— Eu... em nenhum momento planejei isso, milorde. — Ela ofegou ao sentir ele abrir o primeiro botão, libertando apenas um pouco de seu pescoço.

— Já lhe disse para me chamar de Rannolf, Princesinha. — Ele passou uma mão pela cintura dela, a trazendo para perto. Havia percebido que ela não conseguia se controlar quando estavam tão próximos, mas não era apenas ela. Ele sentia o mesmo.

— O senhor não me chama pelo nome, por que eu deveria fazê-lo? — Ela suspirou, as mãos subindo pelo peito dele e se envolvendo em seus ombros.

— Porque eu estou mandando, Princesinha. Nunca lhe disseram que deveria obedecer ao seu marido? — Ele ergueu uma sobrancelha, com um sorrisinho. Se podia ter uma certeza dela, era que nunca o obedeceria, e gostava disso.

— Se disseram, me esqueci. — Os olhos dela reluziam de forma surpreendente. Rannolf surpreendeu-se ao perceber que apesar de todos os atrativos dela, os olhos eram o que mais o atraíam. Rannolf nunca desejou tanto uma mulher como a desejou naquele momento.

— Pois seria melhor se lembrar, Princesinha.

— Creio que isso será um problema para nós, milorde. — Agora ela só estava fazendo isso para irritá-lo. E ele sorriu, erguendo uma sobrancelha.

— Bem, se não pretende me chamar pelo nome, só me resta uma opção. — Ele a viu segurar o fôlego de antecipação. — Fazê-la gritá-lo.

E a beijou com todo o desejo que sentia.



Melissa estaria mentindo se dissesse que não esperava por aquilo. No momento em que ele se levantou, ela soube que seria beijada novamente e ansiou por aquilo. Só não esperava que fosse ser assim. Os outros beijos que trocaram haviam sido fortes, sim, mas este... era uma força totalmente nova contra os lábios dela, as mãos dele puxando-a mais para perto, o grunhido dele, quando mesmo através das camadas de tecido, conseguiu apertar as nádegas dela e puxá-la para perto, quase a levantando do chão. Uma pequena parte de sua mente sabia que não deveria permitir a ele tamanha liberdade, mas já haviam

cruzado tantos limites que um a mais ou a menos não mudaria nada. E ao menos dessa vez ela sabia que ninguém iria aparecer ali para atrapalhá-los, não era um jardim, um pátio ou um corredor. Estavam entre quatro paredes, com a porta fechada na casa dele. Ela sentiu um arrepio ao perceber o que aquilo poderia significar.

As mãos dele deslizaram por seu corpo até voltar para os botões de sua gola, os soltando um por um. Ela ofegou quando ele chegou no último deles e deixou que deslizasse esta camada por seus braços. Sem o corset que simulava um casaco, os braços dela agora estavam parcialmente descobertos, com exceção das luvas, que ele tirou em seguida.

— Eu disse que iria lhe desembulhar como um presente, não disse? — A voz dele foi um sussurro rouco, a boca se afastando da dela para descer por seu decote. Era um decote alto, pouco revelador, mas cada centímetro de pele que os lábios dele tocavam parecia incendiar-se.

— Milorde, talvez este não seja o momento... oh! — Ela foi surpreendida ao ser erguida do chão e carregada através do escritório. Melissa mais ouviu do que realmente viu quando ele empurrou algumas coisas da mesa para o chão e a colocou ali, ambos ficando quase na mesma altura dessa forma.

— Vou parar se me pedir, Princesinha. Mas não me peça que pare a menos que esteja falando sério. — Os olhos dele se fixaram nos dela, aquele mar castanho que parecia tremeluzir no calor. Ela apenas assentiu, incapaz de falar naquele momento. Os lábios dele se curvaram num meio sorriso enquanto se inclinaram para o decote dela novamente, as mãos agora em suas costas, soltando seus botões. Em pouco tempo o vestido dela estava escorregando até sua cintura, deixando a mostra a chemise, com um laço na frente. Melissa deixou escapar um riso ao perceber que realmente parecia um presente desembulhado neste momento.

Ele demorou por alguns segundos, dando a ela a chance de pedir que parasse. Ela não pediu, e segundos depois a chemise estava solta, os seios expostos aos olhos dele. Melissa se encolheu um pouco, os cobrindo por instinto. Sentia o rosto queimando, mas não sabia mais definir se era o calor ou a vergonha. Talvez ambos.

— Não se esconda de mim, Princesinha. Posso garantir que não irá se arrepende... — Ele mordiscou o lóbulo de sua orelha, descendo os lábios aos dela e a tomando em mais um beijo devastador, a fazendo esquecer de qualquer vergonha que estava sentindo. À medida que foi relaxando e envolvendo as mãos novamente nos cabelos dele, se surpreendeu ao sentir os dedos dele em sua pele, acariciando, provocando.

O polegar dele pressionou seu mamilo e ela arfou, fascinada pela sensação

e pelo fato de querer mais daquilo. Fechou os olhos ao sentir ele beijando seu pescoço, percorrendo sua pele com os lábios, deixando pequenas mordidas por onde passava. Melissa nunca havia imaginado que algo tão libidinoso poderia ser tão bom, e então os lábios dele atingiram um mamilo, sugando e mordiscando a pele sensível. Melissa arregalou os olhos, enroscando os dedos nos cabelos dele com mais força, fazendo-o ficar perto de si. Não queria que ele parasse tão cedo.

Sentiu ele rir contra sua pele enquanto subia uma mão por suas saias. Os dedos subindo por seu joelho, alcançando sua coxa.

— Tão macia... ninguém nunca a tocou aqui antes, não é? Sou o primeiro a ter essa honra? — Ela assentiu, sendo recompensada com um movimento de língua em seu seio. — Nem você mesma, Princesinha? Nunca tentou descobrir o que lhe dá prazer?

— Eu... — Dessa vez ela sabia que o calor em seu rosto era de vergonha. Ele sorriu, subindo mais os dedos, chegando tão perto que ela quase podia senti-lo.

— Eu quero uma resposta, Melissa. Sabe me dizer o que lhe agrada, ou descobriremos isso juntos? — Ele ergueu uma sobrancelha, mordiscando o mamilo dela uma última vez antes de subir os beijos novamente até sua orelha.

— Sei... um pouco. — O sussurro dela foi quase inaudível, seguido por um gemido quando ele finalmente a tocou onde tanto desejava.

— Então me mostre. Será que prefere ser tocada aqui... — Um dedo dele percorreu suas dobras, num movimento que a fez se contorcer. — Quem sabe aqui? — O polegar dele encontrou o ponto mais frágil dela, fazendo-a arfar com um movimento circular. — Ou talvez... — Ele pressionou um dedo contra sua entrada, apenas um pouco, apenas para fazê-la arfar novamente. — Onde, Princesinha?

— Milorde, por favor...

— Ainda se recusando a me chamar de Rannolf? — Ele balançou a cabeça, um sorriso de divertimento em seus lábios. Os olhos fixados nos dela, observando cada reação. — Quem sabe eu deva optar por uma abordagem mais direta. — Ele a provocou com uma carícia lenta, vendo as pálpebras dela tremerem enquanto mordida o lábio. Então ela estava sendo teimosa? Ele veria até quando a teimosia iria durar.

Rannolf voltou a descer os beijos pelo peito dela, dessa vez seguindo até onde o tecido a deixava exposta, parando ao atingir sua cintura. Enquanto descia ele se ajoelhou em frente à mesa, agora, ambas as mãos segurando as pernas dela. Quando começou a subir sua saia, Melissa tentou fechar as pernas, envergonhada. Ele sorriu.

— O que eu disse sobre se esconder, Princesinha? Já disse que não terá

arrependimentos. — Ele se inclinou, beijando a pele suave por trás de seu joelho, subindo os beijos por sua coxa. Centímetro por centímetro a descobrindo, enrolando o tecido das saias até sua cintura.

Melissa nunca se sentiu tão exposta na vida. Lá estava ela, pernas abertas, o rosto dele a centímetros de seu local mais íntimo. Pensou que nada seria capaz de superar a vergonha que sentiu, mas ao ouvir um gemido escapar dele, a onda de luxúria que a percorreu foi maior do que podia imaginar. Ele a desejava tanto quanto ela o queria. O olhar dele parecia o de um animal faminto que havia encurralado sua presa, e ela mal podia esperar por ser devorada, mas a sensação que a atingiu quando os lábios dele a tocaram foi muito maior do que ela poderia ter imaginado. Melissa não sabia se deveria se segurar nele ou na mesa, a língua dele desaparecendo com todos os seus pensamentos. Quando achou que não podia ser melhor que aquilo, um dedo dele voltou a pressioná-la, entrando apenas um pouco, apenas o suficiente para fazê-la querer mais. E ela quis. Estava tão perto, mas não sabia de onde, queria mais, porém não sabia o quê. Quando ele se afastou, pensou que poderia morrer naquele momento.

— Por favor...

— “Por favor” *quem?* — A voz dele soou mais rouca do que nunca e um arrepio percorreu o corpo dela enquanto se rendia.

— Por favor, Rannolf. — Ela ofegou, vendo o sorriso dele se espalhar por todo o rosto pela primeira vez.

— Agora sim, Princesinha. — E então ele voltou a cobri-la com sua boca, mais forte, mais fundo, mais rápido, até que tudo a volta dela explodiu numa onda de prazer que ela nunca havia imaginado ser capaz de sentir. Foi como correr em direção a um precipício, e ela deixou-se desabar. Sabia que ele estaria ali para segurá-la.



Rannolf nunca havia sentido tanto prazer ao ver uma mulher gemer seu nome. Não foram poucas que se desfizeram em seus braços ao longo dos anos, mas não se lembrava de ter tido uma que fosse tão espontânea, tão real quanto Melissa era naquele momento. Os espasmos dela enquanto retornava do êxtase, a forma como os lábios inconscientemente se curvava em pequenos sorrisos, olhos fechados de forma tão natural que a fazia parecer uma escultura de Vênus. Rannolf nunca esteve tão duro, nem mesmo quando era um jovem inexperiente. E por mais que seu corpo implorasse por ela, sabia que este não seria o momento de possuí-la. Não ali, na mesa desarrumada de seu escritório. Não naquele momento, em que sabia que não duraria mais que alguns instantes dentro dela.

Quando finalmente a possuísse por completo, seria da forma correta.

Ele voltou a trilhar beijos pela barriga dela, o vale entre os seios, até chegar aos lábios. Deu um meio sorriso, mordiscando o lábio inferior dela.

— Abra os olhos, Princesinha. — Ela sorriu, se remexendo um pouco nos braços dele, antes de abrir os olhos. — Ainda pretende dormir em quartos separados e morar em residências separadas fora da temporada? — Ele ergueu uma sobrancelha, vendo ela rir e negar com a cabeça.

— Se ficar ao seu lado for sempre assim, acho que posso me acostumar. — Ela sorriu, e ele viu o rosto dela ficar rosado novamente. Rannolf riu, balançando a cabeça e roubando mais um beijo dela, até finalmente se afastar, descendo as saias dela para a posição certa novamente.

— Será ainda melhor que isso. Agora vista-se, antes que eu decida levar isto até o fim ainda hoje. — Ele piscou um olho, observando-a.

— Existe ainda mais do que isso? — Ela piscou algumas vezes antes de subir a chemise e refazer o laço em frente aos seios.

— Ainda tem muito que irei lhe ensinar, Melissa. Não viu nem a metade.

Ele riu da expressão surpresa que ela fez e balançou a cabeça, observando ela recolocar todas aquelas insuportáveis peças de roupas. Se soubesse antes que bastaria levá-la ao êxtase para criar uma atmosfera mais confortável entre os dois, teria feito isso desde o jardim. Ele não era tolo de acreditar que esse bom humor dela iria durar, na verdade imaginava que fossem discutir novamente até o próximo baile, mas resolveu aproveitar por enquanto.

Ela fechou o último botão da gola e olhou para ele, uma sobrancelha erguida.

— Acabei de perceber que você não... — Ela não completou a frase, mas o vermelho em seu rosto indicou o que estava pensando. Rannolf trincou os dentes, sentindo o membro pulsar em sua calça, implorando por alívio, mas balançou a cabeça.

— Teremos tempo para isso no futuro, agora que desistiu de seus termos. — Ele deu um meio sorriso, se aproximando dela. — Porém acho que agora eu tenho uma condição para nos casarmos.

— Tem? — Ela claramente não esperava que ele dissesse isso, e ele riu. — Qual?

— Que você, Princesinha, nunca mais use um destes vestidos fechados. — Ele riu, enquanto ela balançava a cabeça.

— Tente me proibir, *meu Duque*. — Ela ficou na ponta dos pés, tocando o rosto dele com os lábios e abrindo a porta.

Rannolf apenas observou ela ir, balançando a cabeça. Numa hora o odiava, na outra suspirava seu nome e em seguida fazia piadas com o assunto. E ele

começava a achar que não seria tão difícil se acostumar com estas mudanças de humor.



Capítulo 10

Alguns dias depois.

Ela não parava de pensar naquele dia. Havia se passado quase uma semana e a mente dela continuava voltando ao escritório dele, à intimidade que viveram, ao fato de que tudo indicava que poderiam dar certo. Constantemente se pegava na necessidade de censurar a si mesma para não pensar tanto nele, que nada de bom poderia vir de tantos pensamentos. Havia ido até lá naquele dia justamente para garantir que não se apaixonaria, e saiu totalmente arrebatada por ele. Melissa detestava a falta de controle que tinha sobre o próprio coração.

Agora ela, Nicole, Beatrice e as irmãs estavam tomando chá enquanto falavam sobre os preparativos dos casamentos. O de Corine seria em duas semanas, no final de março, e o de Melissa em um mês. Claro que o de Corine seria maior, afinal vinha sendo planejado desde janeiro, com um tempo apropriado de noivado, mas o de Melissa não ficaria para trás. Nesse momento elas estavam debatendo sobre a escolha de flores. Rosas, cravos, tulipas, violetas... Melissa estava começando a pensar que não gostaria de ver flores de novo nem tão cedo após os casamentos.

— Mel? — Cori a chamou.

— Desculpe, eu estava distraída. Perguntou algo?

— Já é a terceira vez hoje, Melissa. No que você pensa tanto? — Emilly se virou para a irmã, uma sobrancelha erguida.

— Provavelmente no noivo. Se fosse eu me casando, não pararia de pensar em meu futuro marido. — Beatrice sorriu. Ela e Corine haviam crescido juntas, tendo apenas três meses de diferença. Era como uma outra irmãzinha para Melissa.

— Bem, você não está errada. Eu realmente estou pensando em Hampton. — Melissa sorriu, sentindo o rosto esquentar um pouco. Se elas soubessem no que exatamente ela estava pensando sobre ele...

— Eu sabia! — Beatrice sorriu. — Vocês estão apaixonados, não estão? Tudo aquilo sobre ruína e reputação que mamãe falou era mentira.

— “Ruína e Reputação”, por que será que Jane Austen nunca pensou em escrever algo assim? Eu leria com certeza. — Nicole riu, acompanhada por Emilly.

— Por que será, não é mesmo? — Melissa revirou os olhos, se voltando para Beatrice. — Respondendo à sua pergunta, sinto em dizer que Lady Callendale não mentiu. Eu e Hampton estamos nos casando pois fomos vistos por ela, Lady Valbury e mamãe em um momento... comprometedor. Não estamos

apaixonados.

— Ainda. — Corine fingiu uma tosse para esconder a palavra, com uma risadinha. Melissa nem respondeu.

— Ah, sim. Entendo. — Beatrice encarou Melissa por alguns instantes, franzindo o cenho. — Se me permite perguntar, não é difícil se casar com alguém que não ama?

— Bem... — Melissa não sabia como responder. Sim, era difícil, e ela tinha a sensação de que futuramente sentiria o peso de não ser amada pelo marido, mas no presente sua maior preocupação estava sendo não se apaixonar. — Um pouco. Mas eu e ele nos damos bem e creio que seremos capazes de construir um laço de amizade e companheirismo através dos anos. É mais do que muitos casais têm durante toda uma vida.

— Porém menos do que alguns poucos conseguem ter. — Beatrice desviou o olhar, encarando sua xícara de chá. — Eu perguntei porque ouvi uma conversa entre mamãe e papai sobre Lorde Payton querer se casar comigo. Eles estavam pensando em permitir.

— Payton é aquele que parece uma doninha? — Nicole fez uma careta, vendo as amigas se virarem para ela. — O quê? É verdade! Ah, sinto muito querida.

— Ela está certa, ele parece uma doninha. — Ela deu de ombros. — Mas tem um título considerável, e por mais que ainda seja minha primeira temporada, eles temem que eu faça como Thessa e não receba mais pedidos. Companheirismo e amizade, certo? Acho que irei tentar isso. Porém seria muito mais fácil se ele tivesse algum tópico de conversa além dos cachorros. — Ela riu, dando de ombros. — Mas vamos voltar a falar dos casamentos de vocês. Corine tinha lhe perguntado se acha que ela combina com crisântemos.

— Crisântemos? — Melissa ergueu uma sobrancelha para a irmã. — Pensei que sua flor favorita fossem lírios.

— Bem, sim, mas crisântemos representam felicidade, e eu estou feliz, então pensei...

— Que seria bom representar isso com as flores. — Melissa completou a frase dela, rindo. — Acho que ficaria linda com um buquê de crisântemos, e quem sabe possamos por alguns lírios no meio.

— Perfeito! — Corine sorriu. — Mas e quanto ao seu buquê? Já sabe que flores vai usar?

— Gardêneas e rosas. Simples, clássicas e ainda assim lindas. — Melissa sorriu. — Não vou querer nada muito exagerado, vai ser um casamento de planejamento curto, o verdadeiro espetáculo vai ser o seu.

— Melissa nunca foi de planejar muito como seria seu casamento. Seus

sonhos sempre foram relacionados com a vida após o casamento e com o homem que escolhesse, não com a cerimônia em si. Já Emilly fez um casamento tão estonteante que os jornais não falaram sobre outra coisa por dois dias e o de Corine parecia que seguiria o mesmo rumo.

— Você já sabe se Hampton pretende levá-la para uma de suas propriedades no campo após o casamento? Langford me prometeu que passaríamos a lua de mel em sua propriedade em Kent antes de voltarmos para o seu casamento. Mal posso esperar. — Ela sorriu animada, enquanto Melissa balançava a cabeça.

— Ele não mencionou nada quanto a isso, então não sei. — Melissa não queria criar esperanças, mas a ideia a divertiu. Se os poucos momentos roubados que teve com ele foram tão incríveis, nem podia imaginar como seria uma semana ou duas apenas os dois, sem outros compromissos ou preocupações. Bem, a não ser o risco de se envolver demais. Ela sentia a necessidade de constantemente se lembrar disso, “eu não posso me apaixonar”.

— E falando em lua de mel... — Corine se virou para Emilly, com um sorriso de lado a lado. — Será que agora já pode nos contar o que acontece entre marido e mulher? Em duas semanas eu já serei uma esposa, preciso estar preparada!

— Bela tentativa, mas se pôde aguardar até agora, com certeza consegue esperar mais duas semanas. Antes de seu casamento eu e mamãe conversaremos com você. — Emilly riu do bico que a irmã fez. — E caso tenha se esquecido, outras duas senhoritas nesta sala não estão com casamento marcado. Seria indecoroso de minha parte revelar isto.

— Como se você não soubesse que eu vou contar tudo para Bea assim que acontecer, e Melissa para Nicole. — Corine resmungou, enquanto as outras riam.

— Ei, nem tente me colocar no assunto, a curiosidade louca é sua. — Melissa riu, Nicole se inclinando ao seu lado.

— Você vai me contar, não vai?

— Claro que vou. — Ela cochichou de volta, piscando um olho para a amiga e rindo.

Passaram mais uma boa parte da tarde discutindo os detalhes de ambos os casamentos, Corine insistindo nas perguntas e Emilly ignorando. Por fim ela acabou desistindo, decidindo realmente esperar mais duas semanas até descobrir. No dia seguinte iriam visitar a Maison de Lady Chandler para as últimas provas dos vestidos de Corine e começarem a confecção do de Melissa. Essas semanas seriam tão corridas que Melissa só teria tempo de ver Hampton em alguns bailes. Por mais que não quisesse, uma parte sua se entristeceu com isso.



Ele estava no Coração Selvagem, um dos clubes de cavalheiros mais requisitados de Londres. Não frequentava o clube já há algum tempo, mas estava precisando de uma distração, algo que afastasse sua mente de Melissa. Desde o dia no escritório ele não parava de pensar nela, mais especificamente no que os dois fizeram, ou no fato de que nunca desejou uma mulher tanto quanto a desejava. E quando não era isso, seus pensamentos se direcionavam à Christine, cada dia mais perto de dar à luz. Ele havia recebido mais duas cartas dela, uma dizendo que estava tudo bem com ela até então e outra comunicando que havia decidido nomear o bebê de Maxwell, caso fosse um menino, em homenagem ao pai deles.

Rannolf tomou um longo gole de seu whisky ao se lembrar disso. Ela parecia fazer isso de propósito para irritá-lo. Se apaixonar, casar por amor, engravidar aos trinta anos, batizar o filho em homenagem ao pai. Tudo o que mais o incomodava, coisas sobre as quais sempre a avisou para não fazer, ela fazia.

E como se seus pensamentos invocassem o diabo, Carllos Montrell se sentou na poltrona ao lado.

— Soube que vai se casar. Sua irmã e eu ficamos surpresos, depois de como reagiu quando nos casamos imaginamos que tivesse aversão ao ato. — Ele soltou um riso, fazendo Rannolf segurar a vontade de revirar os olhos.

— Apenas ao motivo que os levou a isso. Não poderia esperar realmente que eu ficasse feliz ao ver minha irmã fugir para se casar “por amor” com um homem quase sem terras e sem título. E antes que comece a me atordoar com isso, ser da família de um Marquês não faziam de você um bom partido. — Rannolf revirou os olhos, ouvindo o cunhado rir.

— Você não era amargo assim quando estudávamos em Eton. — Ele deu de ombros.

— Naquela época você não havia arruinado a vida de minha irmã.

— Bem, me odeie o quanto quiser, mas já está na hora de perdoar ela. Já fazem dez anos e ela é sua irmã, Rannolf. Sua irmã grávida, que cria esperanças todas as vezes que o mordomo anuncia uma visita esperando que seja você. Eu e ela estamos começando uma família agora, mas você continua sendo o irmão. — Montrell se levantou, balançando a cabeça. — Pense nisso.

Rannolf ficou em silêncio enquanto via o cunhado andar até uma mesa de vinte-e-um. Era sempre assim quando se encontravam. Uma conversa de poucos minutos, Montrell insistindo que ele falasse com a irmã, Rannolf o ignorando.

Haviam estudado juntos em Eton, era verdade. Nunca chegaram a ser amigos, mas se davam bem. Mas então Christine debutou, aos dezenove anos e ele a pediu em casamento. Rannolf julgou que ela merecia um marido melhor que um lorde com poucas terras. Algumas semanas depois eles fugiram, na segunda vez que o “amor” o deixou sem família.

Rannolf se levantou, deixando o clube e caminhando até em casa, voltando a pensar em Melissa durante o caminho, a lembrança dela o distraíndo da raiva. Em nenhum momento parou para pensar no que isso poderia significar.



Capítulo 11

Duas semanas depois.

Corine estava se casando. Neste exato momento ela estava dizendo “sim” para Langford e Melissa teve que secar uma lágrima. A irmã estava linda, com um vestido em tons claros de rosa, um véu bordado com flores e o buquê de crisântemos em sua mão, mas o que fez Melissa desabar, foi o olhar que a irmã lançava ao novo marido. Qualquer um que estivesse presente naquela igreja poderia ver o quanto eles se amavam. Ela estava num dos bancos mais próximos do altar, era irmã da noiva e madrinha. Rannolf estava sentando um pouco longe, e ela lançou um olhar para ele neste momento.

A barba havia crescido um pouco novamente, deixando-o mais parecido com o homem que ela conheceu naquela primeira noite no jardim. Em duas semanas seriam os dois no altar, trocando votos e jurando fidelidade até que a morte os separasse. Ele por um momento olhou para ela e piscou um olho, recebendo um sorriso como resposta. Mal haviam se visto nas duas últimas semanas, e só quando o viu chegar hoje mais cedo, Melissa percebeu que sentiu sua falta. Não era um bom sinal, mas decidiu que apenas por hoje não iria ficar se censurando quanto a isso. Voltou a olhar para o altar, onde o clérigo os declarava, de fato, marido e mulher.

Os convidados aplaudiram e Melissa viu com o canto do olho que a mãe também estava chorando. Ao menos uma das filhas se casou na primeira temporada e com um homem respeitável. Aos poucos, foram deixando a igreja, seguindo para as carruagens que os esperavam. Haveria uma recepção na residência Briston após o casamento. Serviriam o café da manhã como era de praxe e a mãe não havia economizado um centavo que fosse, providenciou um verdadeiro banquete de café da manhã.

A carruagem dos noivos partiu primeiro, seguida pela dos pais. Melissa estava esperando a carruagem de Emilly chegar já que iria com a irmã, quando Rannolf se aproximou dela.

— Os próximos seremos nós, Princesinha. Mas tente não chorar tanto quando for nossa vez, certo? — Ele riu e ela revirou os olhos.

— Tenho o direito de ficar emocionada com o casamento de minha irmã, milorde. Com certeza o senhor não está julgando meus sentimentos, está? — Ela ergueu uma sobrancelha, sem realmente se virar para ele. Um sorriso divertido ameaçava surgir em seus lábios.

— Ah não, de jeito nenhum. Na verdade pretendo me manter bem longe de seus sentimentos. — Ele lhe dirigiu um sorriso de canto. Ela estava pensando

numa resposta quando a irmã e o cunhado se aproximaram.

— Foi tão lindo! Mal posso acreditar que nossa irmãzinha está casada. — Ela estava emotiva, até mais que o normal. — E a próxima será você, em apenas mais duas semanas.

— Se quiser um conselho, Hampton. — Hayston, que estava com o braço entrelaçado ao da esposa, se virou para Rannolf. — Reze para que Lady Melissa não seja tão emotiva quanto a irmã. — E riu, vendo o olhar que a esposa lhe lançou. — Não me olhe assim querida, sabe que é verdade. Principalmente agora.

— Principalmente agora? — Melissa olhou do cunhado para a irmã, curiosa.

— Bem, iríamos esperar para fazer o anúncio só após seu casamento, mas... estou esperando nosso terceiro filho. — Emilly sorriu e Melissa usou toda a boa vontade que tinha para não dar um gritinho animado bem ali, em frente à igreja.

— Emilly isso é incrível! Estou tão feliz por vocês. — Ela sorriu. Nesse momento o cocheiro de Hayston parou a carruagem em frente a escadaria e ela se virou para Rannolf. — Nos vemos novamente na recepção.

E seguiu a irmã e o cunhado em direção à carruagem.

— Sabe, em breve serão você e Corine esperando seus filhos. — Emilly sorriu, animada. — Finalmente vou poder fazer o papel de tia.

— Vai ser uma tia maravilhosa, assim como já é uma mãe. — Melissa sorriu. — Agora só falta encontrarmos um modo de casar Oliver e a família vai estar completa.

— Se vocês duas conseguirem fazer isso, vão poder provar que milagres existem. — Hayston riu, sendo acompanhada pelas duas. Melissa percebeu que com o passar dos anos ela começou a considerar o cunhado como parte da família, e se perguntava se aconteceria o mesmo com as irmãs e Rannolf. Ela esperava que sim.



A Duquesa de Briston definitivamente se superou com o banquete de café da manhã. Rannolf estava observando as muitas opções que haviam sido servidas, se perguntando se ela faria igual no casamento dele com Melissa. Esperava que não.

O casamento deles teria metade dos convidados que o do casamento de hoje, e se dependesse dele, seria ainda menos. O único convidado dele era Sandsore, e havia prometido a Gladys que poderia assistir. Devido a gravidez de

Christine, ninguém o aborreceu quando disse que preferia não a convidar, e ele ficou grato por isso. Todos os outros eram convidados de Lady Briston. Sim, era de se esperar que outros nobres fossem convidados, nomes influentes na sociedade e no parlamento, acompanhados de suas esposas, mas não via necessidade em convidar um número enorme de viúvas, damas solteiras, cavalheiros elegíveis e primos distantes.

Ela havia decidido não gastar seu tempo discutindo com a futura sogra, então apenas aceitou os convidados que ela escolheu. “Que seja”, pensou. Não mudaria nada na vida dele ter ou não a presença de “Lady Desconhecida e Lorde Nunca-Ouviu-Falar”, então que Lady Briston se divertisse com a lista. O dia de seu casamento não seria nada importante para ele, um dia qualquer. Mas hoje percebeu que seria importante para Melissa. A forma como ela olhava para a irmã no altar, as lágrimas que ele a viu secando... ela se importava com o casamento. E, maldito seja, ele estava começando a se importar com a opinião dela.

Ele a viu conversando com Sandsore e Lady Nicole e se aproximou deles.

— Simon, nem pense nisso! Isso não é o tipo de piada que se conta numa manhã, principalmente para uma donzela! — Lady Nicole estava ralhando com ele e Rannolf ergueu uma sobrancelha.

— Eu contei essa piada a você meses atrás e não teve problema. — Ele ergueu uma sobrancelha e a garota revirou os olhos.

— Eu cresci com você, sou acostumada a essas coisas. Mas não vou deixar que faça isso com Melissa também.

— Qual piada? — Rannolf se intrometeu na conversa.

— Aquela que aprendi com o escocês, sobre a avó se arrumando para dormir. — Sandsore riu e Rannolf balançou a cabeça.

— Concordo com Lady Nicole, não é uma piada apropriada, nem ela deveria saber.

— Ela mesma disse que cresceu comigo, Hampton. Já ouviu piores. — Nicole assentiu quando ele disse isso e Rannolf revirou os olhos. — Mas tudo bem, pouparei sua noiva dos absurdos que costumo falar.

— Os senhores sabem que estão me deixando cada vez mais curiosa, não sabem? — Melissa ergueu uma sobrancelha e Rannolf se virou para ela.

— Pois trate de se esquecer disto. Quem sabe em alguns anos eu não lhe conte. — Ele deu de ombros, rindo da expressão zangada que ela fez.

— Vocês três são horríveis, sabiam? — Ela se virou para a melhor amiga. — Nicky, por favor. O que tem de tão mal nessa piada?

— Tudo! — A garota riu. — O linguajar, a curta história da piada em si... Se quiser minha opinião, acho que você nem entenderia totalmente. Não é algo

que mulheres solteiras normalmente compreendem.

— Mas você...

— Cresci ao lado dele, como já disse milhares de vezes. Isso meio que anula qualquer ingenuidade que eu poderia ter para assuntos assim. — Nicole deu de ombros enquanto Sandsore ria. A garota era divertida, Rannolf não podia negar.

— Eu odeio vocês. — Melissa fez uma careta, mas acabou rindo.

— Voltamos ao ódio então? Que noiva inconstante a minha... — Rannolf arriscou a piada, sendo fuzilado pelos olhos dela enquanto os outros dois riam.

— Está vendo só? É por olhares assim que eu não arrumo uma noiva. — Sandsore comentou com Nicole, se divertindo.

— Simon Longmore, Conde de Sandsore, com medo de um pequeno olhar feminino, e ainda se diz um libertino arrasador de corações. — Nicole riu, enquanto ele a encarava. — Olha, você também consegue dar esse olhar!

— Sabe, acho que encontramos algo em comum afinal. — Rannolf comentou com a noiva, vendo ela erguer uma sobrancelha. — Ambos temos que suportar estes dois.

E ela riu.



Ela nunca o tinha visto assim. Descontraído, dando risada, trocando comentários com o amigo e fazendo piada com a situação dos dois. Melissa estava começando a acreditar que cada vez em que o via, era um Rannolf diferente. Sedutor, canalha, insuportável, irresistível e divertido. Se perguntava que outros lados dele ainda lhe permaneciam desconhecidos.

— Minha situação ainda está um pouco pior. — Ela comentou. — Ao menos você não precisa aguentar Sandsore dando opiniões no seu enxoval e vestido de noiva. Eu preciso suportar isso de Nicole, o tempo todo.

— Eu ouvi isso. — Nicole se virou para ela. — Quando eu lhe abandonar e você acabar sem ter nem um único par de meias bonito, não venha chorar no meu ombro depois. — Ela riu, enquanto Melissa a encarou, piscando duas vezes.

— Me aguarde. Quando for o seu casamento também irei lhe acordar às sete horas da manhã para sermos as primeiras a chegar na costureira, no sapateiro, na chapelaria...

— Se eu chegar a ter um casamento você pode fazer o que quiser. — Nicole deu de ombros, com um sorriso. De todas as moças solteiras em Londres, ela era provavelmente a única que não se incomodava com isso. Melissa admirava isso nela.

— Se você encontrar um cavalheiro disposto a casar com você e ainda passar por Brian, Phillip e por mim, eu sugiro que fuja com ele imediatamente antes que o pobre coitado mude de ideia. — Sandsore riu enquanto Nicole apenas revirou os olhos.

Melissa sorriu, sempre achava divertidas aquelas conversas entre os dois. Não era a primeira que testemunhava e tinha a impressão de que não seria a última.

— Eis uma boa notícia para nós, — Rannolf se inclinou para perto dela enquanto se afastavam um pouco dos dois e iam em direção à mesa de doces. — Em duas semanas iremos passar alguns dias longe desses dois.

— Iremos? — Ela se virou para ele, confusa.

— Nossa lua de mel, Princesinha. Não poderemos fazer uma viagem longa no momento, mas podemos nos ausentar por uns poucos dias. — Ela percebeu que aquilo era uma espécie de convite. Melissa piscou algumas vezes antes de conseguir responder.

— Eu adoraria. Não imaginava que com toda sua aversão a opinar nos planos do casamento fosse querer uma lua de mel. — Ela o observou, curiosa. Ele deu de ombros.

— A mim é indiferente, mas pensei que a senhorita fosse gostar de conhecer minha propriedade em Hampshire. — Ele se inclinou em direção a ela, diminuindo o tom de voz. — E a ideia de tê-la apenas para mim durante alguns dias é tentadora.

O rosto dela corou enquanto desviava o olhar. Não deixaria ele saber que quando as irmãs mencionaram uma lua de mel, ela pensou a mesma coisa.

— Sim... eu gostaria de uma lua de mel, ainda que curta. — Foi tudo que admitiu, vendo ele sorrir. Com a barba era mais difícil de se notar, mas ali estava aquela covinha de apenas um lado.

— Irei providenciar tudo então, mas já lhe deixo o aviso de que não planeje dormir muito enquanto estivermos lá. Creio que consigo pensar em uma coisinha ou duas que a farão gostar de ser acordada às sete da manhã. — E com isso ele se afastou, piscando um olho e a deixando ali enquanto ia cumprimentar os noivos.

Melissa piscou algumas vezes, sentindo o rosto ainda quente e sorriu. Havia gostado desse novo lado dele quase tanto quanto o havia odiado na noite em que ficaram noivos. Estava começando a pensar que talvez não importava o quanto o odiasse, sempre acabaria por gostar dele na mesma medida.



Capítulo 12

Faltava pouco mais que uma semana para o casamento. Rannolf estava na biblioteca ouvindo Gladys tagarelar sobre ele e Melissa e as mudanças que faria na casa para receber a nova Duquesa. Esse era um dos momentos em que ele se perguntava por que nunca mandou ela para cuidar de uma das casas no interior, mas ao mesmo tempo, a casa teria ficado muito quieta sem ter nem uma governanta.

— É claro que ela poderá mudar a decoração se quiser, mas pelo o que me falou, imagino que irá gostar dos novos tons de branco e vermelho. Uma pena que ela não tenha tido tempo de vir aqui discutir estes detalhes comigo, queira Deus que eu não desagrade minha nova patroa logo após sua chegada. Sim, eu pensei em decorar o quarto com tons de verde por causa dos olhos dela, mas é melhor deixar as cores combinando para vestidos e joias e...

— Gladys, que tal respirar um pouco entre as frases? Vai lhe fazer bem. — Ele suspirou, apoiando o cotovelo no braço da poltrona e o rosto em sua mão.

— E falando em joias. — Ela continuou, ignorando ele por completo. Nada novo. — Não acha que deveria dar a ela o colar que foi de sua mãe? Seu pai, que Deus o tenha, deu o colar a ela quando a pediu em noivado. E eu sei que ele pretendia que passasse para sua futura esposa, já estão noivos há um mês e o colar continua aqui em vez de estar no pescoço dela.

— E é aqui que irá continuar. Não há motivo para isso, Gladys. Já dei a ela o anel que foi de minha mãe, não preciso me desfazer do colar também. É tudo que me restou dela. — Ele desviou o olhar, se calando. Gladys o conhecia desde pequeno e viu o quanto ele sofreu. Ela, acima de todos, deveria entender porque ele não queria se desfazer do colar, não ainda. Rannolf poderia ficar velho o quanto fosse, mas sempre que pensava na mãe, ele voltava a ser o menino de dez anos que a viu partir.

— Como quiser, mas saiba que Lady Ellen ficaria mais que feliz se o colar passasse para sua sucessora. — Gladys sorriu, o olhar distante. — Se ela ainda estivesse conosco, tiraria o colar ela mesma e entregaria à sua noiva.

— Se estivesse aqui ela nunca me permitiria casar com Melissa. Ao menos não pelos motivos que irei me casar.

— Eu tenho a sensação de que se ela estivesse aqui você já estaria casado há anos. — Gladys deu de ombros, vendo ele erguer uma sobrancelha. — Apenas diga que vai considerar dar o colar para a garota, eu acredito que iria ajudar ela a se sentir mais aceita. A pobrezinha vai mudar de vida, pelo amor de Deus!

— E a minha vida vai continuar completamente a mesma, não é?

— Você só precisará se acostumar a ter uma garota bonita por perto durante o resto da vida, não será algo difícil. Ela terá que se adaptar à vida de esposa, Duquesa, responsável por suas propriedades, dar os próprios bailes, em algum tempo a ser mãe também...

— Eu entendi, Gladys. A mudança dela será maior. — Ele suspirou, voltando a apoiar o rosto na mão. Às vezes ele se perguntava se a mãe seria assim caso estivesse viva. Estava pensando nisso quando, após duas curtas batidas na porta, Vincent entrou.

— Vossa Graça, sinto incomodar, mas tenho uma mensagem de Lady Melissa. Ela pede ao senhor que vá até a casa dela, aqui diz que é urgente. — Ele tinha um papel em mãos e Rannolf arregalou os olhos, se levantando rapidamente e indo em direção ao mordomo, pegando o papel da mão dele.

As palavras eram curtas, *“Lorde Hampton, peço que venha me visitar o mais rápido possível após receber esta mensagem, pode-se dizer que é urgente. Melissa.”*. Rannolf franziu o cenho, se perguntando o que haveria acontecido.

— Vincent, mande preparar meu cavalo. O quero pronto para sair em dez minutos. — O que quer que fosse, ela havia chamado por ele. E ele não pensaria duas vezes antes de responder.



No que ela estava pensando?! Chamando Hampton assim, como se ele estivesse à sua disposição, como se não fosse um Duque atarefado. Agora Melissa não conseguia entender no que havia pensado, mas uma hora mais cedo aquilo pareceu o mais apropriado a se fazer.

Ela estava em casa trabalhando em suas pinturas quando ouviu o barulho de passos por todo lado na casa. Ela finalizou os traços em que estava trabalhando e deixou o pincel de lado, saindo da sala que usava como ateliê e se deparando com criados correndo na direção do quarto de seus pais. Melissa os seguiu, queria saber o que estava acontecendo. Se deparou com a mãe no corredor, dizendo que seu pai havia passado mal, algo sobre uma dor no peito e um desmaio. Melissa nunca havia visto a mãe tão desesperada na vida, pálida e chorando enquanto esperava que um médico chegasse.

Melissa não soube o que fazer enquanto o médico passava por ela e examinava seu pai. Também não soube o que fazer enquanto ele explicou para ela e para a mãe que seu pai, o Duque de Briston, estava sofrendo do coração e deveria ficar em repouso total para evitar outra crise como a de hoje. Ela apenas observou enquanto o homem ia embora e passou vários minutos encostada na

porta, vendo a mãe se ajoelhar ao lado da cama do marido, o tratando com mais amor do que Melissa havia visto durante toda a vida. Sempre imaginou a mãe como alguém fria, uma mulher que não demonstrava os sentimentos que tinha pelo marido ou pelas filhas, mas naquele momento percebeu que estava enganada.

— Ah Anthony, tive tanto medo de perdê-lo. Há tanto que ainda preciso lhe dizer, eu já deveria ter contado há anos, mas...

— Shh, Clare. Eu sei, eu sempre soube. Nunca fez diferença. — O pai mesmo fraco sorriu e Melissa se sentiu uma intrusa no momento dos dois. Enquanto descia as escadas até o andar de baixo, ela se sentiu tão sozinha que seu peito doeu. A primeira coisa que lhe cruzou a mente foi mandar um bilhete para Rannolf. O risco de perder o pai estava pesando nela, e sentia a necessidade de ter alguém ao seu lado, um ombro para chorar ou o que fosse, e ele foi o primeiro em que pensou. Pareceu uma boa ideia no momento.

Mas agora, uma hora depois, Melissa estava começando a se sentir estúpida. O pai não havia morrido, afinal, e Rannolf provavelmente acharia que ela estava se desesperando por nada. Por que não mandou chamar Nicole? As irmãs estavam fora de cogitação, Corine em lua de mel e Emilly grávida, mas poderia ter chamado a amiga. Deveria ter chamado a amiga. Estava se martirizando por isso quando o mordomo entrou na sala em que estava.

— Lorde Hampton para vê-la, senhorita.

— Deixe-o entrar. — Ela mal acabou de falar e Rannolf já estava na porta, claramente ignorando o pedido do mordomo que esperasse na entrada. Melissa fez um sinal para que o mordomo saísse.

— Melissa? O que aconteceu? — Em alguns passos ele estava em sua frente e ela se surpreendeu ao ver a preocupação nos olhos dele.

— Eu... não é nada, não deveria ter lhe importunado. Eu apenas não queria estar sozinha agora. — Ele ergueu uma sobrancelha e ela suspirou, abaixando a cabeça. — Meu pai quase morreu esta tarde. Algo no coração, de acordo com o médico, e ainda está sob o risco de não passar desta noite. Quando vi minha mãe ajoelhada ao lado dele e percebi que poderia ficar órfã me senti tão só... — Ela ergueu o olhar, vendo uma expressão indecifrável no rosto dele. — Sinto muito, não deveria lhe importunar com isto.

— Melissa... — Ele se sentou ao lado dela, passando um braço por sobre seus ombros e a puxando para seu peito. — Antes de mais nada, não se desculpe por me chamar. Vou ser seu marido em uma semana, não fez nada de errado em me chamar. Queira ou não, seus problemas serão meus também, mas poderia ter explicado o ocorrido pelo bilhete, pensei que houvesse sido algo com você. — Se ela estivesse em um dia normal, o provocaria, insinuando que o Duque sem

coração estava preocupado com ela, mas hoje ela apenas se aconchegou nele, sendo confortada pelo coração dele batendo sob seu peito.

— Sinto muito. Eu mal consegui pensar naquele momento, estava tão apavorada com o risco de perder meu pai... a perda dele destruiria minha mãe e eu perderia os dois de uma única vez. — Ela o sentiu endurecer com estas palavras, sua respiração presa. Ela ergueu o olhar. — O que foi?

— Você não sabe a história da morte de meus pais, não é? — Ele ergueu uma sobrancelha e ela negou com a cabeça. — Eu os perdi na mesma noite.

— Como? — Ela se odiou por perguntar, mas foi instintivo. Ele deu de ombros, o olhar perdendo um pouco o foco.

— Minha mãe estava grávida do terceiro filho, perto de dar à luz. Ainda faltava um mês para a data prevista, mas ela levou uma queda que acabou antecipando as coisas. Foi uma tarde horrível, os gritos dela escapando pela porta do quarto. O bebê nasceu sem respirar e poucos minutos depois ela também se foi. — Ela sentiu um calafrio quando ele disse isso, surpresa. — Naquela noite meu pai deu um tiro no próprio peito e eu aos dez anos de idade me tornei um Duque.



Era a primeira vez que Rannolf falava sobre isso em mais de vinte anos. Logo após a morte dos pais, ele teve que responder a mesma pergunta vezes demais, mas depois que a história se espalhou, a frequência com que o questionavam foi diminuindo até parar e ele simplesmente não tocou mais no assunto. Vez ou outra ele mencionava algo com Gladys, mas não assim. Não havia pretendido contar seu passado para Melissa, mas ao vê-la ali, devastada pela quase perda do pai, sentiu que era necessário. Se ele sobreviveu, ela também conseguiria.

Fosse outro, era provável que realmente achasse um exagero dela tê-lo chamado pela quase morte do pai. Como ela mesma disse, não aconteceu nada, afinal. Mas Rannolf conseguia entender por experiência própria o que se passava na mente dela agora.

— Ah, Rannolf... — Ela ergueu uma mão de forma relutante, tocando o rosto dele. Ele deu um sorriso rápido, dando de ombros.

— Já faz muito tempo, Princesinha. Não precisa se preocupar com isto, apenas quero que saiba que se eu sobrevivi a perda, você também consegue. — Ele não suportou o olhar de pena que ela lhe lançou, e a puxou para junto de si novamente, a cabeça dela em seu peito. O cabelo dela não estava preso em algo complexo hoje, então ele aproveitou disso para mexer em alguns cachos que

havam escapado.

Ficaram assim em silêncio por vários minutos, mas nenhum dos dois se incomodou. Rannolf estava começando a perceber que gostava da companhia dela, da forma como ela se encaixava em seus braços. Tão mais baixa que ele, e ainda assim no tamanho certo.

— Seu coração fica acelerado, sabia? — Ela ergueu um pouco o olhar para ele, com um sorriso leve no rosto. — Já havia notado isso antes, mas nunca tive oportunidade de dizer. Batidas fortes e rápidas... eu gosto disso. De você. — Ela fechou os olhos e ele demorou alguns segundos para reagir, fascinado pela naturalidade com que ela admitia gostar dele após todas aquelas discussões que os levaram até ali.

— Não diga tolices, Princesinha. Amanhã mesmo já estará me detestando de novo. — Ele ouviu a risada dela e sorriu, a acompanhando.

— Tem razão, mas por hoje me deixe gostando, certo? — Ela sorriu, abrindo os olhos e o observando por alguns instantes. — Obrigada. Por ter vindo, por ficar do meu lado. Sei que não deve ser algo com que está acostumado.

Ela se inclinou na direção dele, lhe dando um beijo curto nos lábios, o surpreendendo. Não pelo beijo em si, mas pela doçura que carregava. Ele traçou o rosto dela com os dedos, lhe dando um sorriso sincero. Um dos únicos desde que se conheceram.

— Não precisa agradecer, Princesinha. Estou apenas treinando minha função como seu futuro marido. — Ele piscou um olho, vendo um riso escapar dela.

— Até agora está se saindo muito bem, *Meu Duque*. — Ela sorriu e ele percebeu, naquelas palavras, que ela não poderia nem imaginar o quanto estava certa. De alguma forma ele havia se tornado o Duque *dela*, e temeu o que isso poderia vir a significar.



Capítulo 13

O pai dela estava melhorando. Haviam se passado dois dias e ele não havia tido outra crise, já estava rindo e querendo se levantar. Era um alívio para Melissa que agora estava nervosa por outro motivo: o casamento seria em exatamente uma semana. O vestido estava pronto, as flores encomendadas, o menu da recepção sendo discutido com a mãe e a irmã mais velha. Corine só voltaria da lua de mel em três dias.

Ela hoje havia tirado o dia de folga dos planejamentos e estava na biblioteca, reorganizando algumas prateleiras para distrair sua mente. Ela antes já pensava bastante nele, mas agora somando o casamento cada vez mais próximo e a última conversa que tiveram... ela estava gostando dele cada vez mais. A imagem dele contando sobre os pais não saía de sua mente, principalmente os olhos. Não se lembrava de alguma vez na vida ter visto um olhar tão triste quanto o de Rannolf ao mencionar a mãe. Ela estava começando a entender melhor o modo como ele agia, e isso a assustava. Quanto mais o compreendia, mais apegada a ele ficava.

Suspirou, deixando os livros de lado e se sentando em uma das poltronas. Em uma semana ela seria Lady Hampton, uma Duquesa. Essa parte seria fácil, cresceu sendo preparada para se casar com um Duque. Mas também seria esposa do homem mais complexo e irresistível que já conheceu. Sua mente dava voltas e voltas sobre como seria sua vida ao lado dele. Ele havia deixado claro que viveriam juntos, e no fundo, ela apreciava essa ideia, mas temia que se esgotassem com o tempo. Os pais eram um casal apaixonado e se esgotaram com o tempo, ela via que por vezes eles passavam semanas mal se falando, então o que seria dela com um casamento por conveniência? Amizade e companheirismo seriam suficientes ou após uma década ou duas se afastariam?

Ela abaixou a cabeça, com raiva de si mesma por se preocupar tanto com isso, afinal, não era como se seus pensamentos pudessem mudar algo na situação em que se encontrava. Ela estava pensando em talvez visitar Emilly, se distrair brincando com os sobrinhos, quando após duas batidas na porta o mordomo entrou.

— Senhorita, uma visita lhe aguarda na sala azul.

— Diga que já vou. — Ela o viu sair novamente e franziu o cenho. Quem poderia estar lhe visitando no meio da tarde? Emilly estava com os filhos hoje, Corine em lua de mel, e Nicole havia visto ela de manhã...

Ela arregalou os olhos, sentindo uma onda de empolgação. Só podia ser ele! Não queria ficar tão animada assim, mas não teve escolha. Sorriu, passando

as mãos nas saias e se ajeitando um pouco, até respirar fundo e se dirigir até a sala azul do primeiro andar. Sorriu ao abrir a porta, olhando em volta da sala para vê-lo, mas não era ele.

Ali, em sua sala de estar, estava *ele*. Seu primeiro amor, O Barão de Baylard.

— Soube que vai se casar. Vim lhe pedir que não faça isso.

Ela demorou alguns instantes para assimilar as palavras dele. Aquilo só podia ser uma miragem, uma loucura de sua mente nervosa. Sabia que deveria ter dormido mais na noite passada, era a única explicação. Mas após piscar várias vezes e se passarem alguns minutos, ela percebeu que era real. E não podia acreditar. Lá estava ele, os mesmos olhos azuis e cabelo escuro por quem ela se apaixonou anos atrás.

— Veio me pedir... — Ela respirou fundo, se recuperando do choque. — Baylard, isto não faz sentido. Fazem mais de quatro anos desde que foi embora, por que...

— Por que voltar agora? — Ele deu um passo a frente, ao mesmo tempo em que ela deu um para trás. — Porque eu lhe amo. Passei os últimos quatro anos lutando em busca de uma fortuna, procurando uma maneira de ser digno de você. Pensei que se voltasse rico seus pais não se oporiam à nossa união, e lhe encontro noiva de Hampton.

Ela não teve reação. Sua cabeça já dava voltas desde cedo e agora havia piorado ainda mais, tentando processar tudo o que ele dizia. Baylard a amava? Depois de todo esse tempo?

— Por que nunca entrou em contato comigo? Depois que meus pais lhe disseram não, você simplesmente... sumiu. — Ela o encarou, uma expressão confusa no rosto. Quando ele desapareceu, ela realmente achou que ele apenas estava interessado em seu dote.

— Não tive como. Passei estes anos no continente, fazendo fortuna em cassinos e negócios, queria voltar apenas quando fosse digno, provar que não preciso de seu dote. Preciso de você, Melissa. — Ele deu mais um passo a frente, e dessa vez ela não se mexeu.

— Você chegou tarde demais, eu já estou noiva. Meu casamento é em uma semana! Se ao menos fosse alguns meses mais cedo... — Ela sentiu o coração se apertar. Já estava cansada de tudo recentemente acontecer no momento errado.

— Mas não está casada ainda. Vamos, Melissa. Antes você tinha vinte anos, não poderia se casar sem a autorização deles, mas agora? Podemos fugir. Em três dias estaremos na Escócia e eles não poderão impedir. Seremos nós dois,

Barão e Baronesa de Baylard. Sei que não é um Ducado, mas...

— Charles, meu problema não é o título. Sabe que nunca me incomodei com isso. — Ela desviou o olhar, sentindo-se estranha ao chamá-lo pelo primeiro nome. Quando eram jovens fazia completo sentido, mas agora? Soava errado, o nome dele não pertencia mais aos lábios dela.

— Então venha comigo. Eu te amo, amei desde que lhe conheci e continuei amando durante estes anos. E você me amava também Melissa, eu sei que amava. Não tente me dizer que não sente mais nada por mim. — Ele deu mais um passo à frente e ela prendeu a respiração, vendo ele se aproximar.

— Eu... — Ela não sabia. Ainda sentia algo por ele? Sim, talvez nunca o esquecesse. Mas poderia chamar aquilo de amor?

Foi salva de responder graças a duas batidas na porta, afastando-se imediatamente dele. Nunca ficou tão grata por ver o mordomo.

— Me desculpe interromper, mas sua irmã está aqui para vê-la.

— Claro, diga a ela que entre. O Barão já estava de saída, não é? — Ela olhou para Baylard, que ergueu uma sobrancelha, mas assentiu.

— Estava sim. Pense no que eu lhe disse, senhorita. Creio que nos veremos novamente no baile de Lady Trescot. — E com isso se retirou, a deixando cheia de dúvidas e mais confusa do que já esteve em toda sua vida.



Rannolf estava no Coração Selvagem, bebendo com Sandsore e Hayston. Faltavam agora seis dias para o casamento e ele havia tirado folga de seus afazeres, por ora o administrador cuidaria de tudo. Essa noite havia sido convencido a beber em homenagem a seus últimos dias de solteiro. Estavam no salão de jogos, com copos de whisky indo e vindo enquanto faziam apostas. O irmão de Melissa também estava ali, mas era claro que ainda não havia perdoado Rannolf pela forma como ele e a irmã ficaram noivos.

Sandsore havia acabado de vencer Rannolf no vinte-e-um pela segunda vez na noite quando outro homem entrou no salão. Rannolf não o reconheceu, mas Hayston e Greystone sim.

— Baylard? Desde quando ele está de volta? — Greystone olhou para o cunhado, que franziu o cenho.

— Baylard não é aquele que sua irmã...? — Hayston deixou a pergunta no ar ao se lembrar que Rannolf estava ali, mas não passou despercebido.

— Ele mesmo. Não sabia que ele estava de volta, e de todos os momentos, logo agora.

— Quem é esse? — Rannolf ergueu uma sobrancelha, encarando os dois

quase cunhados. Os dois se entreolharam e Greystone deu de ombros antes de responder.

— Barão de Baylard pediu Melissa em casamento há alguns anos. Estava falido, então é claro que nossos pais não aceitaram e ele foi embora pouco depois. Não fazia ideia de que havia retornado agora. — Ele deu de ombros. Rannolf encarou o homem, o analisando. Parecia novo, talvez até mais novo que Melissa.

— Quais as chances de ele ter voltado por ela? — Hayston tirou as palavras de sua mente.

— Honestamente? Não faço ideia. Mas se for, escolheu um péssimo momento. — Greystone se virou para Rannolf. — Posso não gostar de vocês juntos, Hampton, mas se tiver que escolher prefiro que seja você com ela.

— Finalmente algo em que concordamos. — Rannolf ergueu o copo na direção do futuro cunhado e tomou um gole. Voltaram ao jogo, mas ele não conseguia tirar isso da mente, e Sandsore percebeu.

— O que foi? Não me diga que está pensando naquilo que Greystone disse sobre Baylard e sua noiva. — Sandsore ergueu uma sobrancelha para o amigo.

— Se algum homem estiver planejando ir atrás da *minha mulher*, eu acho que é algo válido em que se pensar.

— Sua mulher? Não pensei que fosse do tipo ciumento. — Ele riu, vendo o amigo o fuzilar com os olhos.

— Não é ciúme, Sandsore. Apenas cuidando do que é meu.

— Se você diz... — Sandsore riu, enquanto Rannolf revirava os olhos.

Ele continuou rindo por alguns minutos enquanto Rannolf voltava a jogar. Não demorou muito até que seu copo estivesse vazio, e já estava sem paciência de esperar que algum criado passasse, então foi ao bar. Estava esperando seu copo ser cheio quando Baylard se aproximou dele.

— Hampton. Soube de seu noivado com Melissa.

— Lady Melissa.

— O quê? — Baylard ergueu uma sobrancelha e Rannolf se virou totalmente para ele.

— *Lady* Melissa. Você a chamou apenas pelo nome e eu não gostaria que imaginasse ter intimidade suficiente com minha esposa para chamá-la assim. — A expressão de Rannolf não se alterou enquanto falava, os olhos duros como pedra.

— Noiva. Creio que ainda não estejam casados, melhor manter isto em mente, Vossa Graça. — Ele deu um sorrisinho e os dedos de Rannolf se fecharam com mais força no copo que segurava.

— E é melhor você manter em mente que ela é minha, Baylard. Melissa

precisa de um homem, não de um garoto com um título insignificante. — Rannolf não entendia de onde vinha a raiva que estava sentindo daquele homem, mas estava ali.

— Se realmente a conhecesse, saberia que para ela meu título e minha idade não fazem diferença.

— Se levarmos em conta que ela nunca mencionou seu nome, creio que você não faz diferença. — Rannolf tomou um gole do whisky. — Fique longe dela, garoto. Ou irá se arrepender de ter voltado.

Baylard iria responder, mas naquele exato momento Sandsore, que havia visto o conflito se formando, se aproximou e arrastou Rannolf para outra partida de vinte-e-um. Ele tomou mais um gole do whisky, quase não sentindo a queimação da bebida. Havia odiado a forma como Baylard falou o nome de Melissa, como se tivesse algum direito. Ela pertencia a Rannolf e a mais ninguém.



Três noites depois

Melissa estava nervosa. Este era o último baile que a iria antes de se casar, no próximo, já seria Lady Hampton. “Ou Baylard”, sua mente sussurrou. Os dois estariam no baile hoje e ela precisava tomar uma decisão, mas não sabia. Não fazia ideia do que fazer. Havia passado os últimos dias pensando nisso, e não havia contado a ninguém, nem mesmo a Emilly. Corine havia chegado hoje de viagem, então ela ainda não havia visto a irmã mais nova.

Estava agora se vestindo, havia escolhido um vestido em tons de verde. Mal prestou atenção enquanto a criada amarrava seu espartilho ou arrumava seus cabelos, a mente ainda dando voltas. Anos atrás, quando conheceu Baylard, se apaixonaram de forma tão rápida que a surpreendeu. Eles haviam se esbarrado em um baile, a taça de vinho dele derramando sobre seu vestido. Ela ainda se lembrava de rir quando ele se desculpou e ter dito que não fazia mal. Passaram dois meses se encontrando no parque, trocaram alguns beijos escondidos e curtos e ele a pediu em casamento. Naquela época ela acreditou que o amava e partiu seu coração quando a mãe disse que ele só estava interessado em seu dote e não iria autorizar um casamento entre os dois. Se pudesse escolher, teria fugido com ele naquela época, mas já faziam quatro anos e tudo havia mudado.

Ela agora estava noiva de Rannolf. Ele a irritava muito às vezes, mas ela não iria negar que gostava dele, de todos os lados dele. Do estranho que a beijou no jardim e do canalha que a pediu em casamento naquele baile. Gostava dele quando era distante e ainda mais quando se abria, como no casamento da irmã

quando estava descontraído, dando risadas. Definitivamente gostava da forma como ele a tocou naquele escritório e nunca poderia esquecer como ele a abraçou quando ela pensou que fosse perder o pai. Estava dividida. Um era seu passado, o outro poderia ser seu futuro. E ela não sabia para qual lado estava pendendo mais.

Ela suspirou, se levantando e seguindo para encontrar os pais no andar de baixo antes de saírem para o baile de Lady Trescot. A mãe estava magnífica num vestido dourado, enquanto o pai ainda estava com suas roupas normais. Ainda não podia sair para um baile com horas de duração, mas já estava consideravelmente melhor. Ela sorriu para eles.

— Onde está Oliver? — Ela olhou em volta, em busca do irmão. Alguns minutos depois ele desceu as escadas, num terno azul escuro impecável que se encaixava perfeitamente com os olhos dele. Oliver tinha os olhos azuis da avó, enquanto os pais e as irmãs tinham olhos castanhos. O tom de verde de Melissa não era visto em mais ninguém, tão único quanto ela.

Quando estavam na carruagem, Oliver se virou para ela, uma sobrelha erguida.

— Não imagina quem encontrei no Coração Selvagem há alguns dias. — Ela conseguia imaginar quem foi. — Baylard. Lembra dele mãe? Aquele barão que pediu a mão de Mel anos atrás.

— Aquele falido? Por que ele voltou? — A mãe se virou para ele, curiosa.

— Aparentemente construiu uma fortuna enquanto estava no continente. Deve ir hoje ao baile, imagino que vá querer ver Melissa. — Oliver deu de ombros, mas a mãe o fuzilou com o olhar.

— Nem fale uma coisa dessas. A última coisa de que precisamos é um barão qualquer indo atrás de sua irmã novamente. Ela está noiva de um Duque, quase casada. Baylard não se atreveria a importuná-la. — A mãe nem imaginava que ele esteve em sua sala de estar, fazendo juras de amor a Melissa. Sentiu vontade de fugir com ele apenas para irritar a mãe.

— Na verdade, — Oliver prosseguiu. — Ele e Hampton quase discutiram aquele dia no Coração Selvagem. Pelo que eu entendi, ele falou algo sobre Melissa, e Hampton se irritou, quem viu tudo mesmo foi Sandsore. — Ele se virou para a irmã. — Se quer minha opinião, eu prefiro Hampton. Por pior que seja, ao menos ele nunca precisou do seu dote.

— Oliver! — Melissa encarou o irmão, balançando a cabeça. — Baylard havia se apaixonado por mim, não foi por causa do meu dote.

— Melissa, minha filha. — A mãe se virou para ela. — Homens assim sempre estão “apaixonados” por seu dote. Não acha uma bela coincidência que ele tenha se apaixonado no ano em que você era a solteira com o maior dote

disponível?

— Mãe!

— Só estou dizendo a verdade. — A mãe deu de ombros. — Mas isto ficou no passado, você hoje está noiva de Hampton, apenas há alguns dias de seu casamento. Será uma Duquesa, muito superior a qualquer outra. Eu não podia estar mais orgulhosa. — Ela sorriu e Melissa revirou os olhos, mas acabou sorrindo. A mãe raramente a tratava tão bem, era melhor que aproveitasse. Dependendo da escolha que fizesse esta noite, a mãe nunca mais olharia para ela.

Desceram da carruagem, sendo anunciados pelo mordomo e entrando no salão de baile. Já haviam nobres espalhados por toda a parte, e ela olhou em volta. Baylard estava lá, mas não conseguiu ver Hampton ainda. Nicole se aproximou dela.

— Pensei que não viesse. — A amiga sorriu. — Último baile como Lady Melissa, em alguns dias você será Lady Hampton! Minha melhor amiga, a Duquesa. — Nicole riu, fazendo Melissa revirar os olhos enquanto ria também.

— Pare de exagero, não vai mudar nada. — Ela sorriu. — Honestamente eu nem sei se... — Ela iria contar sobre Baylard, mas como se seus pensamentos o invocassem, ele se aproximou delas.

— Lady Melissa, Lady Nicole. — Ele as cumprimentou, os olhos se cravando em Melissa. — Me daria a honra de uma dança?

— Eu... claro. — Ela sorriu, nervosa, e deixou que ele a guiasse. Não pôde deixar de notar a expressão de Nicole quando viu os dois juntos. A primeira dança era uma valsa e ela deixou que ele a guiasse pelo salão, estranhamente calada.

— E então, o que decidiu? — Ele a rodopiou, aproveitando do movimento para aproximá-la mais de si. — Diga que sim, Melissa. Fuja comigo. — A forma dele sussurrar era tentadora, mas algo não soava certo nos ouvidos dela. Talvez tivesse se acostumado a dançar com Rannolf e agora fosse estranho estar nos braços de outro homem, ou talvez apenas estivesse nervosa. Não sabia.

— Acho que precisamos conversar, Charles. E não aqui, no meio de todos. — Ela olhou disfarçadamente em volta, com medo que alguém os ouvisse.

— Muito bem, vamos. — Ele se aproveitou de que a valsa estava chegando ao fim e dançou com ela até uma extremidade do salão, desaparecendo com ela enquanto os outros aplaudiam a dança. Andaram pouco, entrando em uma saleta que havia ao lado do corredor. Ele a encarou, em silêncio, esperando que dissesse algo.

— Charles, nós... — Melissa respirou fundo, tentando encontrar as palavras que buscava. — Foi há muito tempo. Eu mudei durante estes anos, você

mudou. E eu estou noiva!

— Mas não está casada. Não importa o quanto eu tenha mudado, eu ainda amo você Melissa. Tudo o que batalhei durante estes anos foi para isto, voltar para você, para que finalmente pudéssemos nos casar. — Ele segurou as mãos dela. — Podemos ter a vida que planejamos juntos. Nossa casa no campo, nossos filhos. Esta é nossa chance de concluir o que começou com uma mancha de vinho.

— Você ainda se lembra disso tudo? — Ela sentiu os olhos marejarem, a lembrança dos planos que fizeram voltando com força total. Ela o amou tanto quando era mais nova, não negaria isso, mas agora... a sensação era diferente.

— Eu nunca me esqueci. — Ele ergueu uma mão, tocando o rosto dela com delicadeza. — O que a impede de dizer que sim?

— Eu estou noiva de Hampton. Nosso casamento é em três dias, se você tivesse voltado há alguns meses atrás tudo poderia ser diferente...

— Eu sei a verdade por trás desse noivado, acha que não ouvi os boatos? Só estão se casando porque foram vistos juntos. Não é um casamento de verdade, não como o que nós teríamos. Nós temos amor, Melissa. Como não vê isso? — Havia um ar de súplica na voz dele. Ela apertou as mãos dele, balançando a cabeça.

— Seu amor por mim não faz diferença agora, Charles. Eu preciso me casar com ele, é tarde demais para fugir. Faz ideia do problema que seria?

— E vai se casar por isso? Para evitar um problema maior? Para evitar um escândalo? — Ele ergueu uma mão, tocando o rosto dela. — Que importa o que eles irão pensar? Vamos, Melissa. Podemos até fugir para o continente se quiser, morar na França, começar de novo. Podemos fazer o que for desde que estejamos juntos.

— Não pode estar falando sério. Largar tudo aqui, nos mudar para a França? Eu não poderia. — Ela quis. Nesse momento ela quase disse que sim, mas algo a impediu. — Eu não posso deixar minhas irmãs, meus pais, principalmente agora que a saúde de papai está tão frágil...

— Então nós ficamos aqui. Nos mudamos para o campo e começamos uma família, você pode visitar seu pai quando for preciso. — O olhar dele demonstrava algo além de amor. Desespero.

— Se nos casarmos, meus pais nunca mais irão falar comigo, sabe disso. Minhas irmãs serão forçadas a se afastar, eu nunca poderia voltar a passar uma temporada em Londres. — Melissa sentiu uma lágrima escapar, mas não se moveu para escondê-la. — É um lindo sonho, nossa vida juntos, mas não é possível. Não agora.

— Então é isso? Tudo o que tivemos acaba aqui, com meu coração partido

e você presa em um casamento infeliz?

— Não será infeliz. Hampton e eu nos damos bem, teremos um bom casamento. — Ela não tinha certeza se estava convencendo a ele ou a si mesma.

— Você merece mais que “um bom casamento”. Você merece felicidade, ser tratada como uma rainha... você merece amor, Melissa. Por acaso ele vai lhe dar isso? — A pergunta a atingiu como uma facada. Ela sabia a resposta, o próprio Rannolf havia lhe dito que não haveria amor entre os dois. Não precisou dizer nada, ele interpretou seu silêncio. — Viu só? Como pode realmente achar que vai ser feliz assim? Podemos contornar tudo isso, eu hoje mesmo posso desafiá-lo para um duelo, o que for preciso para não prejudicar seu nome.

— Charles, não. — Ela balançou a cabeça, fechando os olhos. — Não faça nada disso, apenas... siga em frente.

— Eu já lhe dei tantas soluções, e continua insistindo que não, que precisa se casar com ele. Me diga a verdade Melissa, por que?

— Por quê? — Ela abriu os olhos, encarando-o, procurando em si mesma uma resposta.

Por que insistia tanto em se casar com Rannolf? Por que não aceitou nenhuma das soluções que Baylard ofereceu? Se realmente quisesse, os dois poderiam fugir e ela seria feliz com ele no campo, nunca precisou realmente da sociedade e as irmãs não deixariam de falar com ela. Sabia que até Nicole continuaria sendo sua amiga. Todas as desculpas que deu para não fugir com ele eram válidas, sim, mas não impossíveis de se contornar. Ela poderia fugir com ele, mas ainda assim não desistia do casamento, continuava insistindo que teria que se casar com Rannolf. E foi então que ela entendeu.

— Porque eu amo Hampton.



Rannolf perdeu a hora do baile. Passou a tarde bebendo e ouvindo Gladys falar e falar, não viu o tempo indo embora, e depois, ainda passou algumas boas horas se decidindo quanto a dar o colar ou não para Melissa. Quando olhou para o relógio, faltavam trinta minutos para o baile começar. Ficou surpreso ao perceber que sua maior preocupação foi se ela ficaria decepcionada com seu atraso, e deu um jeito de se vestir o mais rápido que pode. Ainda assim chegou com quase uma hora de atraso no baile, todos já estavam lá. Bem, todos menos ela.

Ele olhou em volta, procurando por cabelos de caramelo e olhos verdes, mas não a viu em lugar nenhum. Após alguns minutos andando pelo salão, escapando de quem tentava iniciar uma conversa, avistou Lady Nicole e se

aproximou dela.

— Lady Nicole. — Fez uma medida rápida e desatenta com a cabeça. — Por acaso saberia me dizer onde está minha noiva? Infelizmente me atrasei para chegar e agora não a encontro em lugar nenhum.

— Melissa? Ela... — Nicole ficou nervosa, olhando em volta. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Ela o quê? Pode me dizer, milady. Onde ela está?

— Eu não sei. Ela estava dançando com Baylard, mas quando a valsa acabou, eu não os vi mais. — A garota admitiu, e Rannolf sentiu o sangue ferver nas veias.

— Ela estava com Baylard? O mesmo Baylard com quem ela teve uma história anos atrás e que retornou agora?

— Bem... sim. — Lady Nicole desviou o olhar.

— Aonde ela estava da última vez que a viu? De qual lado do salão, Nicole? — Ele estava pouco se importando para as convenções sociais de primeiro nome neste momento. Sua concentração inteira estava naquele sentimento estranho de raiva ao imaginar Melissa dançando com outro homem, desaparecendo com outro.

— Acho que ali, perto daquele corredor. — Ela mal apontou na direção que falava e ele seguiu para o corredor.

Rannolf não conseguia entender a raiva que sentiu ao pensar no que Melissa poderia estar fazendo agora, mas seu sangue ardia nas veias, a imagem clara em sua mente do sorrisinho arrogante de Baylard naquela noite no Coração Selvagem quando a chamou pelo nome. Um nome que Rannolf jurou pertencer a ele e mais ninguém.

Não os encontrou no corredor, e estava prestes a procurar na varanda quando ouviu vozes vindo de uma porta. Andou até lá, em silêncio, tentando entender o que ouvia.

— Depois de tudo que... — Ele não conseguiu distinguir o resto da frase, a voz abafada pela porta. — ... Ao menos ter um último...

— Creio que seja justo. — Era a voz dela! Mesmo com a porta abafada ele reconheceu, e seu instinto falou mais alto que a razão ao abrir a porta, mas o que viu o fez desejar nem ter saído de casa naquela noite. Melissa, a *sua* Melissa, estava beijando Baylard, e deu um pulo para longe quando o viu parado ali. — Rannolf, não é o que está pensando, eu...

Ele a ignorou completamente, se virando para Baylard. O Barão deu um sorrisinho, e antes que pudesse sequer pensar no que estava fazendo, Rannolf avançou contra ele, despejando toda sua fúria em um soco. Seu punho fechado se chocou contra o rosto de Baylard, o impacto o empurrando para longe.

— Creio que eu tenha lhe avisado para ficar longe da *minha mulher*, Baylard. — Rannolf não reconheceu a si mesmo, nunca havia sido tão possessivo em relação a algo. Mas Melissa não era “algo”, era muito mais que isso.

— Não estava fazendo nada que ela não quisesse, Hampton. — Baylard se levantou, uma mão segurando o queixo. — Não é minha culpa se a “sua mulher” quis me beijar.

Rannolf deu um passo a frente, pronto para outro ataque, mas Melissa se colocou entre os dois.

— Saia da frente, Princesinha. Vou ensinar a esse Barão insignificante a não tocar no que é meu. — O olhar de Rannolf ainda estava vidrado em Baylard, os punhos tremendo para lhe ensinar uma lição.

— Seu? Ela não parece estar usando uma identificação de “propriedade de Hampton”. Ela é uma mulher, não um cavalo que pode marcar como seu. — Baylard provocou, parecia querer mesmo uma briga.

— Charles, pare! — Melissa se virou para Baylard. — Vá embora. Por favor.

— Vai mesmo escolher ele? Um louco possessivo que não pode lhe dar o que realmente merece?

— Charles, por favor entenda. — A voz dela tremulou, engolindo em seco. — Vá embora. Volte para o continente, faça o que for, mas vá. Este é o fim para nós. — Baylard olhou dela para Rannolf.

— Se é isso que quer. Mas quando ele arruinar sua vida, não diga que eu não avisei. Teve sua chance de ser feliz, e a está jogando fora.

Ela não disse mais nada, apenas continuou ali, entre os dois. Baylard balançou a cabeça e saiu, os deixando a sós. Rannolf andou até a porta, fechando-a, e então finalmente olhando para ela. Os cabelos estavam um pouco desarrumados, os olhos vermelhos com as lágrimas retidas, as mãos e os lábios tremendo.

Rannolf caminhou até ela, parando quando estavam a dois passos de distância, os olhos fixos nos dela.

— Vou lhe dar uma chance para se explicar. O que estava fazendo aqui com ele? — Ele tentou manter a calma na voz. Não era dela que estava com raiva, por incrível que pareça.

— Rannolf... — Ela engoliu um soluço e ele pôde ver pela força com que ela fechou os olhos que estava tentando não chorar. — Ele me pediu em casamento. Me ofereceu uma chance de fugir, de ter com ele o que planejamos quando éramos jovens. Quatro dias atrás, quando voltou a Londres, ele foi me visitar. Eu lhe daria minha resposta hoje no baile. — Rannolf não saberia

explicar com palavras a sensação que teve ao ouvi-la dizer isto. Foi como ser atirado de um cavalo e atropelado por um ao mesmo tempo. Nunca havia sentido algo assim antes. Ficou em silêncio, esperando que ela continuasse. — Eu disse que não. Por mais que eu o quisesse no passado, ele não é meu futuro. Você é. — O lábio inferior dela estava tremendo quando deu um passo a frente. — O que você viu quando entrou não era nada, apenas um último beijo de despedida. — Ela agora estava perto demais, tão perto que precisava olhar para cima para vê-lo.

Rannolf ficou em silêncio por vários instantes, apenas a encarando. Os olhos verdes, os cabelos de caramelo, os lábios de coração que se encaixavam de forma perfeita aos dele. Deu um passo à frente, envolvendo-a pela cintura e a puxando para junto de si.

— Você é minha, Princesinha. — Ele se inclinou, levado pelo instinto que superou sua própria lógica naquele momento. — Apenas minha. Não quero vê-la com outro, não quero imaginá-la com outro... — Uma mão dele traçou o corpo dela até alcançar seu rosto, o polegar em sua bochecha enquanto os dedos se enroscavam nos fios dourados.

— Rannolf... — O olhar dela mudou, expressando algo que ele não foi capaz de reconhecer.

— Diga. Eu quero que diga, Princesinha. Diga que é minha. — Ele sussurrou, mal reconhecendo a própria voz.

— Eu sou. — Ela envolveu o rosto dele com as mãos, ficando na ponta dos pés. — Eu sou sua, Meu Duque. A *sua* Princesinha, a sua Melissa. Não precisa se preocupar quanto a isso. — E se aproximou, seus lábios mal se tocando.

Rannolf a puxou mais para perto e a beijou com tudo o que estava sentindo. A raiva que teve ao vê-la com outro, o alívio ao ouvi-la dizer que era sua. Nenhum dos dois foi capaz de perceber naquele momento, mas uma verdade pairava naquela saleta. Melissa podia ser dele, mas ele agora pertencia a ela.

E que o inferno o carregasse por isso, mas faria de tudo para não a perder.



Capítulo 14

Véspera do casamento e Rannolf estava em seu quarto, sentado em uma poltrona perto da cama, o colar da mãe em suas mãos. Sabia que deveria entregar o colar para Melissa, que era mais do que justo, mas odiava a forma como se sentia ao pensar em se desfazer dele. Afinal, não era apenas um colar, era a última memória que lhe restava da mãe, e ao mesmo tempo, sua constante lembrança do quanto o amor é algo destrutivo. Ele girou o pequeno coração nas mãos, passando o polegar pelas três palavras na parte de trás. Três palavras que ele jurou que nunca iria dizer.

Suspirou, pegando o copo de whisky da mesa ao lado e tomando um gole. Às vezes pensava no quão similar era ao pai, bebendo apenas o suficiente para tirar a mente dos problemas, mas nunca a ponto de se embriagar mesmo. Em muitas coisas Rannolf havia se tornado um reflexo perfeito do pai, mas mantinha a palavra de que não cometeria o mesmo erro que ele. Não seria capaz de permitir que algo tão banal quanto o amor fosse capaz de destruir não apenas sua vida, mas a de todos ao seu redor. Ele era melhor que o pai nisso.

Olhou para o colar mais uma vez, agora se lembrando da outra metade que o fez. O sorriso que a mãe lhe deu minutos antes de morrer, o modo como o pediu para ser forte. Suas memórias eram vagas, mas às vezes podia ouvir a risada dela enquanto brincava com ele e Christine. Vez ou outra acreditava que o sorriso dela era similar ao de Melissa. Rannolf gostava de acreditar que a mãe teria aprovado Melissa como a próxima Duquesa de Hampton. Ela era linda, mas havia muito por trás de seus traços. Havia força, teimosia, e por vezes, a habilidade de ser irritante. Era perfeita para administrar a vida de Duquesa e o Duque em si.

Ele sabia o que precisava fazer. O colar deveria pertencer à sua Duquesa, sua esposa. Ele se levantou, chamando o valete e mandando que preparasse seu cavalo, iria visitar Melissa.



Ela estava nervosa. Chegava a acreditar que “nervosa” não fosse o bastante para explicar a forma como estava se sentindo naquela tarde, um dia antes de se casar. Lady Hampton, Duquesa, Vossa Graça. Amanhã neste mesmo horário seus títulos seriam estes, ninguém mais a chamaria de Lady Melissa, seu nome agora reservado apenas para o marido e a família.

Seu vestido já estava pronto, seu enxoval guardado no baú que iria com ela, o valor e propriedades de seu dote seriam transferidos para o nome de

Rannolf... não havia mais como voltar atrás agora. E o que mais a surpreendeu foi que não queria voltar atrás. Por trás de todo o nervosismo estava também animação, ela queria se casar com ele. Nos últimos dias não havia pensado em muito mais além do baile de Lady Trescot, quando percebeu que o amava. E quando Charles lhe pediu aquele último beijo de despedida e Rannolf os viu...

Por algum motivo seu coração se aquecia ao se lembrar da forma como ele reagiu. Não a briga com Baylard, mas o modo como a tratou depois. Como pediu que ela fosse dele, o beijo que a tirou do chão e a forma como ele segurou firme. Ela havia começado a suspeitar de que havia muito mais por trás de seu futuro marido do que teria imaginado e queria escavar cada milímetro de sua alma. Queria que ele fosse tão dela quanto era dele, e teria uma vida inteira juntos para conseguir isso.

Tinha medo do que seria se ele nunca retribuísse o sentimento, se ele nunca a amasse também. Agora que sabia o que sentia por ele, Melissa não voltaria atrás. Ela o amava, de forma tão simples e tão complexa. Às vezes odiava como ele agia e sentia vontade de estapeá-lo inteiro, e no momento seguinte queria cobri-lo de beijos e carícias. E haviam momentos em que apenas queria deitar em seu peito e ouvir as batidas aceleradas de seu coração, e eram nesses momentos que tinha certeza completa de que o amava. E precisaria se preparar para a chance de seu amor ter que ser suficiente para os dois.

Ela estava tão entretida pensando nisso que não viu a chegada do mordomo em sua porta até que ele falou.

— Lady Melissa, sinto interrompê-la, mas seu noivo está aqui para vê-la. Lorde Hampton lhe aguarda na sala de visitas. — Ela quase pulou quando ouviu isso. Ele estava ali, em sua sala, a esperando.

Melissa respirou fundo, alisando as saias até parar na porta da sala, respirando mais uma vez antes de abri-la.

— Rannolf. — Ela sorriu, sentindo o próprio coração acelerar. — Não sabia que viria me visitar hoje.

— Não quero atrapalhar seu planejamento para o casamento. — Ele se aproximou, tocando o rosto dela levemente com uma mão. — Apenas passei aqui para lhe dar algo. Considere isto como nosso primeiro presente de casamento.

Ele a entregou uma correntinha prateada com um pingente na ponta. Era um pequeno coração de prata, com alguns detalhes cravados na superfície. A julgar por um desgaste na parte inferior, parecia antigo, e na parte traseira estavam as palavras “Ich Liebe Dich”.

— É... lindo. — Ela sorriu, apertando o colar em suas mãos enquanto olhava para ele. — O que isto significa?

— As palavras? Não são nada demais. — Ele deu de ombros, olhando para o colar nas mãos dela. — Foi da minha mãe, ganhou na noite em que ela e meu pai ficaram noivos. Pertenceu a uma Duquesa de Hampton, e agora é seu. No futuro pertencerá a próxima Duquesa. — Ele sorriu e se aproximou, estendendo uma mão para o colar. — Aqui, deixe-me colocá-lo.

Ela entregou o colar e ele deu a volta nela, parando em suas costas. O penteado mantinha o cabelo dela no alto, de forma que o pescoço estava livre. Ao prender o colar ele aproveitou onde estava e passou as mãos em volta da cintura dela, apoiando o queixo em seu ombro.

— Acabo de me lembrar de mais uma exigência que vou querer para nosso casamento. — Ela se virou um pouco para ele, a sobancelha erguida. — Use seu cabelo solto. Nunca a vi em sua forma natural, Princesinha, mas creio que seja uma visão quase tão magnífica quanto a memória de nós em meu escritório.

— Rannolf! — Ela o repreendeu, mas riu, o rosto ficando corado. — Nunca vai parar de falar nisso?

— Não. — Ele riu. — Ao menos não até que tenha uma memória melhor. Não é à toa que teremos uma semana de núpcias, pretendo aproveitar cada cômodo daquela casa e cada centímetro de seu corpo. — As palavras dele causaram arrepios em Melissa, que se virou para ele, ficando presa em seus braços.

— Deveria esperar para dizer estas coisas após sermos marido e mulher, meu Duque. Não se esqueça de que ainda sou uma donzela inocente. — Não era totalmente verdade. E ela o estava provocando, sabia que ele gostava disso.

— Na verdade estou dizendo exatamente porque ainda não estamos casados. Depois de amanhã não irei perder meu tempo com palavras, Princesinha. Irei lhe mostrar em ações o que tenho em mente. — E como sempre, ele tinha um contra-ataque para qualquer provocação que ela fizesse. Não que isso a incomodasse, muito pelo contrário.

Melissa sorriu, ficando na ponta dos pés e dando alguns curtos beijos nos lábios dele, até que ele aprofundou o beijo, a puxando mais para perto. A forma como ele a segurou lhe causou um arrepio, um frio na barriga ao imaginar que na noite seguinte seriam marido e mulher em suas núpcias.

Estava quase sem fôlego quando ele a soltou, a respiração pesando em seu peito. Sorriu e o abraçou pela cintura, encostando a cabeça em seu peito e fazendo aquilo no que havia pensado minutos atrás: ouvindo seus batimentos.

— Seu coração bate tão forte quando estamos juntos. Acho que já mencionei isto, mas é bom repetir. É como se tivesse um ritmo específico para mim. — Ela sorriu, sentindo o peito dele balançar quando riu.

— São apenas batidas, Princesinha, nada demais. Deveria parar de se

preocupar com isso. — Ela pode jurar que sentiu ele cheirando sua cabeça neste momento.

Eram em ocasiões como esta que ela não entendia com ele podia dizer que não era capaz de se apaixonar, que amar era perda de tempo. Eram raros estes momentos, e ela nunca teria imaginado na noite em que o conheceu que ele poderia ser assim. Calmo, gentil, e até doce. O lado suave dele se conectava perfeitamente com o lado mais forte de sua personalidade, a arrogância, a forma como a irritava quando queria, o ar superior que carregava consigo aonde fosse. E ela amava ambos os lados. Surpreendia a si mesma ao pensar no quão natural era amar ele e saber disso.

— Rannolf, eu... — Ela se interrompeu. Não era uma boa ideia admitir isso em voz alta, já o conhecia o bastante para saber que não teria uma boa reação. Apenas sorriu e balançou a cabeça. — Estou ansiosa para amanhã.

— E pensar que me disse não tantas vezes. — Ele riu, afastando uma mecha solta de seu cabelo para trás de sua orelha. — Lhe vejo amanhã, Princesinha. — Ele beijou sua testa e sorriu, se afastando.

— Eu serei a mulher de branco. — Ela sorriu, vendo ele balançar a cabeça.

— Branco. Ótima escolha. — Ele sorriu e passou pela porta.



Rannolf voltou para casa com uma sensação estranha no peito. A visão de Melissa com o colar, a forma como os olhos dela brilharam e como o abraçou. E aquele maldito comentário sobre seu coração, agora que parou para pensar no assunto, ela estava certa, seu coração acelerava toda vez que a via, desde o baile quando descobriu que Melissa era a mesma garota que beijou nos jardins. Ela mexia com ele e Rannolf não tinha certeza se gostava disso.

Gostava dela, é claro, mas estava começando a temer o rumo que as coisas estavam tomando. Precisaria dar um jeito e se distanciar antes que fosse tarde demais e estivesse afundado até o pescoço. Entrou em casa bufando, arrancando a gravata do pescoço e jogando longe, andando até a biblioteca. Se fosse um animal, a poltrona da biblioteca seria seu hábitat natural. Tentou ignorar quando Gladys cruzou a porta da biblioteca, mas era impossível.

— E então? Deu o colar a ela? — Ela parou em frente a ele, os braços cruzados.

— Sim. Ela adorou, e agora concordo com você. Minha mãe teria ficado orgulhosa. — Ele se virou para o retrato dos pais em uma parede da biblioteca. — Elas se parecem. O verde dos olhos de Melissa é tão intenso quanto o azul de mamãe costumava ser.

— Azul esse que Christine herdou... — Gladys não sabia ser discreta, disse Rannolf tinha certeza.

— Nem comece, não vou falar com Christine. — Ele revirou os olhos, se recostando na poltrona. — E quando Melissa vier morar aqui, eu gostaria que você não insistisse mais sobre minha irmã. Do jeito que aquela mulher é teimosa, vai querer me convencer a ir atrás de Christine, e não vou fazer isso.

— Como quiser, “Vossa Alteza”. — Gladys revirou os olhos e ele riu. Ela, a mãe e a irmã o chamavam assim quando ele começava a dar ordens demais. Faziam anos desde que ouviu isso pela última vez. — Quando voltarem da lua de mel, a casa estará pronta e minha boca fechada.

— Gladys Graves de boca fechada?! Nunca pensei que viveria para ver esse dia chegar. — Ele riu, vendo pelo olhar dela que se estivesse com qualquer coisa nas mãos, teria sido jogada contra ele.

Mais uma vez surpreendeu a si mesmo ao perceber que a via como família, a única que lhe restou.



Melissa precisava dormir. As horas não passavam, ainda eram apenas nove horas da noite e ela chegou a conclusão de que se dormisse o tempo passaria mais rápido, porém, havia um problema: não conseguia dormir. Suspirou de frustração, se sentando novamente na cama e olhando em volta. Era a última noite que passava em seu quarto de solteira, amanhã estaria dormindo com seu *marido*. Era a primeira vez que realmente pensava nele assim, como seu marido, e sentiu um frio no estômago. Estava pensando em pedir para a cozinheira lhe fazer um chá calmante quando a mãe bateu em sua porta.

— Melissa? — Ela abriu a porta, olhando por uma fresta. — Ah, ótimo, ainda está acordada. — A mãe entrou, fechando a porta ao passar. — Creio que chegou o momento de conversarmos sobre seus... deveres conjugais. — Melissa pôde jurar que viu o rosto da mãe enrubescer enquanto ela se sentava na ponta da cama. Ao ver que Melissa não falava nada, a Duquesa continuou. — Creio que saiba a função de uma esposa, certo?

— Cuidar da propriedade, estar lá ao lado dele. Como vou ser Duquesa, preciso sediar bailes e gerar herdeiros. — Melissa falou como se tivesse ensaiado essa fala, considerando quantas vezes a ouviu pela sociedade.

— Sim, exatamente. Creio que está preparada para todas estas tarefas, mas preciso lhe explicar alguns detalhes quanto a última. — A mãe desviou o olhar. — Era de se imaginar que após duas filhas isto ficaria mais fácil, mas não. — Ela se virou novamente para Melissa. — Para gerar herdeiros, você e Hampton

precisarão ter relações, e normalmente precisa-se de mais que apenas uma vez.

— Eu sei como é. Não por experiência! — Ela se apressou em dizer ao ver a mãe arregalar os olhos. — Mas já ouvi algumas criadas conversando sobre o assunto. — Ela olhou para a mãe, sentindo o próprio rosto corar. — Dói?

— Bem, sim, no começo sim. Mas se ele for... *atencioso*, com o tempo ficará melhor.

— Certo. Obrigada por me dizer. — Melissa desviou o olhar, imaginando se algum dia teria uma conversa mais embaraçosa que essa.

— Agora que isso foi esclarecido, — A mãe parecia tão aliviada quanto ela em mudar de assunto. — Quero lhe dar um conselho. Sei que nunca fui uma mãe muito boa para você, mas sempre tive seu melhor em mente. Você foi algo que nunca esperei, Melissa. — Ela ergueu uma mão, tocando o rosto da filha. — Seus olhos sempre me lembram disso. — Ela balançou a cabeça, com um sorriso. — Quero que saiba que sempre vou estar ao seu lado, aconteça o que for. Se precisar de ajuda, se tiver dúvidas ou se precisar de um ombro para chorar, conte comigo. A vida de casada não vai ser fácil, e haverá problemas que farão com que duvide das escolhas que fez, mas quero que seja forte. Dos quatro filhos que tive, você é a última que eu gostaria de ver repetindo meus erros.

— Eu vou ficar bem. Sei que a senhora nunca me quis mal e não entendo realmente por que sempre foi diferente comigo do que com os outros, mas tudo bem. — Melissa sorriu, sentindo os olhos marejarem. — Vou sentir falta de ouvir suas reclamações de que preciso arrumar um marido. — Ela riu.

— Agora vou reclamar que quero mais netos. — A Duquesa sorriu, balançando a cabeça.

— Já tem dois netos e um novo a caminho, ainda quer mais crianças? — Melissa riu. — No que depender de mim, vai ficar cercada de netos. Prometo.

— Ótimo. — A mãe sorriu. — Eu amo você, minha filha. Nunca se esqueça disso. — Ela abraçou a filha, coisa que não fazia há anos, e Melissa sorriu.

Podia estar com medo, nervosa e insegura, mas agora tinha certeza de que tudo iria ficar bem. E isso bastava.



Capítulo 15

Chegou a hora. Depois de tanto tempo, Melissa estava prestes a entrar na igreja. Todos os convidados já estavam lá, Rannolf a esperando no altar e em poucos minutos ela caminharia até ele. Nicole estava com ela do lado de fora da porta, seria sua madrinha, já que ambas as irmãs estavam casadas e a tradição era ter uma moça solteira como madrinha. O vestido de Nicole era em tons claros de azul com fitas amarradas enquanto o de Melissa era num tom de branco e creme, com pequenas flores bordadas na barra da saia. O colar de Rannolf estava em seu pescoço, o coração prateado calmamente acima de seus seios, e suas criadas haviam erguido seu cabelo em várias tranças com flores minúsculas. Ela estava perfeita.

O sorriso nervoso entregava seus pensamentos enquanto as portas da igreja se abriram e ela o viu. Lá no altar, em frente a todos que conhecia, estava Rannolf. Um terno num tom fosco de preto, a postura impecável de um Duque enquanto ela caminhava até lá. Ao se aproximar, pôde vê-lo mais claramente, e a julgar pelo sorriso que deu ela teve certeza de que seu coração estava tão acelerado quanto o dela. Nunca poderia negar que era apaixonada pelos batimentos acelerados dele sempre que estavam próximos. Parou em frente a ele, sabendo que o momento havia chegado. Não havia mais o que fazer a não ser sorrir para ele.

— Está linda, Princesinha. — O sussurro dele foi quase inaudível enquanto se viravam para o clérigo, que deu início a cerimônia. Ela não prestou muita atenção nas palavras, sua mente focada em outras coisas. O nó na gravata de seu quase marido, por exemplo.

Ficou estudando a complexidade dele pelos primeiros minutos, depois, sua mente vagou para os olhos dele, a tonalidade maravilhosa de castanho. O cabelo dele continuava um pouco maior que o adequado e a barba havia crescido novamente. Ele estava com a mesma aparência que tinha naquele jardim onde tudo começou. Melissa apenas notou a passagem do tempo quando ouviu a pergunta do clérigo.

— Repita comigo. “Eu, Rannolf Rasbury, Duque de Hampton”

— Eu, Rannolf Rasbury, Duque de Hampton. — Ele começou a repetir, as palavras ocupando toda a mente dela. — Tomo a ti, Melissa Josephine Bourne, — Ele ergueu uma sobancelha ao ouvir o nome do meio dela. — Como minha esposa deste dia em diante, para ter e manter na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para a amar, respeitar e adorar até que a morte nos separe. — Ela viu quando ele franziu o cenho ao dizer a palavra “amar”,

como se rejeitasse o termo. Por mais que ela já soubesse que seria assim, sentiu o peito se apertar. O clérigo se virou para ela.

— Agora você. “Eu, Melissa Josephine Bourne” ...

— Eu, Melissa Josephine Bourne, tomo a ti, Rannolf Rasbury, Duque de Hampton, como meu marido deste dia em diante, para ter e manter na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar, respeitar e seguir até que a morte nos separe. — Havia poder naquelas palavras. Melissa estava de fato jurando tudo isso, não apenas repetindo de forma mecânica. Rannolf segurou sua mão enquanto o anel era entregue.

— Melissa, eu lhe dou este anel como símbolo de meu voto, com tudo que eu sou e tudo que tenho eu a adoro. — E ele deslizou o anel por seu dedo, a consagrando de fato, como sua esposa.

Enquanto o clérigo seguiu com as bênçãos, Melissa sentiu os olhos marejarem. Sempre chorou em casamentos e estava ainda mais emotiva por ser o seu. O ministro se virou para Rannolf, prosseguindo.

— Rannolf Rasbury, você tomou Melissa Josephine Bourne como sua esposa. Você promete amá-la, confortá-la, honrá-la e mantê-la, na saúde e na doença, abdicando de todas as outras e jurando ser fiel a ela enquanto ambos viverem?

— Sim.

— Melissa Josephine Bourne, você tomou Rannolf Rasbury como seu marido. Você promete amá-lo, confortá-lo, honrá-lo e mantê-lo, na saúde e na doença, abdicando de todos os outros e jurando ser fiel a ele enquanto ambos viverem?

— Sim.

— O que Deus uniu o homem não separa. Eu os declaro marido e mulher, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. — O clérigo deu a benção final, e agora era definitivo: eles estavam casados.



Rannolf não havia lembrado que a cerimônia seria tão complicada. Para ser mais específico, não lembrava da parte em que precisariam jurar amor, tivesse pensado nisso antes, teria subornado o clérigo para remover esse trecho de seus votos. Ele já havia deixado claro que não haveria amor entre os dois e ela parecia ter aceitado bem, mas não queria que criasse esperanças. Seria um problema enorme se ela quisesse a única coisa que ele não poderia dar.

Estavam agora entrando na carruagem que os levaria para a recepção, sentados lado a lado. Rannolf se virou para ela, com uma sobrancelha erguida.

— Josephine? De todos os nomes do meio, o seu é Josephine? — Ele estava segurando esse comentário desde a hora em que ouviu, e ela riu, dando de ombros.

— Seria Isabel, mas minha mãe insistiu em Josephine. Entre Melody Isabel e Melissa Josephine, acabei com Melissa. Seria Mel de um jeito ou de outro. — Ela sorriu, vendo ele balançar a cabeça.

— Mel Rasbury, Duquesa de Hampton. — Ele se inclinou mais para perto, roçando os lábios na orelha dela. — Minha esposa.

— Não sei qual me assusta mais, o título de Duquesa ou o de sua esposa. — Ela riu, se arrepiando quando ele mordiscou sua orelha.

— Ser Duquesa é fácil, Princesinha, já é treinada para isso. Deveria mesmo pensar nas noites que irá passar ao meu lado, no quanto iremos aproveitar cada pequeno cantinho de seu corpo em minha cama, de quantas formas irá gritar meu nome... — Ele planejava provocar ela com estas palavras, mas acabou provando de seu próprio veneno. Se a escolha fosse dele, sairiam direto da igreja para as núpcias.

— Rannolf... — Ela se virou para ele, lhe dando um beijo suave nos lábios. Ele pensou ter sentido um gosto diferente nela agora que era sua. Um gosto de posse.

Chegaram na residência Briston para a recepção, seguidos pelas carruagens dos outros convidados. O café da manhã deles não foi tão luxuoso quando o da irmã, mas mal se notava a diferença. A Duquesa de Briston com certeza gostava de exibir a riqueza que tinha, ainda mais com a filha que fez o melhor casamento. Rannolf sabia que seria exibido como um troféu, mas decidiu não se incomodar por hoje. Em poucos minutos o salão estava repleto de convidados, o casal recebendo as felicitações.

Sandsore e Nicole estavam discutindo em um canto e Rannolf se aproximou deles, com uma sobrancelha erguida.

— Será que nem no meu casamento vocês se comportam? — Ele riu, balançando a cabeça.

— A culpa, meu caro, é exatamente de seu casamento. Apostei com ela que não se casariam antes da temporada acabar, ela apostou que casariam com tempo de sobra. Como pode ver, estou devendo dez libras a ela. — Sandsore revirou os olhos enquanto Nicole ria.

— Você pode não ter fé no seu amigo, mas eu nunca perdi as esperanças na minha. Vamos, quero minhas dez libras. — Ela sorriu, enquanto Melissa se aproximava.

— Vocês apostaram sobre nosso casamento?

— Mas é claro! Eu sabia que acabariam casados, e dez libras a mais nunca

fizeram mal a ninguém. — Nicole riu, dando de ombros.

— Eu odeio você, sabia? — Sandsore resmungou, fazendo com que ela risse ainda mais.

— Contanto que me pague, pode odiar o quanto quiser.

Rannolf balançou os olhos e puxou Melissa consigo, deixando os dois discutindo sozinhos.

— Aposto que os dois ainda acabam se casando. — Ele riu, caminhando ao lado da esposa.

— Vinte libras que eles não se casam. — Ela sorriu e ele riu, balançando a cabeça.

— Apostado. — Eles sorriram e voltaram aos convidados, e Rannolf não pode evitar o pensamento de que aquele era um bom começo para a vida juntos.



Quando ela abriu os olhos o sol estava se pondo. Havia adormecido em algum momento no caminho para a propriedade dele em Hampshire e estava com a cabeça apoiada em seu peito. Um braço dele estava em volta de seus ombros, num carinho descontraído. Ela sorriu, se aconchegando mais ao seu lado dele.

— Você fala enquanto dorme, sabia? — Ele sorriu, o queixo apoiado na cabeça dela. — Faz barulhos, na verdade, como se estivesse resmungando.

— É melhor ir se acostumando, já que foi você quem disse que dormiríamos na mesma cama. Lide com isso. — Ela riu, erguendo o olhar para ele. — Sinto muito por ter dormido.

— Sem problemas. Acordou bem na hora, na verdade. A casa é logo ali na frente. — Quando ele disse isso ela se virou para a entrada e ao longe começava a aparecer a propriedade dele. Era uma casa enorme, num tom de tijolo vermelho, cercada por árvores. Ela adorou. Era o lugar perfeito, e realmente parecia ser um futuro lar.

— É... incrível. — Ela sorriu, virando-se para ele. — Eu adorei.

— Bem-vinda ao lar, Duquesa. — A carruagem parou e ele desceu, estendendo uma mão para ajudar ela. Assim que cruzaram a entrada, havia uma fila de criados os esperando, dentre eles, a Sra. Graves, que seguiu diretamente depois da cerimônia para a casa. Havia chegado poucas horas antes deles.

— Minha senhora, é uma honra recebê-la. Já me conhece, sou a governanta da casa principal e vim especialmente para lhe dar as boas-vindas aqui. — A Sra. Graves sorriu, se virando para os outros criados e os apresentando para Melissa. A governanta daquela residência, a cozinheira principal, as criadas de quarto, o

mordomo, os garotos dos estábulos... lhe atingiu que agora ela era responsável por estes criados todos. Era a senhora da casa.

— É muito bom conhecer a todos vocês. — Melissa sorriu, olhando em volta.

— Muito bem, voltem ao trabalho. Vão acabar assustando ela com todos esses olhos arregalados. — A Sra. Graves começou a enxotar os criados de volta para seus afazeres e Melissa riu. — Vou deixá-los a sós. Desejo sinceramente que tenham uma vida longa e feliz juntos. — E saiu também. Melissa riu, se voltando para Rannolf.

— Cada vez que a vejo ela fica mais enérgica. É sempre assim?

— Pior. Espere até receber algum sermão dela. — Ele riu. — Vamos, Lady Hampton. Vou lhe mostrar seu novo lar.

Ela ainda não estava acostumada a ser chamada de Lady Hampton ou Duquesa. Balançou a cabeça, se virando para ele.

— Melissa. Quando estivermos apenas nós dois, quero ser apenas Melissa, sem títulos. E você apenas Rannolf.

— Acho que posso me acostumar com isso, Princesinha. — Ele piscou um olho, dando um meio sorriso e caminhando com ela pelas escadas e corredores da casa, até parar em frente a uma porta dupla. Ele abriu as portas, que revelaram um quarto em tons escuros de vermelho, com uma estante e uma mesa em um canto. Havia uma poltrona perto da estante, e centralizada no quarto, estava uma cama enorme, forrada com cobertores vermelhos e dourados. — E aqui está nosso quarto.

Ele entrou, dando passagem a ela e fechando a porta, e em seguida, tirando o paletó. Ela olhou em volta mais uma vez antes de se virar para ele.

— É lindo. Os tons de vermelho, o papel de parede, a cama... — Ela viu o olhar dele e se calou, sentindo o rosto corar.

— Sim, fale mais da cama. — Ele deu um meio sorriso, enquanto afrouxava a gravata com uma mão. Deu um passo a frente, diminuindo a distância entre os dois. Ele ergueu uma mão, tocando o rosto dela, que suspirou. — Minha esposa. Creio que esteja mais do que na hora de fazê-la minha de fato, não acha?

— Eu... — Ela iria dizer que sim, mas a forma como ele se inclinou e beijou seu pescoço a distraiu. Ele subiu beijos e mordidas até o lóbulo de sua orelha.

— Quero uma resposta, Princesinha. Se vou me deitar pela primeira vez com minha esposa, quero ouvi-la dizendo que me quer. — Ele mordiscou sua orelha, o ar quente de seu hálito a causando arrepios. A barba dele contra sua pele causava uma sensação divertida, e ela não pôde evitar um sorriso,

envolvendo o pescoço dele com as mãos.

— Rannolf, Meu Duque, já sabe qual é a resposta. — Ela sentiu o rosto corar enquanto se aproximava mais dele. — Já lhe dei minha resposta aquela tarde em seu escritório. — Ela se inclinou mais para perto, afastando o rosto dele de sua orelha e o fazendo olhar para ela. — Eu sou sua, Rannolf. Faça amor comigo.

E o beijou.



Ele estava planejando levar o tempo que fosse necessário para seduzi-la, fazer com que a noite fosse tão boa para ela quanto sabia que seria para si mesmo, mas não havia imaginado que fosse ser tão fácil. A esposa parecia desejar-lo na mesma medida que ele a desejava, e ele iria aproveitar isso.

Retribuiu ao beijo dela, puxando-a mais para perto e aprofundando mais o toque de suas bocas, agora que estavam casados, em seu quarto, sem nenhum risco ou perigo de a porta ser aberta. Tinham completo direito e posse um do outro, fazendo com que esse beijo fosse mais intenso que os anteriores. Um beijo cheio de posse, desejo e antecipação do que viria a seguir, uma força obscena que o deixou duro como pedra em questão de instantes. O efeito que aquela mulher tinha sobre ele era impressionante, a queria mais do que já quis qualquer outra mulher em sua vida.

Se afastou dela, observando-a, os olhos brilhando de desejo. Deu a volta nela, parando em suas costas. Primeiro ergueu as mãos até os cabelos dela, um a um soltando os grampos e os deixando cair ao chão. Os cachos cor de caramelo caíram pesados sobre as costas dela e os lábios dele se curvaram num meio sorriso, finalmente a vendo de cabelo solto. Era maior do que teria imaginado, chegando um pouco abaixo da metade das costas. Ele afastou os cabelos dela e começou a desabotoar o vestido, se demorando em cada botão, se concentrando em cada milímetro de pele exposta que surgia. Quando soltou o último botão, o vestido deslizou até o chão, formando um amontoado de tecido aos pés dela, que se virou para ele. A visão de Melissa com os cabelos soltos, usando apenas a chemise e as meias o desconcertou.

— Maravilhosa. Minha. — Ele se aproximou, passando as mãos pela cintura dela, sentindo o tecido fino que os separava. Observou a forma como ela corava e como suspirou ao sentir as mãos dele subindo, roçando a lateral de seu seio com as pontas dos dedos. As mãos dela subiram até seu colete, parando ao encontrar um botão. Ele deu um meio sorriso, se inclinando. — Pode me despir também, Princesinha. Explore o quanto quiser. — Ele mordiscou levemente a

orelha dela antes de se afastar, sentindo a forma como ela se arrepiou.

Se manteve parado, acariciando superficialmente a pele dela através do tecido, enquanto a observava tomar coragem e começar a soltar seu colete, botão por botão. Ela era cautelosa e ele deixou que se demorasse o quanto fosse necessário. Quando tirou o colete, ela passou a puxar a camisa dele de dentro da calça, soltando aos poucos. Rannolf a ajudou, retirando a camisa pela cabeça e a jogando em algum lugar do quarto. Melissa se aproximou novamente, os dedos percorrendo o peito dele. A forma cuidadosa com que o tocava fez com que ele imaginasse milhares de indecências que poderia ensiná-la. Por ora, apenas permitiu que ela o explorasse, tornando seu corpo familiar a ela, mas quando as mãos dela desceram para o nó de sua calça, ele a segurou, balançando a cabeça.

— Ainda não, Princesinha. Temos que cuidar de você primeiro. — Ele deu um meio sorriso, começando a soltar os laços que prendiam sua chemise.

— Rannolf, eu pensei que iríamos... — Ela corou e ele sorriu.

— E vamos, mas não ainda. Tenha calma, Princesinha, a espera vai valer a pena. — Ele soltou o último laço, afastando a chemise pelos ombros dela e deixando que se juntasse ao vestido no chão. Na tarde que tiveram no escritório, ele a viu por pedaços, mas agora a tinha ali, completamente nua a não ser pelas meias, esperando pelo toque dele. — Lembra do que fizemos naquela tarde? — Ele sussurrou, dando alguns passos na direção dela, fazendo com que a mesma fosse recuando até a cama. — Quer sentir aquilo novamente, não quer? — Ela assentiu, fazendo com que o meio sorriso dele aumentasse.

Rannolf passou as mãos pela cintura dela, erguendo-a do chão e colocando-a sobre a cama, ficando por cima dela. Ele a beijou, concentrando toda sua mente nela, as mãos deslizando por seu corpo. Melissa ergueu as mãos ao redor dos ombros dele, as pernas levemente separadas para que ele se acomodasse ali. Mesmo através da calça, não era difícil de sentir o quanto a desejava, e ele pressionou seu corpo contra o dela, satisfeito ao ouvi-la suspirar e se remexer contra ele, impedindo que se afastasse. Desceu uma mão pelo corpo dela, contornando um de seus mamilos com o polegar, os lábios descendo para o seu pescoço com beijos e mordidas. Ela o recompensou com mais um movimento em direção a ele, arrancando dele um gemido.

— Por favor... — Ela enroscou os dedos em seus cabelos quando ele lambeu a pele macia de seu seio, a língua se aproximando cada vez mais do mamilo intumescido, a mão agora livre descendo por sua barriga, provocando-a ao chegar perto e não dar realmente o que ela queria.

— Por favor o quê?

— Por favor, Rannolf. — O suspiro dela se transformou em um gemido quando ele finalmente a tocou de fato, os dedos percorrendo seu local mais

sensível enquanto a língua brincava com um mamilo, por vezes o prendendo entre os dentes. A julgar pela forma como ela ofegou, Rannolf imaginou que ela não esperava ambas as carícias de uma vez.

Continuou até quase levá-la ao extremo, vez ou outra deixando que um dedo escapasse até sua entrada, a pressionando apenas um pouco para que ela desejasse mais. Quando viu que ela não podia mais aguentar muito, ele finalmente permitiu que fosse até o fim, sentindo ela se desfazer entre seus braços. Queria levá-la ao limite estando dentro dela, mas deixaria este desejo para a próxima vez. Esta noite o importante era o prazer dela, garantir que sentiria o mínimo de dor possível. Ela hoje era prioridade dele, e ele pensou que talvez continuaria sendo em todas as noites seguintes.



Melissa sabia que não era “só” aquilo. E por mais inexperiente que fosse, tinha certeza que ele estava fazendo tudo isso para que fosse bom para ela, e estava sendo. Mas ela estava começando a ficar impaciente com a demora e o puxou para perto, o beijando mais uma vez, perdendo o fôlego que acabara de recuperar. Aquele era seu *sim* silencioso, enquanto descia as mãos para soltar a calça dele, em grande parte movida pela curiosidade. Ele segurou seu pulso.

— Tem certeza de que está pronta, Princesinha? — Quando ela assentiu, ela deu um meio sorriso, soltando seu pulso e deixando que continuasse. Calças masculinas eram aparentemente tão difíceis de soltar quanto um espartilho, mas ela conseguiu, num impulso de coragem deslizando sua mão para dentro, o sentindo pelo toque antes de realmente vê-lo. Era firme e ainda assim macio, como se envolvesse algo em veludo. Ela o achou fascinante.

Rannolf se levantou momentaneamente, retirando a calça, e ela arregalou os olhos, piscando algumas vezes ao finalmente vê-lo por completo, tão exposto quanto ela estava.

— É... grande. — Foi a primeira coisa que conseguiu dizer, vendo ele dar um risinho de lado e voltar a se deitar sobre ela.

— Sabia que este é um dos elogios favoritos dos homens? — Ele ergueu uma sobrancelha, beijando-a e então mordiscando seu lábio inferior enquanto se posicionava sobre ela, pressionando seus corpos dessa vez sem nenhum tecido os separando. Ela suspirou.

— Vou me lembrar de lhe dizer mais vezes então. — Ela deu um risinho, enroscando os dedos no cabelo dele, se mexendo um pouco. Ele fez um pouco mais de pressão.

— Sabe que desta vez vai doer um pouco, não sabe? — Ela assentiu. —

Lhe garanto que serei rápido. E se quiser que eu pare, é só dizer.

— Rannolf, eu quero você. Não vou mudar de ideia. — Ela o puxou para mais um beijo e sentiu ele sorrir brevemente em seus lábios, em seguida sentindo a pressão entre suas pernas aumentar. Foi incômodo. Não chegou a ser uma dor intensa como havia imaginado, mas uma ardência irritante similar a de um corte acidental de papel ou com um abridor de cartas.

O rosto dela se franziu numa expressão que quase o fez rir enquanto se adaptava a nova sensação. Quando julgou estar pronta, assentiu para que ele continuasse. O movimento de seus corpos era similar ao que os dedos dele fizeram minutos antes, e a sensação foi boa. Mais que boa, na verdade, a sensação foi crescendo com os movimentos dele. Ela não saberia dizer se a ardência desapareceu ou se ela apenas se acostumou, mas sua mente desviou o foco para outros detalhes. Sentiu um arrepio de prazer quando os movimentos dele mudaram de ritmo, ficando um tanto erráticos. Se esforçou para manter os olhos abertos, prestando atenção nas expressões dele. Natural, cru, sem nenhum disfarce ou fachada. E após dois movimentos mais fortes, ele parou, enterrando o rosto na curva de seu pescoço. Ela não conseguiu sentir a mesma explosão de antes, mas chegou perto.

Após alguns instantes ele ergueu o olhar, ainda sem se afastar dela.

— Tudo bem? — Ela assentiu, afastando os cabelos dele do rosto.

— Perfeitamente bem. — Era uma sensação diferente olhar para ele agora. Um sentimento maior dentro de si de possuir e ser possuída.

Ele lhe deu um beijo rápido, em seguida rolando para o lado dela na cama, a envolvendo pela cintura com uma mão, puxando-a para perto. Melissa apoiou o rosto no peito dele, encontrando uma posição em que ficasse confortável ao deitar com ele. Sorriu mais uma vez, fechando os olhos.

— Não sei se eu deveria comentar isso, mas foi muito bom. — Ela deu um risinho, sentindo as bochechas esquentarem. Sentiu o peito dele balançar enquanto ele ria, a mão dele em seus cabelos.

— Deveria sim. Deve. Sempre me diga o que for bom e o que não for, Princesinha. E lhe garanto que da próxima vez será melhor.

— Ainda melhor? — Ela não abriu os olhos, mas se aconchegou mais ao lado dele.

— Muito melhor. — Poderia jurar que a voz dele estava mais suave que nunca, e uma onda de ternura invadiu seu peito ao sentir os lábios dele em sua testa. — Agora durma, Princesinha. Quem sabe quando acordarmos eu não lhe mostre o quão melhor isto pode ser.

Ela riu baixinho, concentrando a mente nos batimentos dele enquanto o sono a vencia. Como sempre, o coração dele estava acelerado por ela.



Capítulo 16

Quando Rannolf acordou, ela ainda estava dormindo. Deitada em seus braços, os cabelos espalhados em volta dos dois com a luz do sol entrando pela janela, ele pensou que poderiam parecer um quadro de algum pintor italiano. Ele passou a mão pelos cabelos dela, observando a forma como seus cachos pareciam avermelhados no sol. Sua Melissa, sua Princesinha, sua esposa. Não era da natureza dele ter pensamentos assim, mas não era algo controlável no momento.

A noite passada havia sido melhor do que ele poderia esperar, o modo dela suspirar em seus braços, a forma como se entregou. Ao que tudo indicava, ela tinha a habilidade de ser boa em tudo. Em irritá-lo, provocá-lo, ser divertida ou sedutora. Melissa parecia ter um talento natural para o que quer que fizesse.

Alguns minutos depois ela acordou em seus braços, se espreguiçando ainda de olhos fechados. Ele deu um meio sorriso.

— Bom dia, Princesinha. — Ela abriu os olhos lentamente, mais verdes que nunca.

— Bom dia, Meu Duque. — Ela sorriu, soando ainda sonolenta. Rannolf não pôde evitar o pensamento de que poderia passar o dia apenas olhando para ela assim. — Nunca havia imaginado, mas seu peito é um ótimo travesseiro. — Ela apoiou os braços sobre o peito dele, erguendo a cabeça um pouco.

— Duque, marido, travesseiro. Tenho várias funções. — Ele deu um sorrisinho, piscando um olho. Ela riu, balançando a cabeça.

— Por acaso alguma dessas funções seria me mostrar a casa? Mais especificamente me levar até o café da manhã. — O risinho dela foi tão espontâneo que ele não pôde evitar sorrir também.

— Está incluído nas funções de um marido. Vamos, Gladys já deve ter mandado preparar um café extravagante com todas as opções da casa. — Ele sorriu, erguendo uma sobrancelha quando ela puxou um lençol ao redor de si antes de se levantar. — Posso saber o motivo disso?

— Não quero que me veja... você sabe. Nua. — Ela desviou o olhar, o rosto ficando rosado enquanto saía da cama.

— Você sabe que eu fiz muito mais que olhar noite passada, não sabe? — Ele deu um sorrisinho e ela mordeu o lábio inferior, contendo um sorriso.

— Sim, mas noite passada nós estávamos... e agora não estamos. Não creio que seja *apropriado* me ver nua quando não estivermos fazendo amor.

— Bem, se o problema é esse... — Ele esticou uma mão, puxando ela de volta para a cama e rolando por cima dela, com um meio sorriso cheio de

intenções.

— Rannolf! — Ela deu um gritinho, rindo.

— Lembra quando eu disse que poderia ser ainda melhor? — Ela assentiu, dando uma risadinha quando a mão dele passou por seu joelho, erguendo sua perna em volta dele. — Melhor começarmos a trabalhar nisso.

Ele deu um meio sorriso, segurando o lábio inferior dela entre os dentes e então a beijando. E nenhum dos dois se importou em se atrasarem para o café.



Dois dias depois.

Melissa adorava a vida de casada. Sabia que era cedo demais para se animar, mas nos últimos dias Rannolf a levava para passear pela propriedade, passavam as noites juntos. Ele não havia mentido quando disse que seria melhor depois da primeira vez. Só de pensar nisso ela sorria, sentindo as bochechas esquentarem. Ele hoje teria que resolver um problema com um dos fazendeiros que arrendavam a terra ao lado da propriedade, então ela estava sozinha.

Agora estava andando pelas árvores na parte de trás da casa. Um pouco ao longe haviam algumas flores crescendo, das mais variadas cores, e ela achou que seria uma boa ideia colher algumas, apenas para ocupar seu tempo. Andou até a cozinha da casa, encontrando a Sra. Graves e a cozinheira lá.

— Desculpem, não queria atrapalhar, só passei aqui para perguntar onde posso encontrar uma cesta. Pensei em me distrair colhendo algumas flores nesta tarde. — Ela sorriu, ainda sem saber como agir ao redor dos criados. Antes ela era filha de um Duque, agora era a Duquesa. Tinha responsabilidade maior, um posto de respeito maior.

— Sem problemas, Vossa Graça. — A cozinheira andou até uma portinha no canto da cozinha, que Melissa julgou ser a despensa. Voltou carregando uma cesta e a entregou.

— Obrigada. Quando retornar eu lhe entrego as flores, quem sabe possam ser usadas em algum arranjo para a decoração.

— Seria ótimo. — A cozinheira relutantemente sorriu.

Melissa saiu da cozinha para o quintal novamente, andando até o campo de flores. Ela sempre gostou de flores, e as que haviam ali eram das mais variadas. Vermelhas, cor de rosa, amarelas, um verdadeiro festival de primavera. Ela estava colhendo as primeiras quando ouviu passos se aproximando.

— Posso me juntar a senhora, se não se importar? — Era a Sra. Graves. Melissa sorriu, assentindo.

— Mas é claro. — Melissa se voltou para as flores, colhendo mais

algumas. Já vinha pensando há algum tempo em conversar com ela, decidi aproveitar a oportunidade. — A senhora conhece Rannolf há muitos anos, certo?

— Desde que era um menino malcomportado. — Ela riu, assentindo, enquanto colocava algumas flores na cesta. — Por que a pergunta?

— Então imagino que possa me ajudar a entender como a mente dele funciona. — Melissa se virou para ela.

— Creio que nem ele entenda isso. — A Sra. Graves riu. — O que exatamente quer saber, minha querida?

— Ele... muda muito. Às vezes é tão distante e em outros momentos tão doce e atencioso. Frequentemente diz que não irá se apaixonar por mim e que eu não deveria me apaixonar por ele, mas em seguida faz algo que dificulta muito acreditar nisso.

— Ele é complicado quando se trata de sentimentos. Não creio que esteja em minhas mãos lhe contar tudo, mas sabe como os pais dele morreram, certo? — Melissa assentiu, se lembrando do dia que ele lhe contou. — Ele ficou marcado por aquilo. Era apenas um menino, jovem demais para lidar com tudo aquilo e ainda se tornar Duque ao mesmo tempo.

— Ele amava muito a mãe, certo? — Melissa levou uma mão ao colar que não tirava do pescoço desde que o ganhou. — Por mais que ele tenha disfarçado, eu pude ver que foi difícil ela me dar este colar.

— E ele só o fez por insistência minha. — Sra. Graves sorriu. — Mas a antiga Duquesa, que Deus a tenha, iria querer isso. Acredito que ela teria gostado da senhora.

— Sra. Graves, você conheceu bem a antiga Duquesa, não?

— Pode me chamar de Gladys, querida. — Ela sorriu, assentindo. — Ellen Rasbury foi minha patroa desde que eu tinha quatorze anos e ela dezoito. Comecei como sua criada de quarto na casa dos pais, e ela insistiu que eu fosse com ela quando se casou. Pouco antes de morrer me deu o posto de governanta que mantenho até hoje. Criei Ranny e Christie após ela ter partido, como se fossem meus próprios filhos.

— Então além da irmã, a senhora é o mais perto de uma família que ele ainda tem? — Melissa estava começando a perceber que ela talvez fosse o mais próximo que teria de uma sogra. E quanto mais pudesse saber, melhor.

— Creio que sim. Não sei se ele pensa assim de mim, mas a irmã sempre me manda cartas com novidades. Sabia que o bebê dela nasceu? — Gladys sorriu. — Recebi esta manhã um bilhete. Creio que seu marido também tenha recebido uma carta.

— Ele raramente menciona a irmã, normalmente dizendo que não são próximos e que não fala mais com ela. O que aconteceu? — Melissa tinha essa

curiosidade desde o jantar em sua casa, mas não havia tido coragem de perguntar a ele.

— Não cabe a mim dizer, eu mesma não entendo os motivos dele às vezes, mas saiba que se dependesse de Christine, nunca teriam se afastado. Quem sabe você possa mudar a mente dele quanto a isso. — Gladys sorriu, dando de ombros. — Fico feliz que ele tenha lhe encontrado. Sei que talvez não tenha sido da forma como você sonhava, mas espero que sejam muito felizes. Ele parece mais feliz ao seu lado, sabia? Mais leve.

— Ele me faz feliz, o mínimo que posso fazer é retribuir o favor. — Ela sorriu, vendo que a cesta já estava cheia e começando a caminhar de volta para a casa. — Realmente não é como imaginei que me casaria, mas fico feliz que tenha sido assim. Valeu a pena a confusão que foi até aqui.

— A senhora gosta muito dele, estou certa?

— Sim. Por mais irritante que ele seja às vezes e por mais que eu o odeie em alguns momentos, não houve como evitar. Algo nele me mantém presa, fascinada. Eu o adoro. — Melissa gostaria de admitir em voz alta que o amava, mas não estava pronta. Não ainda, não antes que ele soubesse, e ao que tudo indicava, não poderia dizer nada a ele tão cedo.

Continuaram caminhando até a casa, e Melissa passou o resto da tarde planejando os arranjos que fariam com as flores. Esta noite iria fazer a ele as perguntas que tanto queria, quem sabe conseguindo as respostas.



Rannolf estava de mau humor. Havia chegado de volta a propriedade ansioso para encontra a esposa, mas encontrou primeiro a carta da irmã. Christine teve o bebê, um menino chamado Maxwell em homenagem ao pai. Rannolf não gostaria de admitir que ficou aliviado ao saber que a irmã sobreviveu ao parto, mas ainda guardava o rancor por ela ter se arriscado. Estava pensando nisso quando Melissa entrou no quarto.

— Posso saber onde estava? Pensei que já tivesse fugido de mim. — Ele riu, vendo ela se aproximar da poltrona onde estava.

— Tão rápido assim? Vou esperar ao menos termos uma semana completa de casados. — Ela riu, dando a volta na poltrona e se inclinando sobre ele, o abraçando por trás. — Como foi seu dia?

— Resolvi o problema na propriedade. Não era grave, apenas algumas cercas quebradas e uma vaca roubada. — Ele deu de ombros, apoiando o rosto em um dos braços dela.

— Soube que seu sobrinho nasceu. Bem, nosso sobrinho agora que

estamos casados. — Ele pôde ouvir o sorriso na voz dela.

— Não é nosso sobrinho. É apenas o filho de Christine, nunca iremos nem conhecer a criança.

— Rannolf... — Ela suspirou, soltando-o e andando até a poltrona em frente a dele. — Qual seu problema com ela? Apenas vi Lady Christine uma vez, mas ela não me pareceu uma pessoa ruim.

— É uma longa história, Melissa. Não vai querer saber. — Ou melhor dizendo, ele não queria falar.

— Ela é minha cunhada agora, acho que eu mereço saber. Por favor? — Ela piscou aqueles malditos e maravilhosos olhos verdes e ele soube que estava perdido. Nunca negaria um pedido dela enquanto ambos vivessem.

— Muito bem, eu conto.



Melissa olhou para o marido enquanto ele começava a falar, prestando atenção em cada palavra. Finalmente entenderia o que aconteceu entre ele e a irmã, e acreditava que isso a ajudaria a entender melhor ele em si.

— Eu contei sobre a morte de meus pais, certo? — Ela assentiu. — Christine foi tudo que me restou, minha única família. Ela tinha quatro anos na época, mal foi capaz de entender o que estava acontecendo ou o motivo pelo qual não os veria mais. Eu de uma vez só me tornei órfão, Duque, e fiquei responsável por ela. Consegue imaginar o caos que se resulta ao deixar uma criança responsável por outra, não?

Ela assentiu. Não queria falar nada ainda, tinha medo de que se o interrompesse ele não lhe falasse mais nada.

— Ela se tornou a única coisa boa que me restou. Por mais que não soubesse como cuidar dela, eu muitas vezes me sentava ao lado da cama dela e lia algum livro infantil ou repetia uma das histórias de nossa mãe. Os anos passaram e eu precisei entrar em Eton, deixando ela sob o cuidado de criadas. Gladys foi como uma mãe para nós, e não sei o que seria de Christine se não tivesse ela. Foi quem a ensinou tudo o que precisaria saber para debutar na sociedade, transformou minha irmãzinha em uma lady de respeito. — Ele deu um sorriso que derreteu o coração de Melissa. Era a primeira vez que via ele realmente expressar algum sentimento.

Ele olhou para ela, balançando a cabeça. Ela o viu olhar para a mesa ao lado das poltronas e imaginou que estivesse em busca de um copo de whisky.

— Antes que ela debutasse eu sempre repeti a maior lição que aprendi com

a morte de nossos pais. Amor é algo nocivo, que pode facilmente levar um homem a ruína. Se meu pai não amasse tanto minha mãe, não teria se matado logo após a morte dela. Se ela não amasse tanto o bebê que perdeu aquele dia, talvez tivesse forças para lutar. Se não fosse por este maldito sentimento, ainda teríamos os dois. Ela nunca me deu ouvidos, era teimosa. Dizia que nós mesmos não existiríamos sem amor. — Ele suspirou como se estivesse cansado, desviando o olhar para uma das estantes na parede. — Ela conheceu Carllos na noite em que debutou, aos dezenove anos.

— Carllos é o marido dela? — Melissa não sabia reconhecer nenhum nobre pelo primeiro nome. Ele assentiu.

— Carllos Montrell, um dos mais novos da linhagem. Estudou comigo em Eton, apenas um ano mais novo que eu.

— E os dois se apaixonaram?

— Infelizmente. Após algumas semanas de temporada ele me pediu permissão para casar com ela. Na época Carllos tinha poucas propriedades, uma mesada fixa do pai que mal o sustentava, não era digno da irmã de um Duque, então é claro que eu o neguei. Na noite seguinte ela discutiu comigo, dizendo que o dinheiro dele não fazia diferença e que o amava. Quando eu a lembrei do problema que o amor traz, ela me disse tantos insultos que nem parecia uma moça bem-criada. Me mantive irredutível e ela disse que me odiava, que preferia não ter nenhum irmão. Algumas noites depois ela e Carllos fugiram para a Escócia e se casaram às pressas em Gretna Green. Foi a segunda vez que o “amor” me tirou tudo o que eu tinha.

— Rannolf, será que você não percebe? Você se sentiu assim exatamente porque a amava. — Ela sabia que não deveria dizer isso, mas não pôde evitar. Ele era simplesmente cego para os próprios sentimentos.

— E isso não me levou a nada bom. É por isso que eu desde o princípio lhe disse que não haveria amor entre nós. Amar é destruir, e ser amado é ser destruído. Meus pais são prova disso, minha irmã também.

Ela não podia acreditar. Era uma lógica tão tola, algo tão sem sentido que por um momento ela sentiu como se estivesse conversando com uma criança. E então entendeu, ele era uma criança quando se tratava disso. Tinha dez anos quando tudo aconteceu, precisava culpar algo pela perda dos pais e o culpado mais óbvio era o amor. A forma como ele dizia que se o pai não amasse tanto a esposa ainda estaria vivo, se ela não amasse tanto o filho natimorto então teria lutado... ele estava convencendo a si mesmo de que havia um culpado por trás de tudo.

O coração dela se apertou no meio, imaginando o que teria sido para ele crescer sozinho e com tantas responsabilidades. Agora começava a fazer sentido

a forma como ele parecia se distanciar toda vez que se aproximava demais, a forma como a voz dele soou ao dizer a parte sobre amar nos votos do casamento.

— Rannolf, meu Duque. — Ela tentou encontrar as palavras que precisaria neste momento. — Não é bem assim que funciona. Veja meus pais, eles se amam até hoje e nada de mal lhes aconteceu por isso. Ou minhas irmãs e os maridos. Sinto muito que tenha passado por tudo isso, mas o amor pode ser algo bom também.

Ele balançou a cabeça enquanto ela falava, se levantando e andando até o pequeno armário de bebidas que havia no quarto, se servindo de um copo de whisky.

— Não comece você também, Melissa. Gladys e Christine tentaram por anos, não há nada que possa dizer que me faça mudar de opinião. Só entenderia isso se tivesse visto o que eu vi, o olhar vazio de meu pai ao se despedir de mim horas antes de desistir de tudo. Não há um mundo em que um sentimento que causa aquilo possa ser bom.

— Pode sim. — Ela se levantou, andando até ele e tirando o copo de whisky de suas mãos, deixando-o sobre a mesa e segurando as mãos dele entre as suas. — Eu vou provar a você que amar não precisa ser algo ruim. Eu amo você, Rannolf.



Eu amo você, Rannolf. As palavras giraram a volta dele, que piscou algumas vezes, a encarando. Ela não podia estar falando aquilo, principalmente agora. Se alguém lhe diz que não gosta de facas, a última coisa que se deve fazer é enfiar uma em seu peito. Ele olhou para as mãos dela entrelaçadas as suas e a soltou, dando um passo para trás.

— Não devia. Eu lhe avisei desde o começo.

— Avisos não impedem que o sentimento venha. Não há como controlar ou escolher quem se ama, basta aceitar. E eu posso ser a prova de que você precisa para ver que não é um sentimento ruim. Não é a ruína, é a salvação. Eu sei que você tem medo, Rannolf. Posso ver em seus olhos. — Ela deu um passo à frente, pondo uma mão sobre seu peito. — Mas também sei o quanto seu coração acelera quando estou por perto. Sei a forma como acaricia meus cabelos antes de dormirmos e como me olha ao acordar. Você é capaz de amar Rannolf, será que não entende? — Aqueles olhos verdes suplicando por um sim, o toque dela por mais suave que fosse... se ele não pusesse um ponto final naquele momento, não seria capaz de parar no futuro.

— Quem não está entendendo algo aqui é você, Melissa. Eu lhe disse, não

vou amar. Não sou capaz de amá-la, e mesmo que fosse, não cometeria esse erro. Já é ruim o bastante que diga me amar, não pense nem por um momento que eu seria estúpido a ponto de me permitir um sentimento nocivo como este. — Ele segurou o pulso dela, tirando a mão de seu peito e se afastando mais. — Se em algum momento eu lhe dei a impressão errada peço que me perdoe, Princesinha. Nunca chegarei nem perto de lhe amar e é melhor entender isso de uma vez por todas.

Ele acabou soando ainda mais ríspido do que pretendia e sentiu um peso horrível ao ver os olhos dela se encherem de lágrimas. Ela deu um passo para trás, o lábio inferior tremendo.

— De todas as coisas que poderia me dizer, Rannolf, essa foi a pior. É o sentimento que você odeia, não a mim. — A voz dela começou a soar embargada, e ele quase se desculpou. Quase.

— Talvez estivesse certa quando disse que deveríamos viver vidas separadas após o casamento. — Ele feriu tanto a ela quanto a si mesmo ao dizer isso. Apesar de todas as probabilidades, estava gostando da presença dela em sua casa, em sua cama. E sabia que com suas próximas palavras a afastaria em definitivo, mas não estava fazendo aquilo apenas por si mesmo. Estava fazendo por ela, para protegê-la de um sentimento que futuramente a destruiria. — Assim que nossa lua de mel for encerrada você permanecerá aqui enquanto eu retorno a Londres. Virei lhe visitar algumas vezes até que tenhamos um herdeiro e então poderá seguir sua vida em paz longe de mim. É o melhor a ser feito, Princesinha.

Uma lágrima solitária escapou dela. Os segundos até que ela respondesse pareceram se arrastar mais que anos.

— Se é assim que deseja, Vossa Graça. — Ela caminhou até a porta, as lágrimas rolando enquanto se afastava dele. — Se quer saber, nunca acreditei realmente que me arrependeria de nosso casamento. Nunca, até agora.

E saiu, batendo a porta ao passar. Rannolf foi capaz de ouvir ela chorando enquanto se afastava no corredor e soube a havia perdido. Pela terceira vez em sua vida o amor o fez perder a coisa mais importante que tinha, e ele nunca admitiria, mas após vinte e seis anos sem derramar uma lágrima, naquele momento quis chorar também.



Capítulo 17

Ele não soube onde ela dormiu naquela noite. E se for levar em conta a quantidade de scotch que bebeu, não sabia nem como ele mesmo chegou à cama. Ela não estava no salão de café da manhã, muito menos na biblioteca ou no terraço. Não fossem os traços de que ela havia passado pelos cômodos, ele pensaria que havia partido. Mas o cheiro dela em uma almofada, a bandeja de chá ainda morno numa xícara, mostravam que ela ainda estava ali, apenas claramente o evitando.

Rannolf passou uma mão pelo rosto, pensando que talvez tenha sido duro demais com ela. Mas não foi capaz de reagir de outro modo ao ouvir ela dizendo que o amava. Seus instintos foram mais fortes, o impulso de correr, de afastá-la. Sabia que se reagisse de outra forma ela teria esperanças de que pudesse ser amada de volta, e esta era a única coisa que ele nunca poderia lhe dar. Com a forma como a magoou na noite anterior, ela se afastaria. Ressentiria ele por algum tempo, e futuramente poderiam voltar aos termos de amizade e companheirismo que haviam criado ao se conhecer. Seria melhor para ambos se ela não o amasse.

Não se importou em tomar café naquela manhã, andando sem rumo pela casa. Estava pensando em pegar o cavalo e ir para a aldeia vizinha, se distrair com algum jogo de bar, quando Gladys o interrompeu.

— Agora não, Gladys. — Ele resmungou.

— O que fez com a garota, Rannolf? Sua esposa passou a noite sozinha nos aposentos da Duquesa, chorando. — Gladys cruzou os braços, o encarando. Rannolf viu que não tinha saída a não ser responder.

— Foi só uma discussão, nada demais.

— Uma discussão grande o bastante para que dois recém-casados passem a noite separados, a esposa chorando e o marido bebendo? E não me olhe assim, eu conheci seu pai e o conheço o suficiente para saber que recorreu ao whisky. E não se esqueça que sou eu quem abastece aquele seu armário de bebidas. — Rannolf não tentou interrompê-la. A julgar pela forma como se encontrava, pensou que ela seria capaz de lhe bater com o pano que carregava no avental. — O que aconteceu?

— Aquele maldito sentimento, foi isso que aconteceu. — Ele desviou o olhar para a janela da sala. — Ela me ama, Gladys. Mesmo eu a avisando que não o fizesse, ela se apaixonou por mim e parece ter alguma crença estúpida de que eu sou capaz de amar ela também. — Gladys o encarou, uma sobrancelha erguida. — Eu tive que afastá-la. Tive que dizer da forma mais dura possível que

nunca a amarei, que não sou estúpido a ponto de me deixar dominar por um sentimento destrutivo.

— Rannolf, por que fez isso? Você ter um pavor tão grande ao sentimento não a obriga a sentir o mesmo. Que mal há em ser amado?

— Isso a destruiria. Não vê o que aconteceu? E isso porque cortei o mal pela raiz logo após nascer. Consegue imaginar como seria a reação dela se em quinze ou trinta anos eu ainda não a amasse? Não fiz isso por mim, Gladys. Fiz por ela. Prefiro vê-la magoada agora, com pouco tempo de sentimento, do que fazê-la sofrer ainda mais no futuro.

— Se importa tanto com ela que não quer ser amado. Eu não o entendo, Rannolf. Não entendo mesmo. — Ela balançou a cabeça negativamente, olhando para o menino que praticamente criou.

— Não vê o quanto foi tirado de mim por causa de amor? Meus pais, Christine, agora até Melissa. Todas as vezes que o amor entrou na minha vida apenas serviu para me tirar tudo. — Ele bufou, desviando o olhar. — Ela vai superar isso. Eventualmente vai perceber que eu estava certo e teremos uma vida baseada em companheirismo e amizade. É mais do que o suficiente.

— Para você, Rannolf. Suficiente para você. Melissa cresceu em uma casa onde o amor nunca a feriu, da mesma forma que você evita o sentimento ela, o procura. Entendo que você não pretende amá-la, meu menino, mas não a proíba de lhe amar.

— Eu só quero evitar que ela sofra. Melissa é boa demais para ter o coração destruído por mim. — Ele não percebeu que se sentia assim até o momento em que falou.

— Então deixe que ela o ame. Você não sabe como é ser amado, permita que ela o mostre. Pode acreditar em mim, não vai lhe fazer mal algum.



Três dias depois.

Rannolf ainda não havia falado com Melissa desde a briga. Sabia que ela estava logo ali, do outro lado da porta adjacente em seu quarto. Na manhã anterior ele a viu pela janela, caminhando no jardim. Sabia onde ela estava o tempo todo, mas não sabia o que dizer. Ficou pensando no que Gladys disse sobre se deixar ser amado. Melissa tinha um coração enorme e ele não duvidava que ela fosse capaz de amá-lo sem medidas, e este era exatamente seu medo. Ser amado demais, arrastado através de uma fronteira que não pretendia cruzar nunca em sua vida.

Ocasionalmente se perguntava no que ela estaria pensando, se o odiava, se

queria ir embora, se falou sério quando disse se arrepender do casamento. Ele esperava que não. Seria capaz de lidar com a mágoa e o ódio, mas não com o arrependimento. A última coisa que queria era ser motivo de tristeza. Rannolf se importava com ela, mas nunca admitiria em voz alta o quanto. Não queria que ela o interpretasse errado, que pensasse ser amor. Não era, nunca *poderia* ser.

Essa noite ele não havia descido para o jantar, sem humor para evitar ela nos corredores. Agora já passavam das onze, e os criados deveriam ter se retirado. Ele suspirou, se levantando da poltrona e seguindo as escadas até a cozinha. Não sabia cozinhar, mas era capaz de ao menos preparar um pão com manteiga e queijo, quem sabe houvesse alguma panela ainda quente de algo. Ao descer as escadas, viu que algumas velas da cozinha ainda estavam acesas, talvez tivesse dado sorte e um criado pudesse fazer seu jantar.

Ao entrar na cozinha não viu nenhum criado, e sim algo que nunca esperava encontrar. Melissa estava sentada no chão, o vestido e cabelo desarrumados, com uma garrafa de rum nas mãos. Ali estava sua esposa, bêbada.



Melissa estava chateada. Mais que chateada, seu peito doía sempre que lembrava da forma como ele falou, de como rejeitou seu amor. Melissa não era estúpida, havia entendido desde a primeira vez quando ele disse que não a amava. Apenas não imaginou que ele fosse se opor a ser amado também.

Após alguns dias ele ainda não havia tentado falar com ela, que havia começado a considerar voltar para Londres sozinha antes da lua de mel acabar. Aprender a seguir sua vida sem ele como seu companheiro, afinal de contas teria apenas um marido público. Seria a Duquesa perfeita ao lado de Hampton quando estivessem em algum baile, e então cada um para um lado quando voltassem para casa. De todas as vidas que imaginou ter, essa era a que mais temia.

Queria ser capaz de se livrar daquele sentimento de abandono que estava sentindo. Decidiu fazer alguma coisa para ocupar a mente, qualquer distração. Se lembrou das flores que havia colhido e nos arranjos que estava preparando com as criadas. Desceu as escadas em silêncio, não queria que ele notasse que ela estava fora do quarto e andou até a cozinha, indo pegar as flores na despensa. Estava se virando para sair quando viu uma garrafa de rum das que eram usadas em algumas receitas.

Ela se lembrou do quanto ele bebia quando parecia estar com problemas e que o pai e o irmão faziam o mesmo. Nunca havia bebido algo mais forte que vinho ou champanhe, mas esta era uma oportunidade boa como qualquer outra para começar. Rannolf tinha preferência por scotch, ela já havia notado que

pareciam haver garrafas pela metade em todos os cômodos da casa, mas não sabia onde ele as guardava, nem imaginava que fosse haver diferença entre whisky e rum, ambas tendo cor de âmbar e cheiro forte. Imaginou que um gole ou dois não poderiam fazer mal e levou a garrafa consigo para uma mesa que havia no canto, deixando a cesta com as flores ao lado. Abriu a garrafa e franziu o cenho para o cheiro, dando de ombros e levando o gargalo até os lábios, virando um gole curto.

Tossiu. Era extremamente forte, parecia queimar por dentro de suas veias. Se voltou para as flores, começando a combinar flores azuis com amarelas e brancas com vermelhas. Arriscou mais um gole e este desceu melhor, ainda queimando, mas de uma forma suportável. Sem que percebesse acabou tomando mais, sentindo sua cabeça diferente após algum tempo. Meio dormente, os olhos piscando de forma estranha. Nunca havia bebido antes.

Deixou as flores e segurou a garrafa enquanto se sentava no chão para retomar o equilíbrio, começando a achar graça na situação em que se encontrava. Recém-casada, com um marido que nunca a amaria, apaixonada por ele e rejeitada da forma mais dolorosa que podia imaginar e estava passando a noite no chão da cozinha, ficando bêbada pela primeira vez. Deu uma risada da piada de mau gosto que era sua vida e tomou mais um gole. Alguma coisa bloqueou a luz das velas e ela ergueu o olhar, se deparando com Rannolf parado ali.

— Vejam só! É o marido que despe...desperez... despreza meus sentimentos! — Ela se enrolou com a palavra até acertar, erguendo a garrafa na direção dele. — Beba comigo, Meu Duque. Vamos brindar ao fato de que eu me casei com o pior marido disponível! Não? Tudo bem, eu bebo sozinha. — Ela riu, bebendo mais um gole.

— Melissa, o quê...?

— Não precisa se preocupar, Rannolf. — Ela alongou os Ns do nome dele, apoiando uma mão no chão. — Eu vou sair daqui antes de “arruinar” a cozinha com meu sentimento estúpido. — Ela tentou se levantar, perdendo o equilíbrio e se segurando na mesa.

— Vamos, Princesinha, eu lhe ajudo.

— Não preciso de ajuda. Vou voltar para meu quarto sozinha, sem problema algum. — E soltou a mesa, dando dois passos e tropeçando nos próprios pés, indo direto para os braços dele.



Ele foi rápido, a segurando antes que fosse direto ao chão. A garrafa não teve a mesma sorte, se espatifando aos seus pés, rum se espalhando por todo lado

e espirrando nos dois. Rannolf suspirou, balançando a cabeça e olhando para ela. Pouco se importava com a garrafa no chão, mas se importou e muito com o “ai” que ela sussurrou.

— Tudo bem? — Ele a segurou pela cintura com um braço, com a outra mão erguendo seu queixo, a fazendo olhar para ele.

— Minha garrafa quebrou. E meus tornozelos estão ardendo. — Ela resmungou, soltando seu peso contra ele, que a segurou.

— Ardendo? — Ele ergueu uma sobancelha, segurando-a pela cintura e a colocando sobre a mesa. Ela resmungou que queria voltar para o chão, mas Rannolf a ignorou, erguendo suas saias até os joelhos, entendendo o que ela havia dito. Os cacos de vidro da garrafa acertaram seus tornozelos com vários arranhões, rasgando as meias que usava. Ele suspirou, descendo as saias dela novamente e a colocando no chão. — São só arranhões, Princesinha. Venha, vamos voltar lá para cima e eu chamo Gladys para cuidar disso.

— Eu posso andar sozinha, não preciso da *sua* ajuda. — Os lábios dela se fecharam em um bico e ele ergueu uma sobancelha.

— Princesinha...

— Pare de me chamar assim! — Ela explodiu, perdendo o equilíbrio por um momento. — Acha que pode ficar fazendo isso comigo? Me tratando como rainha para então partir meu coração e depois ficar sendo gentil de novo?! Eu não aguento isso, Rannolf. Você precisa decidir o que quer de mim! — Os olhos dela começaram a se encher de lágrimas e ele ficou sem reação. — Eu não estou pedindo que me ame, eu sei que nunca vai. Sei que sou só um meio para conseguir herdeiros e que aprendeu a se acostumar comigo, que nunca vai passar disso. Eu não sou burra, eu sei que não seremos um casal modelo de sentimentos. Mas ao menos me deixe te amar! Prometo que não vou mais mencionar isso, que vou continuar agindo como antes, se apenas me prometer que não vai tirar isso de mim. Eu não mando em como me sinto, Rannolf, então não se afaste de mim por causa disso. Não faça eu me arrepender de ter te escolhido. — Ela se perdeu nas palavras por causa da bebida, gaguejando em algumas, mas só parou quando as lágrimas começaram a cair.

Rannolf não pensou, apenas se aproximou e a puxou para seus braços, apertando-a contra seu peito enquanto as lágrimas encharcavam sua camisa.

— Shh, calma. Não precisa chorar, Mel. — Ele a afastou um pouco, segurando seu rosto com as mãos. — Pode me amar o quanto quiser, Princesinha. Eu não vou lhe impedir, se entender que *não posso* sentir o mesmo. Eu apenas queria lhe proteger, pode reconhecer que eu estava certo, não pode? Bastou começar a me amar e olhe seu estado. — Ele balançou a cabeça, a puxando para perto novamente e beijando sua testa. — Eu apenas não queria

destruí-la.

— Um pouco tarde demais para isso. — Ela fungou, dando uma risadinha. — Eu amo você. É a última vez que vou dizer, juro.

Ela o abraçou e ele se manteve quieto, aproveitando a sensação dela em seus braços. Esperou até que ela se acalmasse por completo e a afastou um pouco, passando um braço em volta de sua cintura.

— Vamos, você precisa de um banho para se livrar do cheiro de rum. E é melhor cuidar destes arranhões em sua perna, não acha? — Ela assentiu e ele se abaixou, passando um braço por seus joelhos e a erguendo do chão. Levou ela até o quarto, a deixando em pé ao lado da porta. — Vou pedir para que algum criado prepare um banho, volto num instante.

A maioria dos criados havia ido dormir, mas ele encontrou duas criadas de quarto e pediu que preparassem um banho quente para a Duquesa. Elas apenas assentiram, correndo para fazer o que foram mandadas. Ele voltou para o quarto, a encontrando em sua poltrona, com o copo de whisky dele nas mãos. Ele ergueu uma sobrancelha.

— Pensei que não fosse mais beber hoje.

— Queria saber a diferença entre whisky e rum. — Ela girou o copo nas mãos, erguendo o olhar para ele. — Posso?

— Bem, depois de meia garrafa de rum, um gole a mais ou a menos de whisky não deve fazer mal. — Ele deu de ombros, se aproximando dela. O copo estava pela metade ainda. — Beba devagar, whisky deve ser apreciado e não engolido de uma vez. Os escoceses trabalham duro nisso, ao menos servem para algo. — Ele riu, vendo ela revirar os olhos enquanto ria também.

Ela aproximou o copo dos lábios e tomou um gole lentamente, arregalando os olhos. Ele observou ela fazer duas caretas diferentes antes de erguer o olhar.

— É forte. Muito forte. Como bebe isso todo dia? — Ela deixou o copo sobre a mesinha e ele riu.

— Anos de prática me deixaram quase imune ao álcool. — Ele deu de ombros. Uma das criadas bateu na porta, avisando que havia preparado uma banheira no quarto de banho ao lado. Ele assentiu e as dispensou pela noite, se virando para Melissa. — Vamos Princesinha, seu banho está pronto.

Ela estendeu os braços para ele que riu e a puxou para si, carregando-a até o quarto de banho. A banheira no centro estava cheia e ele parou ao lado dela, fechando a porta atrás de si. Se aproximou da esposa, começando a desabotoar seu vestido. Ela tentou resmungar, mas ele a ignorou.

— Nem pense que eu vou lhe deixar sozinha em uma banheira depois de ter bebido. Seja boazinha e não me deixe ficar viúvo tão cedo, certo? — Ela olhou para ele por alguns segundos e assentiu, deixando que ele tirasse seu

vestido. Botão por botão Rannolf foi soltando o vestido, em seguida desamarrando a chemise. Se agachou ao lado dela e a fez levantar um pé de cada vez, tirando as meias rasgadas com cuidado ao passar pelos arranhões.

Ele nunca havia dado banho em alguém antes, mas não podia ser muito difícil. Estava a ajudando a entrar na banheira quando ela segurou sua camisa, os olhos verdes o encarando.

— Você vai entrar comigo, não vai?

— Melissa, você bebeu. Seria uma péssima ideia eu entrar nessa banheira com você. — Ele balançou a cabeça, tentando ignorar o apelo que os olhos dela lhe causavam.

— Por favor, eu prometo me comportar. Só quero que você fique perto de mim. — Malditos olhos verdes piscando. Rannolf bufou, se rendendo.

— Tudo bem, mas não vá se acostumando a me vencer assim. — Ele sorriu, vendo ela bater palmas. Melissa bêbada era fascinante, ia de brava à triste ou feliz em questão de minutos. Ele já estava um tanto desarrumado mesmo, então bastou tirar a camisa e calça para se juntar a ela na banheira.

A banheira era espaçosa e Melissa não era muito grande, então ele se recostou na banheira, puxando ela para a sua frente, a cabeça em seu peito. Ele ficou distraidamente com as mãos na barriga dela, observando a forma como ela relaxava na água e nos braços dele. Era um encaixe perfeito a forma como a cabeça dela ficava em seu peito, como ela era do tamanho certo para que ele a envolvesse. Não queria nem pensar que quase a havia perdido. Só percebeu que tinha começado a deslizar as mãos para cima e para baixo pela cintura dela quando a ouviu rir.

— O que foi? — Ele ergueu uma sobrancelha, sorrindo. — Não posso ser carinhoso com minha esposa?

— Pode, é que faz cócegas. — Ela deu uma risadinha e ele deu um meio sorriso.

— Cócegas é? Assim? — Ele mudou o movimento carinhoso dos dedos, se aventurando a fazer cócegas nela. Nunca havia feito cócegas, mas a julgar pela risada dela, parecia estar dando certo.

— Chega, chega... Rannolf! — Ela gritou entre as risadas, o fazendo rir e parar, vendo a respiração ofegante dela. — Eu te odeio, sabia?

— Não odeia não. Você me ama, disse isso ainda hoje. — Ele riu, só percebendo as palavras após terem deixado sua boca. Não pensou que fosse capaz de aceitar aquele sentimento e agora estava ali, brincando com isso. Balançou a cabeça, sentindo ela se aconchegar em seu peito.

— Mas agora eu odeio. — Ela riu, bocejando. Ele ergueu uma sobrancelha.

— E que tal me odiar da cama, onde não vai se afogar ao pegar no sono?

— Talvez seja uma boa ideia... — A voz dela estava começando a soar muito sonolenta e ele se apressou em levantar da banheira, carregando ela junto. Haviam dois roupões na parede, então ele vestiu um e a enrolou no outro, caminhando com ela até o quarto. A deixou ao lado da cama enquanto procurava uma camisola no baú dela, mas aparentemente seu conhecimento em vestuário feminino se baseava em despi-las apenas e não sabia diferenciar uma chemise de um traje de dormir.

Quando se virou para ela, Melissa já havia resolvido o problema: estava vestida com uma camisa dele que tirou de alguma das gavetas. Ele balançou a cabeça, incapaz de conter um sorriso. A camisa dele parecia um vestido muito curto nela, alcançando metade das coxas. Ele deu de ombros, deixando a camisola dela de lado e indo vestir um calção para dormir. Quando tirou o roupão ouviu uma risadinha dela.

— Posso saber o que foi agora?

— Seu traseiro. É bonitinho. — Ela deu uma risadinha, o fazendo gargalhar. Melissa bêbada era definitivamente mais atrevida que quando estava sóbria. Ele amarrou o calção e se aproximou dela, a puxando para perto.

— Eu realmente espero que você se lembre de ter dito isso amanhã de manhã. — Ele riu, a puxando para um beijo, sem se permitir que demorasse demais.

A puxou para a cama, deitando com ela sobre seu peito e puxando um cobertor sobre ambos. Ela se aconchegou em seu peito e ele sentiu a prata do colar dela contra seu peito.

— Boa noite. — Ela sussurrou, fechando os olhos. Ele ficou um bom tempo afagando os cabelos dela, observando a respiração dela se tornar mais suave ao pegar no sono. O colar estava sobre seu peito, a gravação na parte de trás virada para cima. Ele encarou aquelas palavras, pensativo.

— Ich liebe dich... — Sussurrou, adormecendo antes que pudesse entender no que exatamente estava pensando.



Capítulo 18

Depois de tudo eles voltaram ao normal, um companheirismo mútuo. Melissa não estava mais dizendo que o amava, mesmo ambos estando cientes do sentimento, e estavam se dando bem. Ela estava feliz assim. Voltaram aos passeios pela propriedade, com ele lhe mostrando o bosque nesta tarde.

— Rannolf, são só árvores... — Ela riu enquanto caminhavam para dentro do bosque, vendo ele erguer uma sobancelha.

— Só árvores? Princesinha, não estaríamos casados se não fosse por uma árvore. — Ele deu um meio sorriso. — Mas não são as árvores que quero lhe mostrar, e sim... aquilo. — Ele fez uma pausa enquanto dava mais alguns passos, parando em frente a um espaço mais aberto onde havia um lago com algumas poucas árvores em volta.

Melissa ficou boquiaberta, olhando em volta. Parecia o tipo de lugar descrito em romances, um lago escondido entre as árvores. Ela sorriu, se virando para ele.

— É lindo. — Ela sorriu, se aproximando dele e ficando na ponta dos pés, lhe dando um beijo curto. Ele deu aquele meio sorriso que a derretia, passando um braço em volta de sua cintura.

— E o melhor é que não podemos ser vistos da casa. — Ele mordiscou a orelha dela ao sussurrar isso, vendo ela dar uma risadinha ao se arrepiar.

— Rannolf, não pode estar insinuando que nós... aqui? — Ela entrelaçou os dedos no cabelo dele, vendo ele rir e assentir.

— Claro que posso, e estou. Por que acha que esperei até um dia de sol para lhe trazer aqui? Não está tão frio hoje, e eu posso muito bem lhe manter aquecida durante um mergulho. — Ele piscou um olho, e ela sentiu as bochechas corarem.

— Rannolf, você não pensa em outra coisa?

— Ao seu lado? É bem difícil. Ainda mais se continuar dizendo meu nome toda vez que fala... — Ele mordeu o lábio inferior dela e se afastou, começando a desamarrar a gravata. — Eu irei dar um mergulho, se quiser me acompanhar...

Ele deixou a gravata aos seus pés, desabotoando o colete e o largando no chão também. As botas e meias foram em seguida. Melissa não podia acreditar no que estava vendo, a coragem dele. E acreditava menos ainda em seu próprio impulso de fazer o mesmo. Ainda se sentia como na primeira vez quando o via se despir, cada vez percebendo um detalhe novo no corpo dele. Dessa vez, quando ele virou as costas e começou a andar até o lago, ela viu uma pequena cicatriz entre o lado direito e o meio de suas costas. De longe parecia a largura

de uma faca, que a fez imaginar em que briga ele havia se metido para conseguir aquilo. Ele olhou para ela por cima do ombro, uma sobrancelha erguida.

— Vem comigo, Princesinha? Ou vou ter que ir buscá-la? — Ela iria até o inferno com ele se pedisse, mas o olhar dele foi tão divertido que resolveu provocar.

— Não se atreveria. — Ela mordeu o lábio inferior para conter um sorriso quando ele se virou totalmente e veio em sua direção.

— Se tem algo que eu faria é me atrever, sabe disso. — Ele se aproximou, a segurando pela cintura e a erguendo do chão. Melissa deu um gritinho, envolvendo os braços no pescoço dele e as pernas em sua cintura.

— Eu vou cair! — Ela riu, segurando-se nele, que a carregava para o lago. — Rannolf meu vestido! Não posso ensopar meu vestido assim...

Ele revirou os olhos, a puxando mais contra si e a fazendo dar um gritinho, enquanto ria. Mudou o trajeto e apoiou as costas dela contra o tronco de um salgueiro a beira do lago. A forma faminta como a encarou fez Melissa sentir arrepios do dedinho do pé até o último fio de cabelo. Ela mesma não resistiu e o puxou contra si, colando seus lábios aos dele.

O que começou como um beijo normal, apenas para provocá-lo um pouco antes de irem para o lago, mas nenhum dos dois pareceu capaz de parar. Enquanto ela puxava os cabelos dele, Rannolf começou a desabotoar o vestido dela. Quando os botões cederam, Melissa sentiu as costas contra a árvore, pensando que talvez deixaria arranhões depois, mas valeriam totalmente a pena. Soltou ele por um instante, deixando o vestido cair até a cintura e voltou a puxá-lo contra si, inclinando a cabeça contra a árvore quando ele começou a descer beijos por seu pescoço e até o decote da combinação que ela estava usando por baixo do vestido.

Os lábios e língua dele fizeram o caminho com o qual ela já estava se acostumando, seguindo a trilha entre seus seios até alcançar um deles e prender o bico enrijecido entre os dentes, arrancando suspiros dela. Melissa fechou os olhos, sentindo a luz do sol em seu rosto enquanto ele explorava seu corpo. As mãos dele a seguraram com mais firmeza, uma delas subindo sua saia. A ereção dele pressionada contra ela através da calça, fazendo com que ela agarrasse os cabelos dele com mais força. Queria ele dentro de si, ali, naquele momento, contra aquela árvore.

— Rannolf... — Ela arfou, movendo os quadris contra ele. Deslizou uma mão até chegar entre seus corpos, desamarrando a calça dele o mais rápido que foi capaz. Quando o tecido cedeu, ela enfiou a mão por dentro da calça, abrindo os olhos a tempo de ver ele arfar. Sorriu vitoriosa, queria deixá-lo tão louco quanto ele a deixava. Ao menos desta vez ela tomaria o controle. Ele gemeu um

“princesinha” e ela sentiu uma onda de poder. — Shh, Meu Duque. Você é meu, certo? Então deixe que eu lhe dê ao menos um pouco do que recebo todos os dias.

Ela soube que o havia vencido no momento que o ouviu arfar e sentiu a testa dele apoiada contra seus ombros. Ainda estava com as pernas em volta dele, mas conseguiu empurrar sua calça para baixo apenas o suficiente para vê-lo. Ainda achava fascinante o quão macio ele era contra seus dedos, a forma como a pele acompanhava seu toque... definitivamente não era como o das esculturas gregas. Ela sorriu, se aventurando naquilo, descobrindo toque a toque o que fazia mais efeito, com o que ele perdia o ar e o que o fazia apertar mais as mãos em volta da cintura dela.

— Princesinha, eu preciso... — Ele se interrompeu quando ela mudou a pressão com que o apertava. Melissa se sentiu poderosa, dando um sorrisinho.

— Hoje você vai ter que pedir, Meu Duque.



Aquela pequena traçoeira. Com essa frase ele entendeu o que ela estava planejando, devolver na mesma moeda as vezes em que ela a fez pedir que a tomasse. E com a forma como ela o segurou, quase se rendeu. Quase.

Mordeu o ombro da esposa, ouvindo a reação enquanto o seu corpo se arrepiava. Manteve uma mão em sua cintura enquanto a outra desceu até o lugar onde tanto queria estar, entre as pernas dela. Chegou perto de se render mais uma vez quando sentiu o quão pronta ela estava, quente e receptiva, cada dia mais surpreendente ao mesmo tempo que se tornava familiar a ele. Deslizou os dedos lentamente, da forma que já sabia que a deixava louca. Melissa era impaciente e sempre que ele demorava demais para lhe dar o que queria, ela perdia o controle.

— Rannolf, isso não é justo... — Ela resmungou, remexendo os quadris contra ele. Nunca falhava.

— Se quiser algo terá que pedir, Princesinha. — O sorrisinho voltou ao rosto dele, se desfazendo em um gemido quando ela o apertou com mais força.

— E que tal se... nenhum de nós pedir nada hoje? Um pelo outro, Rannolf. — Ela o puxou contra si, arrancando seu fôlego quando o pressionou contra sua entrada.

— Acho justo. — Ele mal soube como conseguiu falar, a puxando contra si e a penetrando de uma vez só, se deliciando com a forma como os lábios dela se abriram e os olhos de fecharam.

As mãos dela se fecharam nos ombros dele, todo o ar sendo levado de seus pulmões. As pernas apertando-o pela cintura, o segurando colado a si. Sussurrou

um “Rannolf” enquanto se movia em direção a ele, seu corpo silenciosamente pedindo por mais, que ele deu com todo o prazer. A cada estocada que dava recebia como recompensa uma arfada dela, as unhas descendo por suas costas. Não prestou atenção na ardência dos arranhões, muito mais concentrado na sensação de possuir e pertencer que tinha dentro dela. Sentiu quando ela começou a perder o controle e deslizou uma mão entre os dois, os dedos a pressionando apenas um pouco em seu ponto mais sensível, a levando por um precipício de prazer, explodindo apenas segundos após ela.



Melissa amava árvores. Depois daquele momento, árvores se tornaram sua coisa favorita no mundo e ela não pôde nem evitar rir de pura felicidade ao pensar nisso. Se afastou lentamente dele, deixando seus pés caírem no chão enquanto apoiava a testa no peito dele. Ambos ainda estavam ofegantes, exaustos e satisfeitos. Ela sentiu o sorriso dele quando a ergueu nos braços novamente, carregando-a até o lago.

— O que pensa que está fazendo? — Ela riu, enquanto balançava as pernas para chutar o vestido para fora de seu corpo.

— Eu disse que iríamos nadar, Princesinha. Não é culpa minha se me fez antecipar metade da diversão. — Ele riu enquanto ela revirava os olhos, entrando na água com ela nos braços. Melissa deu um gritinho quando sentiu a água gelada contra seu corpo.

— Rannolf! Você sabe que eu detesto água fria. — Ela resmungou, ainda rindo um pouco.

— Em dois minutos já vai estar acostumada. — Ele sorriu, a soltando para que pusesse os pés no chão. A água estava quase em seu pescoço, enquanto nele ficava na metade do peito. Ela fez um bico.

— Por que você precisa ser tão grande? — Ele ergueu uma sobrancelha e ela deu um tapa em seu peito, balançando a cabeça. — Na altura!

— Já parou para considerar que talvez você é quem seja pequena demais Princesinha? — Ele riu, levando uma mão aos cabelos dela e soltando os grampos que ainda restavam do penteado desfeito pela árvore.

— Não, porque eu não sou. Todos os outros que são altos demais, simples. — Ela fez uma expressão séria mas acabou rindo, se aproximando e passando as mãos pela cintura dele, recostando a cabeça em seu peito. Os batimentos acelerados como sempre a fez sorrir.

— A árvore arranhou suas costas. — Ele comentou, deslizando as mãos pelas costas e pela cintura dela, de forma distraída.

— E eu arranhei as suas. Valeu a pena. — Ela sorriu, fechando os olhos. — Podemos vir mais vezes aqui antes de voltarmos para Londres, certo?

— Quantas vezes quiser. — Ele apoiou o queixo na cabeça dela e Melissa pôde ter certeza de que ele estava pensando o mesmo que ela.

Aquela havia sido sua melhor tarde em muito tempo.



Capítulo 19

Eles haviam acabado de chegar de volta a Londres depois da lua de mel. Depois da noite confusa em que bebeu demais ela perdeu a vergonha ao lado dele. Quando um homem a vê largada no chão da cozinha, lhe dá banho e coloca para dormir e dias depois acontece aquele momento do lago, é meio difícil ainda ter alguma vergonha que seja. Agora eles estavam entrando na Casa Hampton em Londres, seu novo lar. Era uma sensação estranha ser a senhora de uma casa.

— Acho que agora eu sou realmente a Duquesa de Hampton, não é? — Ela se virou para ele, que assentiu.

— Bem-vinda ao lar, Duquesa. Boa sorte planejando bailes e tomando chás. — Ele riu, vendo ela revirar os olhos enquanto caminhavam pela casa.

— Falando nisso, preciso organizar logo nosso primeiro baile. Tenho uma nova reputação a zelar: a de anfitriã.

— Graças a Deus minha única função nisso é ficar parado ao seu lado e sorrir. — Ele riu, dando de ombros. — Vamos, tenho que lhe mostrar os aposentos da Duquesa. Não que vá passar muito tempo lá. — Ele deu um meio sorriso. — Mas Gladys é capaz de me enforcar com um pano de pratos se eu não lhe mostrar o trabalho que ela teve ao escolher o papel de parede.

Melissa riu, seguindo ele pelas escadas, dando início oficialmente a sua nova vida. E por incrível que pareça, tinha ótimas esperanças quanto a isso. Ele a deixou na porta do quarto.

— Vai ficar bem sozinha? Preciso resolver alguns assuntos.

— Sem problemas. — Ela sorriu. — Te vejo hoje à noite. — Ela ficou na ponta dos pés, dando um beijo curto nos lábios dele. Rannolf sorriu, mordiscando de leve o lábio inferior dela antes de se virar e desaparecer nas escadas.

Ela entrou no quarto que agora lhe pertencia, sendo surpreendida pela decoração. Estava similar ao quarto que tinha em casa e ela se perguntou se Gladys haveria falado com alguma de suas antigas criadas. Sobre a escrivaninha na parede estava um envelope. Ela franziu o cenho, andando até lá. Sobre o envelope podia ler as palavras “Para Melissa Rasbury, Duquesa de Hampton”. Abriu, se deparando com uma caligrafia trabalhada. Olhou logo o nome na assinatura e sorriu ao ver que era a cunhada.

Cara Melissa,

Você não me conhece, mas sou sua cunhada, Christine. Não sei se meu irmão lhe explicou o motivo de sermos afastados, mas quero que saiba que não é

uma escolha minha não mantermos contato. Imagino que saiba que eu recentemente tive um bebê, certo?

Gostaria de convidá-la para conhecer seu sobrinho, Maxwell Rannolf Montrell. Eu agradeceria muito se conseguisse trazer meu irmão também, mas Ranny é cabeça dura, então boa sorte com isso. Estarei aguardando uma resposta sua.

*Com carinho de sua nova irmã,
Christine Rasbury Montrell.*

Melissa leu a carta duas vezes para ter certeza. A cunhada a estava convidando para uma visita e Melissa soube que Rannolf nunca aprovaria. Mas sua curiosidade sobre Christine era grande, então decidiu tomar esta decisão por conta própria e começou a escrever uma resposta.



Dois dias depois ela estava cruzando os portões da residência de Christine, sem que Rannolf nem imaginasse. Havia ainda comprado um presente para o sobrinho, um lindo cavalinho de brinquedo guardado em uma caixinha. Foi recebida pelo mordomo, que a deixou entrar de prontidão assim que informou ser a Duquesa de Hampton e a guiou até a sala de visitas, onde se deparou com a mulher mais linda que já viu na vida.

Lady Christine tinha os cabelos loiros num tom que a fez pensar na luz do sol e olhos num tom acinzentado de azul. À primeira vista, não se parecia muito com o irmão, mas Melissa percebeu que o formato dos olhos e do rosto eram iguais. Nos braços dela estava um pequeno embrulho de panos, do qual Melissa só conseguiu ver o rosto e as mãos do bebê. Ao mesmo tempo uma sorriu para a outra.

— Então finalmente eu vejo o rosto da mulher capaz de domar meu irmão. É um prazer conhecê-la. — Christine sorriu, simpática.

— Eu não diria domar, mas estou tentando. — Melissa riu. — Igualmente.

— Venha, sente-se. Sinto muito não me levantar, mas ele acabou de adormecer e que Deus nos proteja se acordar por acidente. — Ela riu e Melissa se aproximou, sentando-se na poltrona ao lado do sofá.

— Ele é lindo. — Sorriu. — Trouxe um presente. É algo simples, de última hora, mas achei que seria errado aparecer aqui sem nada.

— É a única tia do menino, só por existir já está lhe dando um presente maravilhoso. — Christine deu um sorriso, que se desfez alguns instantes depois.

— Rannolf não quis vir?

— Nem contei a ele que viria aqui. Ele tentaria me fazer mudar de ideia e eu realmente queria lhe conhecer.

— Ele continua teimoso, então. Espero que um dia ele entenda que eu ter me casado não me faz nem um pouco menos irmã dele. — Ela suspirou, desviando o olhar para o bebê.

— O problema não é você ter se casado, é ter se apaixonado. “O amor leva a ruína”. — Melissa fez uma imitação da voz dele, que Christine respondeu com uma gargalhada.

— Ainda isso? Pensei que após tantos anos e ter até se casado ele teria superado esse medo de amar. — Christine olhou para a cunhada, uma sobranceira erguida com uma expressão que a deixou muito parecida com o irmão. — Como você aguenta?

— Eu mesma não sei. Estamos casados há duas semanas e já quase desisti. — Ela olhou para a cunhada e soube que poderia confiar nela. — Cometi o erro de dizer que o amava, no dia em que ele me explicou toda essa aversão que tem ao amor. Pensei que perderia meu marido naquela noite pela forma como ele reagiu.

— E como não perdeu? Se bem conheço meu irmão, ele teria fugido ou lhe mandado para longe no mesmo instante. — A cunhada balançou o bebê nos braços, curiosa.

— Algumas noites depois tivemos uma conversa e consegui fazê-lo aceitar que ser amado não iria matá-lo. Acho que ele mesmo não percebe o quão apavorado fica diante do sentimento. Não sei se algum dia serei capaz de fazê-lo mudar quanto a isso, mas não vou desistir. — A voz de Melissa soou mais confiante do que ela realmente se sentia.

— Ele precisava de um culpado pela morte de nossos pais e optou pelo amor. Não sei se ele lhe contou, mas a queda que nossa mãe sofreu, que a levou ao parto antecipado foi por tropeçar em um brinquedo. Nunca soubemos se era um brinquedo meu ou dele, mas no fundo ele se culpou por isso, ao menos no começo. Depois o culpado passou a ser o amor e ele acreditou nisso tão fielmente que acho que convenceu até a si mesmo. Ele não entende que não foi culpa de ninguém, foi uma fatalidade. — Christine suspirou, balançando a cabeça. — Eu era nova demais para me lembrar em detalhes, mas ele tem cada segundo cravado na memória. Ele estava com ela quando mamãe partiu, e foi o último a falar com papai. Todo o peso recaiu sobre ele.

— Ele era apenas uma criança, vocês dois eram. Não mereciam ter passado por isso. — Melissa engoliu em seco, imaginando como teria reagido se fosse com ela.

— Eu segui em frente. Gostaria que ele pudesse fazer o mesmo. — Ela olhou para a cunhada, sorrindo. — Na verdade esse foi um dos motivos pelo qual a convidei para me visitar. Acredito que se alguém é capaz de fazê-lo superar este medo, esse alguém é você.

— Pelo meu próprio bem, eu espero que você esteja certa. — Melissa sorriu. — E qual o outro motivo?

— Bem... — Christine olhou para o bebê e para Melissa. — Gostaria que o convencesse a ser padrinho do meu filho. Vocês dois na verdade. Sei que é difícil que ele aceite, mas Ranny é a única família que me restou. Por mais que eu ame Carllos e a família dele, eles não são sangue do meu sangue. O único que sempre tive foi meu irmão, e agora meu filho. Não é à toa que o segundo nome dele é Rannolf. — Christine sorriu. — Maxwell era nosso pai.

— Maxwell Rannolf. É um ótimo nome. — Melissa sorriu, olhando para o bebê. — Vou tentar falar com ele. Não posso garantir nada, mas irei me esforçar. Quero poder ser parte da vida de meu sobrinho, e quando tiver filhos quero que eles conheçam *todas* as tias, não apenas minhas irmãs. Você merece o mesmo direito que elas.

As duas sorriram e Melissa sentiu ali o começo de uma ótima amizade. Passaram boa parte da tarde conversando, tomando chá. Christine era fascinante. A tarde já estava no final quando o pequeno Max acordou, fazendo aqueles barulhinhos de bebê que são inexplicáveis e ainda assim um dos melhores sons no mundo. Melissa sorriu enquanto via ele abrir os olhos, num tom de verde acinzentado.

— Ele tem os olhos do pai. — Christine sorriu. — Carllos teima que parecem os meus, mas eu tenho olhos azuis. Os dele que são mais parecidos com o verde. Com exceção do nariz, esse menino não tem nada dos Rasbury. — Ela riu, balançando a cabeça. Melissa sorriu, esticando uma mão e tocando de leve o rostinho dele.

— É lindo. — Sorriu. Quando olhou para Christine, o olhar da cunhada estava fixado nela, com o cenho franzido. — O que foi?

— Esse seu colar... tenho a impressão de que já o vi antes. — Christine deu de ombros. — Onde o comprou?

— Na verdade, foi seu irmão quem me deu. Pertenceu à mãe de vocês. — Melissa sorriu meio envergonhada, imaginando se Christine ficaria chateada ao ver o colar da mãe com ela.

— Este era o colar de mamãe, que ela ganhou quando ficou noiva? Pensei que nem existisse mais. — Ela sorriu. — Combina com você.

— Obrigada. — Melissa sorriu, segurando o coração de prata entre os dedos. — Só gostaria de saber o que significam estas palavras atrás, Rannolf não

quis me responder.

— Está escrito o que?

— “Ich Liebe Dich”. — Melissa leu as palavras no colar, vendo a cunhada arregalar os olhos. — Sabe o que significa?

— Sei, sei sim, é em alemão. — Christine parecia surpresa, e em seguida deu um sorriso. — Significa “eu te amo”.



Capítulo 20

Rannolf estava trabalhando nas finanças quando ela entrou, atravessando a porta do escritório como uma tempestade, e ele soube que não iria mais trabalhar naquele fim de tarde. Sorriu para ela, que não retribuiu. Ergueu uma sobrancelha.

— O que foi? Aconteceu algo?

— Não exatamente. — Ela deu alguns passos, fechando a porta e se apoiando na mesa dele. — Fiz uma nova amiga hoje. Você a conhece, Lady Montrell. Bem, a esposa do Montrell mais novo. — Ele sentiu o sangue esfriar nas veias quando ela disse isso, balançando a cabeça.

— Falou com Christine? Por que fez isso, Mel? — Ele raramente a chamava de Mel, então não era um bom sinal.

— Ela, a sua irmã, minha cunhada. Sabia que eu queria conhecê-la e foi conveniente que ela tenha me mandado uma carta. E ela é muito simpática, me tratou extremamente bem. — A esposa o encarou e Rannolf suspirou, começando a entender a forma estranha como ela estava agindo.

— Diga logo o que quer dizer, você é péssima contornando algo. — Um riso escapou dele e ela acabou dando um sorrisinho.

— Ela sente sua falta, Rannolf. Sabia que o segundo nome do bebê é em sua homenagem? Conheci meu sobrinho também. Maxwell Rannolf Montrell, pequeno o suficiente para ser carregado com apenas um braço. Os olhos lembram o formato dos seus, mas são azuis como os de Christie. — Christie?! Estavam mais próximas do que ele imaginou.

— Ela sabia o que estava fazendo quando se casou com ele, não fui eu que a afastei. — Ele já havia repetido isso tantas vezes que estava começando a perder o sentido.

— Aí que está, foi sim. Foi seu medo de amor, sua ideia de que é um sentimento ruim que a manteve longe. Se dependesse dela, vocês nunca teriam se afastado. — Melissa o encarou e ele notou algo diferente por trás dos olhos dela. — Vocês são família, a única que restou um para o outro...

— Você é minha família agora, Princesinha. — Ele não havia percebido que a considerava assim até o momento em que as palavras saíram. Ela sorriu, mas não desistiu.

— Meu amor, você entendeu muito bem o que eu quis dizer. — Ela deu a volta na mesa, se aproximando dele e sentando em seu colo, com as pernas para o lado. — Já fazem tantos anos, por que não dá uma chance a ela?

— Melissa, eu já lhe expliquei... — Ele passou as mãos em volta da cintura

dela, sem querer discutir aquilo de novo.

— Por favor, por mim. Quero que conheça seu sobrinho e que ela conheça nossos filhos. Podemos ser uma família completa. — Ela piscou aqueles malditos olhos verdes e ele suspirou, balançando a cabeça.

— Se eu disser que irei pensar no caso, você se dá por satisfeita?

— Muito! — Ela sorriu, dando um beijinho no rosto dele, mordendo o lábio inferior em seguida. Nervosismo. — E tem mais uma coisa...

— O quê? — Rannolf a observou, se perguntando o que ela tinha em mente. Sua esposa era uma caixinha de surpresas, sempre que ele pensava a ter desvendado por completo, algo novo surgia por debaixo da superfície.

— Ela reconheceu o colar que você me deu. Para ser mais exata, ela me disse o que as palavras significam. “Ich Liebe Dich”. — Ela deu um sorrisinho, e ele finalmente entendeu. As malditas palavras do colar, é claro. — E antes que faça essa cara ou diga que não sabia o significado, Christine me contou sobre a governanta alemã que seus pais tiveram e que você sempre soube o que eram aquelas palavras.

— Melissa, você sabe que eu...

— Não é capaz de amar, eu sei. Não estou lhe pedindo nada, querido. — Ela tocou seu rosto com uma mão, deslizando os dedos pela barba dele. Meu amor, querido. Dois termos pelos quais ela não o tinha chamado ainda, e agora ambos numa mesma conversa. — Estou apenas dizendo que sei o significado das palavras, e fico feliz. Podem não refletir seus sentimentos, mas refletem os meus. Já é suficiente, lembra?

— Sabe que eu às vezes não entendo sua mente, não sabe? — Ele estava confuso, isso era um fato impossível de se negar. Ela riu, assentindo.

— Sei disso. — Ela sorriu, lhe dando mais um beijo no rosto. — Vou lhe deixar voltar ao trabalho, só queria dizer isso. Te vejo no jantar?

Ele assentiu e ela o beijou mais uma vez, em seguida se levantando e deixando o escritório com Rannolf encarando a porta sem entender quase nada do que havia acontecido ali.



Ela sabia que ele pensaria que enlouqueceu, mas não se importava. Não hoje. Depois que Christine lhe contou sobre o colar, ela veio o percurso todo de carruagem até em casa pensando nisso, mais especificamente na noite em que bebeu mais rum do que deveria. As memórias eram nubladas e um pouco confusas pelo álcool, mas ela tinha certeza quase absoluta de que antes de dormir escutou ele sussurrar aquelas três palavras. Poderia estar sonhando alto, mas

havia começado a pensar que ele mesmo não estava ciente dos próprios sentimentos.

Ela nesse momento entrou nos seus aposentos de Duquesa, a cama intocada onde não havia dormido uma noite sequer, ficando sempre com ele no quarto ao lado. Deixou seu corpo cair sobre as almofadas, sorrindo para o teto sobre sua cabeça. Agora tinha certeza absoluta de que não cometeu um erro ao se casar com ele. Talvez ela só estivesse louca, sonhando com algo que gostaria de ter acima de tudo, mas talvez ele sentisse algo mais profundo por ela e não fosse capaz de perceber por si próprio, e ela não gastaria seu tempo insistindo. O que eles tinham agora, contrariando todas as suas expectativas, era suficiente. Ela estava feliz, é o que importa.

E sua missão agora seria convencê-lo a se reaproximar da irmã. Christine sentia falta dele e pela forma como ele reagia ao tocar neste assunto, era óbvio que sentia falta dela também. Melissa já havia notado que ele tinha algo com seus olhos, sempre que o olhava muito diretamente ele cedia, e usaria isso contra ele. Era por uma boa causa, afinal.

Naquela noite quando dormiram, ela embalada pelo som do coração dele, mais uma vez teve a impressão de tê-lo ouvido sussurrar algo.



Ele pensou muito para tomar aquela decisão. Mais de uma vez pensou em desistir, e estava se sentindo como um moleque assustado quando bateu na porta dos Montrell. Teria rido da expressão de espanto do mordomo se não estivesse tão concentrado em seus próprios pensamentos.

Durante a última semana Melissa passou todos os dias comentando algo sobre a irmã, sobre como ele deveria visitá-la, que precisava conhecer o sobrinho. E cada vez que lhe pedia isso, ela abusava do poder que seus olhos tinham, mas ele não a deixou saber que foi convencido. Decidiu esperar, e só após a conversa com a irmã é que contaria para a esposa como foi. Não queria decepcionar Melissa se não conseguisse se entender com Christine.

O mordomo o levou até uma sala de visitas, onde encontrou a irmã sentada em uma poltrona. Ao seu lado estava um pequeno bercinho com o bebê dentro. Christine não havia mudado nada durante estes anos, tinha os mesmos olhos cinzentos e cabelos dourados do dia em que partiu. O mesmo sorriso que tinha desde que era uma menininha, e nos olhos dela surgiram lágrimas que não eram de tristeza. Ela correu para ele, se jogando nos braços do irmão como se ainda fosse uma menininha que sentiu a falta dele enquanto estava em Eton. Rannolf nem pensou duas vezes antes de retribuir ao abraço.

— Senti sua falta. — Ela sussurrou, sorrindo entre as lágrimas. — Pensei que nunca mais falaria comigo.

— Agradeça a Melissa por isso, só estou aqui graças a ela. — Ele não iria mentir, e a irmã parecia já suspeitar disso.

— Mas está aqui, é o que importa. — Ela secou as lágrimas, sorrindo. — Venha, preciso lhe apresentar a alguém muito especial. — Ela andou até o bercinho, pegando o bebê. — Conheça Maxwell Rannolf, seu sobrinho.

— Parece com você. — Rannolf se aproximou dela e da criança, sem saber o que fazer. Era a primeira vez que estava tão perto de um bebê. Christine viu a expressão dele e riu.

— Ranny, ele é um bebê, não um explosivo. Venha, segure seu sobrinho. — E simplesmente colocou a criança nos braços dele, que não fazia ideia de como segurar um bebê, mas fez o melhor que pôde. O Pequeno Max não chorou, então deveria ser um bom sinal. Ele não conseguiu conter um sorriso para a criança e ergueu o olhar para a irmã.

— Eu deveria ter vindo antes. Sempre acreditei que você tinha arruinado a própria vida, mas isto aqui, — Ele balançou o bebê de forma desajeitada. — Não tem como ser algo ruim. A verdade é que mal consigo lembrar por que fui tão contra que se apaixonasse. É algo que Melissa me disse recentemente, quem tem *medo de amar* sou eu, e meu medo não pode interferir com mais alguém.

— Sua esposa é um anjo. — Christie sorriu, se sentando novamente no sofá e fazendo sinal para que ele se sentasse também. — E o talento que ela tem para lhe fazer ver coisas óbvias... gostaria que a tivesse conhecido antes. Teria nos dado muito mais tempo. — Ela riu, e ele mesmo se sentindo culpado, sorriu também.

— Eu a conheci no momento certo. Ela mudou minha vida em tantos aspectos, Christie. Pelo amor de Deus, ela me fez vir aqui! E eu sempre jurei que ninguém me faria voltar atrás. — Ele riu. — Mas você não devia ter dito a ela o que o colar significa. Por mais que ela diga que não, eu a conheço. Deve estar pensando que há alguma esperança pra mim, alguma redenção. No fundo ela acredita que se eu pude aceitar o amor dela, e agora o seu, eu mesmo possa acabar sentindo isso.

— E o que ainda te faz pensar que não pode? Eu conheço você, irmão, mesmo após todos esses anos. E conheço ela. Sua esposa não é garota comum, na verdade, eu acredito que seja impossível olhar nos olhos dela sem se encantar. Até Max ficou encantado e ele mal abre os olhos ainda! — Christine riu e Rannolf acabou acompanhando.

— Os olhos... se Melissa quisesse, ela conseguiria vender um copo de água ao oceano. Ela lhe contou sobre a primeira vez que nos vimos? — Christine

negou com um movimento de cabeça. — Foi num jardim, em um baile. Não fazíamos ideia de quem o outro era, mas os olhos dela brilhavam até no escuro, não é algo que se possa resistir.

Christine encarou o irmão, um sorriso bobo se formando em seu rosto. Não haviam se falado em cerca de dez anos e agora ali estava ele, casualmente conversando com ela sobre a mulher com quem se casou e que permitiu que eles se reaproximassem. Nunca pensou que veria o irmão assim.

— Ah Ranny... não percebe o modo como fala dela? Deve ser o único que não enxerga os sentimentos que tem. — Ela ignorou a cara que ele fez. — Até Max deve perceber, e ele mal tem um mês de vida. — Ela riu enquanto ele revirava os olhos.

— Christie, não comece com essas besteiras. Claro que eu sinto algo por ela, é minha esposa, mas não é amor. É apenas um carinho, uma consideração, nada mais.

E pela forma como ele desviou o olhar, Christine soube com toda a certeza que o irmão estava apaixonado. E não podia estar mais orgulhosa.



Um mês depois.

Melissa estava com um humor maravilhoso. Havia passado à tarde com Emilly, Corine e Christine, que estava se tornando uma terceira irmã para ela. A mais velha estava entrando no quinto mês da gravidez e o pequeno Max estava maior a cada dia. Corine estava adorando a posição de Condessa, estava inclusive organizando um final de semana em sua casa de campo na semana seguinte, com só Deus sabe quantos convidados, Melissa não prestou atenção nos números. Havia outro cálculo em sua mente naquela tarde, mais especificamente de datas em uma parte em especial do mês. Sempre havia sido péssima para se lembrar disso. Eventualmente as três notaram o quão distraída ela estava.

— Mel? Pretende nos dizer o que está acontecendo ou só vai ficar aí sem prestar atenção em nada do que dizemos? — Corine encarou a irmã, fazendo as outras rirem.

— Eu vou dizer, só estava calculando algo mentalmente. Datas, para ser exata.

— Datas de quê? — Emilly sempre foi a mais inteligente das três e foi a primeira a desconfiar.

— Da última vez que minhas regras vieram. — Melissa deu uma pausa para os gritinhos histéricos das irmãs. — Tenho certeza que veio antes do

casamento, mas não consigo lembrar com exatidão se veio depois.

— Consegue lembrar quantos dias antes do casamento? — Christine olhou para a cunhada, analisando-a da cabeça aos pés.

— Na semana anterior ao casamento. Se minhas contas estiverem certas, eu devo estar...

— Grávida! — Corine se empolgou, batendo palmas. — É claro que está.

— Corine, as regras às vezes apenas se atrasam. — Christine a corrigiu. Melissa sempre achava divertido ver as duas, a mais nova e a mais velha do grupo. A cunhada se virou novamente para ela. — Dá para sentir. Se estiver desde o casamento, já pode sentir se pressionar sua barriga bem aqui. — Ela mostrou em si mesma o ponto na base da barriga, se virando para Emilly. — Você é a grávida com dois filhos, eu estou certa?

— Está sim. — Emilly assentiu, se voltando para a irmã. — Mel, venha cá. — Melissa obedeceu, se aproximando da irmã. Emilly segurou a mão dela, a colocando sobre o local exato. — Não precisa de muita força, se sentir algo mais firme, é seu bebê.

Melissa respirou fundo, os olhares das três sobre ela. Tomou coragem e pressionou onde a irmã mandou, arregalando os olhos ao sentir algo mais firme contra seus dedos. Seus olhos se encheram de lágrimas e as irmãs se levantaram, a abraçando todas de uma vez. Melissa sentiu seu coração se acelerar, sendo tomada pelas emoções. Estava grávida de Rannolf, esperando seu primeiro bebê. Todos os seus sonhos estavam se tornando realidade.



Rannolf detestava reuniões do parlamento. Se tivesse escolha, não participaria de nenhuma, mas o que o animava durante as horas de falação insuportável era saber que a esposa o estaria esperando quando chegasse em casa. A vida com Melissa estava sendo melhor do que poderia ter imaginado quando a escolheu como noiva, em momento nenhum de sua existência ele pensou que se casar fosse ser algo bom, mas agora ali estava, entrando em casa e subindo direto para o quarto em busca dela.

E ela estava lá, sentada na poltrona que um dia foi dele. Rannolf sorriu, tirando o paletó e o deixando sobre um cabide enquanto ela se levantava.

— Boa noite. Pensei que não voltaria hoje. — Ela riu, se aproximando e lhe dando um beijo leve nos lábios.

— Se dependesse de mim, não teria nem saído de casa. — Ele deu de ombros, desamarrando a gravata. — Como foi seu dia?

— Passei a tarde com nossas irmãs. Cori está preparando um evento no

campo na próxima semana, melhor já ir se preparando.

— Alguns dias no campo, sem absolutamente nada relevante para fazer? Soa quase como o paraíso. — Ele se sentou ao lado da cama, desamarrando as botas. Melissa ficou calada por um instante, coisa que não era comum dela. — Alguma novidade?

— Não exatamente... — Ele não precisou olhar para saber que ela mordeu o lábio inferior, já conhecia ela bem demais. — Lembra antes de nos casarmos, quando você disse que só estava se casando porque precisava de um herdeiro? — Ele murmurou alguma concordância, chutando as botas para longe. — Bem, se o de agora for um menino, problema resolvido.

Ele pôde ouvir o sorriso na voz dela, mas demorou alguns instantes para assimilar as palavras, lentamente se virando para ela, o queixo caído.

— Melissa, você está...? — Ele ergueu ambas as sobrancelhas, ainda a encarando. Os lábios dela se curvaram em um sorriso, assentindo.

— Tive certeza hoje. — As mãos dela cobriram a barriga. — Nosso primeiro filho.

— Mel...

Ele andou até ela, tentando entender todas as sensações que o atingiram, se sentindo um tanto nocauteado. Já vinha algum tempo que se sentia assim ao lado dela, mas dessa vez foi mais forte. Ao se aproximar, envolveu a cintura dela com os braços, perdendo seu olhar naquele mar verde que ela carregava nos olhos. Não encontrou palavras, então apenas a beijou na esperança de que pudesse expressar com seus lábios tudo o que estava sentindo. Ela havia se tornado a coisa mais importante que ele tinha na vida e agora estava carregando um filho deles. Uma criança que ele esperava com todas as forças que herdasse os olhos dela.

— Eu amo você. Sei que não gosta quando eu digo, mas eu precisava dizer isso agora. — Ela sussurrou e ele balançou a cabeça, sorrindo.

— Diga o quanto quiser, Princesinha. Pode repetir o dia inteiro se quiser, é mais do que justo. — Ele segurou com uma mão o coração prateado que ela nunca tirava, sentindo o próprio coração a beira de explodir. — “Ich Liebe Dich” ... — Ele repetiu as palavras, erguendo o olhar para ela. A sensação em seu peito ardendo ao ouvir a própria voz e foi então que ele entendeu.

Contrariando todas as possibilidades, todo o medo que sentiu a vida inteira, Rannolf a amava. A força daquela percepção foi tanta que ele caiu de joelhos, encostando a testa contra a barriga dela. Sentiu as mãos dela em seu cabelo, ouvindo ela rir.

— Tudo isso porque eu estou grávida? Não quero nem imaginar como vai ser quando o bebê nascer... — Ela riu e ele ergueu o olhar.

— Eu amo você. — A interrompeu, sentindo o carinho dela em seus cabelos parar, o rosto dela congelando em uma expressão de surpresa.

— Rannolf...

— Eu amo você, Melissa. — Ele se levantou, tomando o rosto dela nas mãos. — Creio que já venho amando há algum tempo, mas só agora me dei conta disso.

— Rannolf, se isso não for verdade... — Os olhos dela se encheram de lágrimas, se segurando na camisa dele.

— É verdade. Por mais impossível e assustador que pareça, é verdade. Só pode ser amor isso. Meu coração acelerado ao seu lado, a necessidade que eu tenho de te ver, a calma que eu sinto quando me abraça. O amor que eu vi em meus pais e que sempre temi era a maior força na vida deles e você é a maior força na minha. Eu amo você, Melissa Josephine Rasbury. Minha Princesinha, minha esposa, minha Mel. — Ele sorriu, secando as lágrimas que rolavam pelo rosto dela. Quando ela também se abriu em um sorriso ele teve mais certeza ainda.

Amava ela, e não passaria mais nenhum dia sem dizê-lo. E foi com a força desse amor que a beijou, sentindo todos os seus medos se esvaírem.



Epílogo

Hampshire, 1830.

Rannolf pulou de onde estava escondido, vendo o filho gritar e correr até ele. Kenneth estava com três anos e exatamente como Rannolf havia imaginado, ele tinha os olhos da mãe. Estavam em sua propriedade de Hampshire para o período fora da Temporada e costumavam aproveitar os dias de sol para brincar ao ar livre. Anos atrás, ele nunca se imaginaria fazendo isso, e agora não conseguia imaginar sua vida sem a esposa e os filhos. Ele havia encontrado na nova família o que nunca imaginou que buscava.

Pegou o filho no colo, colocando-o sobre os ombros. Kenny riu, segurando os cabelos do pai como se fossem rédeas.

— Upa, cavalinho! — Rannolf riu, correndo com o filho pela grama. Ali estava ele, o Duque de Hampton, um dos homens mais ricos de toda a Inglaterra, sendo chamado de “cavalinho” pelo seu herdeiro, o jovem e nada preparado Marquês de Lisbourne. E não podia pensar em um título melhor. Depois de algumas voltas pelo espaço, ele se abaixou para que o filho descesse de suas costas. — Papai, eu quero correr mais!

— Mais tarde, Kenny. Mais tarde. — Ele sorriu, bagunçando os cabelos do filho. — Agora, que tal chamar sua mãe e suas irmãs? Ela e sua tia disseram algo sobre estarem preparando um piquenique...

Foi só mencionar comida que o filho saiu correndo, enquanto Rannolf ria. Emilly, Corine e os filhos mais novos estavam passando algumas semanas com eles para ajudar Melissa. Ele olhou para a esposa ao longe, o motivo da ajuda bem óbvio em sua barriga, sete meses e meio na terceira gravidez. Rannolf amava os filhos, mas quase enlouqueceu nas outras duas vezes e agora não seria diferente.

Quando Kenneth nasceu, o médico não permitiu que ele ficasse no quarto com ela, e Rannolf ainda sentia calafrios só de pensar no déjà vu que teve ao andar por aquele corredor enquanto esperava alguma notícia da esposa. Havia notado realmente sua semelhança com o pai no momento em que primeiro se preocupou em ver se ela estava bem, antes de olhar mesmo para o filho. Na segunda gravidez não estavam em Londres e a parteira da vila era mais liberal em relação a presença dele e ele pôde estar presente no nascimento das gêmeas. Duas meninas idênticas, Ellen e Eleanor, a primeira a nascer recebendo o nome da mãe dele. Havia um quadro dela na biblioteca e a cada dia as meninas se pareciam mais com a avó. Elas ficaram com os olhos castanhos, idênticos aos dele.

Agora na terceira gravidez ele estava mais preocupado que nunca. Melissa estava com trinta anos, a idade que a mãe tinha na terceira gravidez, quando tudo deu errado. Ele tentava controlar o medo, mas em algumas noites tinha pesadelos em que ele perdia Melissa, onde só este pensamento já o destruía. Ela era sua vida e após ter demorado tanto para encontrá-la, nunca seria capaz de abrir mão.

Nesse momento ela se aproximou, cada gêmea em uma mão, enquanto Emilly carregava a cesta de piquenique. Ele sorriu, se aproximando da esposa e lhe dando um beijo rápido, em seguida se abaixando e abrindo os braços para as filhas o abraçarem. As duas gritaram “papai” em uníssono enquanto se jogavam em seus braços, quase o fazendo perder o equilíbrio.

— Assim vocês me derrubam! — Ele riu, abraçando as duas. — Como estão as minhas meninas? Cuidando bem da mãe de vocês?

— Mamãe, sim. — Ellen assentiu, enquanto Eleanor brincava com a barba do pai, batendo as mãozinhas no rosto dele.

— Papai também. — Ela riu, abraçando ele pelo pescoço. — Tem bolo! — Ela apontou para a cesta que a tia colocou no chão. Melissa riu, balançando a cabeça para as filhas.

— Vamos, deixem o pai de vocês respirar um pouco. — As meninas o largaram no mesmo instante, correndo atrás do irmão. Rannolf se levantou, passando uma mão em volta da cintura dela, a outra em sua barriga. Ela sorriu. — Estou torcendo para que seja outro menino, Kenneth precisa de um irmão para atormentar antes que enlouqueça todos os primos. — Ela fez um gesto com o queixo na direção aonde Kenny e Robert estavam correndo. Eram quase como irmãos, tinham poucos meses de diferença. Elliot estava nos braços de Corine, era um ano mais novo que as gêmeas.

— Seria justo. — Ele riu, se aproximando e beijando o rosto dela. — Está se sentindo bem? Nenhuma dor, nenhum sangramento?

— Querido, você sabe que não precisa me perguntar isso a cada duas horas, não sabe? — Ela sorriu, vendo ele fechar a expressão. — Eu estou bem, totalmente bem, e se algo acontecer, eu prometo que será o primeiro a saber.

— Eu me preocupo com você, Princesinha. Queria um marido que a amasse, agora terá que lidar com a preocupação. — Ele piscou um olho, os dois rindo.

— Por um amor como o nosso? Posso lidar com toda a preocupação do mundo, Meu Duque. — Ela sorriu, tentando ficar na ponta dos pés para alcançá-lo, sem muito sucesso graças ao peso. Rannolf riu, se inclinando para baixo e a beijando.

Ajudou ela a se sentar no banco que haviam posto nos arredores do lago e voltou a olhar para os filhos. As gêmeas estavam sentadas na grama ao lado de

Corine, brincando com o bebê como se fosse uma boneca, cada uma segurando uma de suas mãozinhas. Ellen falando sem parar sobre alguma história que tinha inventado, enquanto Eleanor fazia caretas para o priminho. Ellen, Eleanor e Elliot. Rannolf sempre ria das irmãs terem posto nomes parecidos nos filhos.

Ouviu a risada de Kenny e seguiu o som, vendo os dois meninos usando gravetos como espadas, lutando para defender o que poderia jurar que era “a Princesa Barriguda” e precisou conter um ataque de riso ao imaginar a reação de Melissa se escutasse aquilo. Seu olhar acabou se direcionando para o salgueiro onde quatro anos antes ele e Melissa se amaram, só agora percebendo de fato que já a amava naquele dia. Vendo a esposa e os filhos ali, lhe ocorreu que seu maior medo e o que sempre pensou que seria sua ruína, acabou por ser sua salvação.

E que, às vezes, o amor pode nascer em uma árvore.

Table of Contents

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Epílogo</u>